

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - MESTRADO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO**

**ANTÓN MAKARENKO E A CONSTRUÇÃO DE UMA TEORIA  
PEDAGÓGICA A PARTIR DA PRÁXIS EDUCATIVA: A EDUCAÇÃO  
DO HOMEM SOCIALISTA**

**LEILIANE APARECIDA ALCANTARA FELIX**

**MARINGÁ  
2015**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - MESTRADO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO**

**ANTÓN MAKARENKO E A CONSTRUÇÃO DE UMA TEORIA PEDAGÓGICA A  
PARTIR DA PRÁTICA EDUCATIVA: A EDUCAÇÃO DO HOMEM SOCIALISTA**

Dissertação apresentada por Leiliane Aparecida Alcantara Felix ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração: EDUCAÇÃO.

Orientador:

Prof. Dr. João Luiz Gasparin.

**MARINGÁ  
2015**

LEILIANE APARECIDA ALCANTARA FELIX

**ANTÓN MAKARENKO E A CONSTRUÇÃO DE UMA TEORIA PEDAGÓGICA A  
PARTIR DA PRÁTICA EDUCATIVA: A EDUCAÇÃO DO HOMEM SOCIALISTA**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. João Luiz Gasparin (Orientador) – UEM

---

Profa. Dr<sup>a</sup> Sandra Aparecida Pires Franco – UEL

---

Profa. Dr<sup>a</sup> Marta Sueli de Faria Sforzi – UEM

---

Profa. Dr<sup>a</sup> Ângela Mara de Barros Lara – UEM (Suplente)

---

Profa. Dr<sup>a</sup> Maura Maria Morita Vasconcellos – UEL (Suplente Externo)

MARINGÁ, \_\_\_\_\_ DE \_\_\_\_\_ DE 2015.

*Aos trabalhadores  
que afrontam a lógica destrutiva do capital  
e que lutam cotidianamente  
em função da emancipação humana.*

*Aos meus pais, Antônio e Maria, por terem me proporcionado a educação que lhes foi  
negada e por me ensinarem desde a mais tenra idade que nada é impossível de mudar!*

## AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, João Luiz Gasparin, por me acolher em um momento de dificuldade e por seus preciosos ensinamentos, no campo científico, mas sobretudo por mostrar que as relações acadêmicas podem e devem ser permeadas pelo respeito. A ele o meu sincero muito obrigado e minha eterna gratidão, sem seu acolhimento este sonho não se efetivaria.

Aos meus pais, Maria e Antônio, por todo o amor e confiança em mim depositados. Pelos valores e conhecimentos transmitidos. A eles devo quem sou e dedico meu amor mais sincero.

Aos meus irmãos, Fernando e Gilberto, amigos para toda a vida.

Ao meu namorado, Paulo, por estar ao meu lado em todos os momentos, demonstrando o quanto a vida pode ser mais doce e colorida.

À minha grande amiga, Kelly, por acreditar em mim, quando eu mesmo não o fiz. Sua amizade me fortalece e renova as minhas crenças no ser humano.

Ao meu grande amigo, Eduardo, por sua presença alegre e contagiante e por seu apoio incondicional.

Aos membros da banca, professoras: Angela, Marta, Maura e Sandra, pela disposição em colaborar com a elaboração deste trabalho, agradeço imensamente as contribuições realizadas no processo de escrita da dissertação.

Aos professores do Programa de Pós Graduação em Educação, de quem tive o prazer de ser aluna nesta trajetória, por compartilharem comigo seus conhecimentos.

Aos funcionários do Programa de Pós Graduação em Educação, Hugo e Márcia, pela disposição em colaborar.

À CAPES, pela ajuda financeira concedida no último ano de mestrado.

Para nós é pouco “recuperar” uma pessoa, nós precisamos reeducá-la de uma nova maneira, isto é, educá-la para que ela se torne não somente um membro inofensivo e não perigoso da sociedade, mas para que se transforme num ativista da nova era (MAKARENKO, 2012, p. 233).

FELIX, Leiliane Aparecida Alcantara. **ANTÓN MAKARENKO E A CONSTRUÇÃO DE UMA TEORIA PEDAGÓGICA A PARTIR DA PRÁXIS EDUCATIVA: A EDUCAÇÃO DO HOMEM SOCIALISTA**. 139 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientador: João Luiz Gasparin. Maringá, 2015.

## RESUMO

Neste estudo buscamos investigar a proposta pedagógica do educador soviético, Anton Semionovich Makarenko (1888-1939), presente em seu livro *Poema Pedagógico* (1935), visando destacar aspectos de sua proposta de formação humana, no intuito de contribuir com as discussões afetas à educação contemporânea, no que tange à sua organização e finalidades. Caracterizamos a proposta pedagógica de Makarenko como uma pedagogia crítica, de caráter social e relacionada à realidade dos alunos, que possuía como objetivo à formação de indivíduos integrados à possibilidade de uma sociedade socialista. Makarenko elaborou uma proposta pedagógica extremamente relacionada ao seu contexto histórico, não espontânea e baseada na exigência das potencialidades humanas. Nesse sentido, considerando sua proposição de formação, elencamos, como principais elementos, as categorias: coletividade, disciplina e trabalho, e tal escolha justifica-se pela nossa compreensão de que estas categorias nos permitem expressiva compreensão de questões centrais de sua obra. Assim, esta investigação foi motivada pela seguinte questão: Qual a proposta pedagógica de Makarenko para a formação dos indivíduos na perspectiva de uma sociedade socialista e qual a relação de sua proposição com o contexto histórico em que o pedagogo estava inserido? Como bases metodológicas e epistemológicas, elegemos o materialismo histórico-dialético, no intuito de compreendermos o contexto histórico, a vida e a obra de Makarenko. O trabalho se constitui como pesquisa bibliográfica em fontes de ordem primária e secundária. A delimitação temporal abrangeu desde o período czarista até a subida de Stálin ao poder, destacando os aspectos históricos essenciais de tal fase para a compreensão do tema, buscando compreender Makarenko e sua proposta pedagógica e literária como expressão e resposta ao seu tempo. Os resultados indicam que estudar a obra de Makarenko é essencial para o exercício de reflexão da educação contemporânea, dado o teor revolucionário de sua prática e proposta pedagógica, bem como apontam que, para Makarenko, a reeducação dos jovens delinquentes consistia em uma importante frente de formação da sociedade socialista. Tal educação objetivava formar um homem novo, com características condizentes com o novo sistema produtivo que se visava implantar; tal homem deveria estar interligado ao coletivo, sobretudo por meio das relações de trabalho útil e produtivo.

**Palavras-chave:** Makarenko. Poema pedagógico. Coletividade. Disciplina. Trabalho.

FELIX, Leiliane Aparecida Alcantara. **ANTÓN MAKARENKO AND THE CONSTRUCTION OF A PEDAGOGICAL THEORY FROM THE EDUCATIONAL VIEW: THE EDUCATION OF THE SOCIALIST INDIVIDUAL**. 139 p. Dissertation (Masters in Education) – State University of Maringá. Supervisor: João Luiz Gasparin. Maringá, 2015.

## **ABSTRACT**

This present research aimed to investigate the pedagogical proposal of the Soviet educator Anton Semionovich Makarenko (1888-1939), that is in his book *Pedagogical Poem* (1935), to highlight aspects of his human formation proposal, in order to contribute to the discussions related to the contemporary education, in terms of their organization and purposes. We characterize the pedagogical proposal of Makarenko a critical pedagogy of social nature and related to the students reality, which aimed the formation of integrated individuals and the possibility of a socialist society. Makarenko developed a pedagogical proposal extremely related to its historical context, not spontaneous and based on the requirement of human potentials. Thus, considering his training proposition, we list, as main elements, the categories: community, discipline and work, and this choice is justified by our understanding that these categories allow us to significant understanding of the central issues of his work. In this way, this investigation was motivated by the following question: What is the pedagogical proposal of Makarenko for individuals formation in the context of a socialist society and what is the relationship of his proposition with the historical context in which the teacher was inserted? What methodological and epistemological bases have we chosen to the historical and dialectical materialism, in order to understand the historical context, the life and the work of Makarenko. The work is constituted as literature on sources of primary and secondary order. The temporal boundaries ranged from the Tsarist period until the rise of Stalin to power, highlighting the historical aspects of this essential period for the subject comprehension, trying to understand Makarenko and his pedagogical and literary proposal as expression and response to his time. The results indicate that to study the work of Makarenko is essential to the exercise of contemporary education reflexion, given the revolutionary content of his practice and pedagogical proposal as well as point out that, for Makarenko, the re-education of young delinquents consisted of an important front of socialist society formation. Such education aimed to form a new man, with characteristics consistent with the new production system that aimed to deploy; a man should be linked to the collective, especially through the relations of useful and productive work.

**Keywords:** Makarenko. *Pedagogical Poem*. Collectivity. Discipline. Work.

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
2	<b>UM POUCO DE HISTÓRIA: MAKARENKO, PRODUTO E PRODUTOR DE SEU CONTEXTO HISTÓRICO</b> .....	20
2.1	O PEQUENO MAKARENKO: A INFÂNCIA ENTRE LIVROS E NARRAÇÕES.....	21
2.2	O JOVEM MAKARENKO: O INÍCIO DA CARREIRA DOCENTE.....	32
2.2.1	<b>Makarenko tornou-se adulto perante um cenário de guerra e transformações</b> .....	38
2.3	A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO DE 1917: MAKARENKO REVOLUCIONÁRIO.....	46
2.4	A DITADURA DO PROLETARIADO: A INSURREIÇÃO DO POVO.....	54
2.4.1	<b>O fim da trajetória: os anos finais de vida</b> .....	63
3	<b>A CONSTRUÇÃO DE UMA TEORIA PEDAGÓGICA A PARTIR DA PRÁXIS: A EDUCAÇÃO DO NOVO HOMEM</b> .....	66
3.1	UM CENÁRIO DE TRANSFORMAÇÃO: O PROLETÁRIO APRENDE A LER.....	69
3.2	A PEDAGOGIA MAKARENKIANA: O INÍCIO DE UMA NOVA VIDA.....	74
3.2.1	<b>Coletividade</b> .....	79
3.2.2	<b>Disciplinas</b> .....	106
3.2.3	<b>Trabalho</b> .....	117
4	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	129
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	135

## 1 INTRODUÇÃO

Iniciamos este trabalho, afirmando que se trata de uma elaboração inacabada, porque não tivemos com ele a intenção de esgotar as discussões afetas à temática, como postula o próprio método que inspirou a obra de Makarenko: a história é dialética, é movimento. Nossa dissertação se configura como resultado de pesquisa teórico-bibliográfica sobre a proposta pedagógica do pedagogo russo, Anton Semionovich Makarenko (1888-1939), e teve como principal fonte de pesquisa sua obra *Poema Pedagógico*, na qual o autor apresenta os princípios de seu projeto pedagógico de formação humana.

A realização da presente pesquisa foi motivada por nossa trajetória de estudos e da atividade profissional como professora auxiliar nos primeiros anos do Ensino Fundamental I e na educação infantil. Durante a graduação em licenciatura plena em Pedagogia, iniciada em 2009, na Universidade Estadual de Maringá, foi-nos concedida a oportunidade de conciliar os estudos teóricos e as práticas pedagógicas.

Por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência – Pibid<sup>1</sup>, coordenado pela professora Dr<sup>a</sup> Maria Angélica Francisco Olivo Lucas, tivemos nossas primeiras experiências docentes e pudemos acompanhar a rotina escolar de duas instituições públicas do município de Maringá-Paraná. Tal vivência foi essencial para nossa trajetória acadêmica, pois nos colocou em contato direto com nosso atual campo de atuação e com as contradições inerentes à escola na organização capitalista.

Destacamos, aqui, a vivência na Escola Municipal Benedita Natália Lima, localizada no bairro Santa Felicidade, um dos mais pobres do município de Maringá. Durante o ano de 2010, trabalhamos com alunos do segundo ano do Ensino Fundamental e enfrentamos uma realidade miserável e endurecida. Tal experiência foi motivadora para ampliarmos nossos estudos acerca da sociedade capitalista e das possibilidades de superação de tal organização social.

Durante o período de graduação, tivemos nossas primeiras aproximações com os escritos clássicos de Karl Marx, Friedrich Engels e com autores contemporâneos, que se ocupam em estudar a Ciência da História, e, dentre os quais, no cenário nacional, enfatizamos Sérgio Lessa (2012a; 2012b; 2014a; 2014b) e Ivo Tonet (2005; 2007; 2012).

---

<sup>1</sup> O PIBID é uma iniciativa para o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores para a educação básica. O programa concede bolsas a alunos de licenciatura, participantes de projetos de iniciação à docência, desenvolvidos por Instituições de Educação Superior (IES) em parceria com escolas de educação básica da rede pública de ensino. Os projetos devem promover a inserção dos estudantes no contexto das escolas públicas desde o início da sua formação acadêmica para que desenvolvam atividades didático-pedagógicas sob orientação de um docente da licenciatura e de um professor da escola (CAPES, 2008).

Desenvolvemos nossa pesquisa e estudos, tendo como referência as elaborações de autores da teoria histórico-cultural, que tem como precursores Lev Semenovitch Vigotski (1896-1934), Alexei Nikolaevich Leontiev (1903-1979) e Aleksandr Romanovitch Luria (1902-1977).

Estudamos esse referencial, pois o mesmo apresenta elementos basilares para a reflexão e a concretização de um ensino de qualidade e uma prática pedagógica humanizadora.

Nosso interesse pelo estudo da educação e dos processos de ensino e aprendizagem e de seus expoentes se desenvolveu durante a realização da pesquisa de conclusão do curso de pedagogia, no qual estudamos a história das instituições de educação infantil em Maringá, no período compreendido entre as décadas de 1960 e 1970. Apesar de o mencionado trabalho se configurar como uma pesquisa inicial, durante sua elaboração os estudos acerca da Ciência da História foram aprimorados, e tomamos consciência da importância de investigarmos os aspectos históricos, políticos, econômicos e educacionais de dada realidade, no intuito de compreendê-la em sua totalidade.

Tal trajetória foi essencial para escolha do tema desta dissertação. A investigação da obra de Antón Makarenko se configura como um estudo bibliográfico, que pretende, por meio do estudo histórico, compreender a obra do autor em seu contexto histórico e sua contribuição para a educação.

Para a realização de nossa pesquisa, levamos em consideração, especialmente, a categoria marxiana totalidade. Compreendemos as categorias como instrumentos metodológicos de análise e de compreensão da realidade social, sendo elas históricas e transitórias e visam compreender a sociedade em sua profundidade, ou seja, sua estrutura e dinâmica, tudo isso atrelado ao movimento da história. Vale aqui mencionar que as categorias analíticas são inseparáveis, ou seja, não há como compreendermos uma sem fazermos analogia à outra, de tal forma fazem parte de uma mesma “totalidade”. O Dicionário de Filosofia, de Nicola Abbagnano (2007), entre as significações para a palavra categoria, apresenta a seguinte:

Em geral, qualquer noção que sirva como regra para a investigação ou para a sua expressão lingüística em qualquer campo. Historicamente, o primeiro significado atribuído às C. é realista: elas são consideradas determinações da realidade e, em segundo lugar, noções que servem para indagar e para compreender a própria realidade (ABBAGNANO, 2007, p. 121).

Para a realização de nossa análise, consideramos de extrema importância valer-nos da categoria *trabalho*, pois a entendemos como categoria central para compreendermos o homem

em sociedade. O ato de transformação da natureza, a fim de atender às necessidades humanas, é denominado trabalho; apenas os homens, entre todas as outras espécies vivas, trabalham, apenas eles têm a capacidade de planejar idealmente suas ações. De acordo com Netto e Braz (2006, p. 32), “[...] o trabalho é uma atividade projetada, teleologicamente direcionada, ou seja: conduzida a partir do fim proposto pelo sujeito”. O trabalho é uma atividade social e coletiva, é por meio dele que o homem se tornou ser social, e a humanidade se formou.

As considerações acerca do método até aqui mencionadas são essenciais para a compreensão da obra de Makarenko e de seu contexto histórico, período compreendido pelos anos anteriores à Revolução Russa de 1917, os anos da revolução e os anos posteriores.

Tratar da obra de Makarenko, ainda desconhecida por muitos educadores e pesquisadores da educação, no Brasil, apresenta-se como um desafio, sobretudo de ordem ideológica, pois seus pressupostos teóricos e suas proposições são contrários à lógica capitalista vigente. Porém, entendemos que a obra de Makarenko deve ser retomada, dado seu caráter revolucionário. Nesse sentido, postulamos que estudar a obra de Makarenko se traduz na análise de um autor clássico. No dicionário Houaiss deparamo-nos com a seguinte definição para a palavra “clássico”: algo que diz respeito àquele que “que serve de modelo; exemplar, tradicional; obra ou autor que constitui modelo digno de imitação; que resiste ao tempo” (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 163).

Para este trabalho, consideremos a definição de Duarte para clássico:

É possível que os clássicos, tal como chamamos na linguagem corrente, sejam justamente isso: aquelas obras nas quais, de modo sempre enigmático, o tempo se oferece a nós para uma apropriação singular e criativa. São as obras cuja verdade nunca se fecha em si mesma, mas permanece aberta e, por isso, acontecendo – e nos tocando. No contato com os clássicos, experimentamos, então, o acontecimento de sua verdade que, por ser não apenas fruto do tempo, mas também agente do tempo, jamais cessa de acontecer: ontem, hoje e amanhã (DUARTE, 2008, p. 195).

Makarenko é um clássico, um homem que foi capaz de entender as contradições de seu tempo e propor uma educação para a formação de um novo homem, o homem socialista, com o intuito de superar o sistema econômico vigente. Ainda hoje é capaz de provocar reflexões nos indivíduos que se ocupam em pensar e discutir a educação atual e a do futuro. Compreendemos que não cabe a Makarenko responder aos problemas e contradições da educação de nosso tempo, todavia é fundamental conhecermos a obra do autor e, sobretudo, compreendermos a sociedade de forma dialética, materialista e histórica. Para melhor

compreendermos as elaborações de um autor, devemos considerar os determinantes sociais que o envolvem, sobretudo os de seu tempo de vida.

Em nossos estudos, destacamos a necessidade de compreendermos o contexto histórico em que as elaborações de Makarenko foram desenvolvidas e as leituras que fundamentaram as elaborações do autor, ou seja, o cenário político e econômico da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, do início do século XX, e os preceitos do materialismo histórico-dialético, expressos nas elaborações de Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895).

Destacamos aqui que as elaborações de Luedemann (2002) e Capriles (2007) tiveram especial importância em nosso trabalho, por apresentarem elementos essenciais acerca da vida e obra de Makarenko, bem como por indicarem referências fundamentais para a elaboração desta pesquisa.

Antes de continuarmos, consideramos importante fazermos referência ao pressuposto teórico-metodológico que adotamos, porque é por meio dele que nossa pesquisa se efetiva, falamos da Ciência da História. Os pressupostos desse referencial científico nos indicam que a educação não se explica por si só e que só é possível compreendê-la se considerarmos a totalidade, ou seja, toda a sua história. É por essa razão que a ciência da História considera que nenhum fenômeno pode ser compreendido se for considerado isoladamente, fora dos fenômenos que o rodeiam, porque assim ele seria convertido em algo sem sentido. Mas, ao considerarmos as condições que o circundam, o mesmo é compreendido e justificado.

A ciência da história, ou materialismo histórico dialético, foi desenvolvida por Karl Marx e Friedrich Engels, a partir da publicação do manifesto comunista, em 1848. Nas palavras de Netto, é “[...] com o estímulo provocado pelas formulações do jovem Engels, acerca da economia política, que Marx vai direcionar as suas pesquisas para a análise concreta da sociedade moderna [...]” (NETTO, 2011, p. 17).

Em sua obra “A miséria da filosofia”, Marx assinala o papel central da materialidade e da história na vida dos homens, afirmando que “[...] o movimento da história produz as relações sociais” (MARX, 1985, p. 104), e retoma o tema com Engels em “A ideologia alemã”: “Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência” (MARX; ENGELS, 1986, p. 37)

Lukács, ao referir-se ao método marxista, afirma:

O marxismo ortodoxo refere-se ao seu método. Implica na convicção científica de que com o marxismo dialético encontrou-se o método correto de investigação e de que este só pode ser desenvolvido, aperfeiçoado e aprofundado no sentido indicado por seus fundadores; mais ainda: implica

na convicção de que todas as tentativas de ‘superar’ ou ‘melhorar’ este método conduziram e necessariamente deveriam fazê-lo – a sua trivialização, transformando-o num ecletismo (LUKÁCS, 1974, s/p).

Hobsbawm (1998) assevera que o materialismo histórico é uma percepção mais acertada de história, pois atenta ao que os seres humanos podem alcançar na condição de produtos e produtores desta.

O ponto de partida para a análise da vida social, para Marx e Engels, fundamentava-se nos “indivíduos reais, a sua ação e as suas contradições materiais de existência, quer se trate daquelas que encontrou já elaboradas quando do seu aparecimento, quer das que ele próprio criou” (MARX; ENGELS, 1986, p. 18), e complementam: “A primeira condição de toda a história humana, é evidentemente, a existência de seres humanos vivos” (MARX; ENGELS, 1986, p. 18).

Marx e Engels (1986) postulam que, sendo a existência humana a primazia da existência da humanidade e de toda a história, é necessário primeiramente que os homens tenham condições efetivas de sobrevivência, ou seja, tenham supridas suas necessidades básicas para se manterem vivos. Para atender a tais necessidades, o homem se viu obrigado a produzir meios para tal. Esse foi o primeiro fato histórico, de acordo com Marx, na relação com a natureza: por meio dos instrumentos os homens a modificam e se modificam, na intenção de garantir a sobrevivência da espécie humana. Ao atender às necessidades básicas, os homens criam novas necessidades, que são estabelecidas socialmente, deixando assim de serem biológicas.

A fome é a fome, mas a fome que se satisfaz com carne cozinhada, comida de faca e garfo, não é a mesma fome da carne crua, servindo-se das mãos, das unhas, dos dentes. Por conseguinte, a produção determina não só o objeto de consumo, mas também o modo de consumo, e não só de forma objetiva, mas também subjetiva. Logo a produção cria o consumidor (MARX, 1983, p. 207).

Oliveira e Quintaneiro (2002) afirmam que o processo de humanização ocorre por meio do trabalho. Apreendemos aqui trabalho como ato de transformação da natureza. Ao transformar o meio natural, para atender a suas necessidades, o homem se torna humano, ou seja, humaniza-se. Os autores (2002) afirmam que Marx aponta o trabalho como meio de produção e reprodução da vida, assim, todas as relações humanas estão arroladas à forma de organização do trabalho, ainda segundo Oliveira e Quintaneiro, “[...] é para ele que se volta o materialismo histórico, método de análise da vida econômica, social, política, intelectual” (OLIVEIRA; QUINTANEIRO, 2002, p. 33).

Na obra “O Manifesto do Partido Comunista”, Marx e Engels (1998) apresentam a essência da história humana, que é definida por esses autores como luta de classes. Ao afirmar isso, Marx e Engels evidenciam o caráter antagônico, conflitante e dialético da realidade humana. O combate entre as classes é, para Marx e Engels, o motor da história. Na sociedade capitalista, a luta entre as classes é protagonizada entre os que possuem os meios de produção e os que vendem sua força de trabalho. De acordo com ele, “[...] para oprimir uma classe, é necessário assegurar-lhe ao menos as condições mínimas em que possa ir arrastando sua existência servil” (MARX; ENGELS, 1998, p. 19).

Na mesma medida em que a burguesia – isto é, o capital – se desenvolve, desenvolve-se também o proletariado, a classe dos operários modernos, que só vivem enquanto tem trabalho e só tem trabalho enquanto o seu trabalho aumenta o capital. Estes operários, que tem que vender-se no varejo, são uma mercadoria como qualquer outro artigo do comércio e então, por isto mesmo, igualmente expostos a todas as vicissitudes da concorrência, a todas as flutuações do mercado (MARX; ENGELS, 1998, p. 20).

Afirmamos aqui que o materialismo histórico-dialético é extremamente revolucionário. A análise realizada por Marx e Engels sobre as estruturas e as superestruturas sociais capitalistas, ou seja, a dinâmica de funcionamento do capitalismo tem como objetivos primordiais rompê-las a fim de instrumentalizar proletários e comunistas para o processo revolucionário, com intuito último de instaurar o socialismo. Sobretudo em o “Manifesto do Partido Comunista” esse teor revolucionário é evidente:

Todas as classes que, no passado, conquistaram o poder procuraram conservar a situação alcançada, submetendo toda a sociedade às suas condições de apropriação. Os proletários só podem se apoderar das forças produtivas sociais abolindo o modo de apropriação a elas correspondente e, com ele, todo modo de apropriação até hoje existente. Os proletários nada tem de seu a proteger; tem a missão de destruir todas as garantias e seguranças da propriedade privada até aqui existentes. [...] O movimento proletariado é o movimento autônomo da imensa maioria no interesse da imensa maioria (MARX; ENGELS, 1998, p. 18).

Netto (2011) afiança que, apesar de Marx ser considerado o basilar elaborador do materialismo histórico-dialético, não localizamos em sua bibliografia uma obra que trate nomeadamente do método, mas a aplicação do método é visível em toda sua escrita. Netto elucida ao dizer que o interesse de Marx “[...] não incidia sobre um abstrato ‘como conhecer’, mas sobre ‘como conhecer um objeto real’ e determinado” e complementa: “Marx não deixou a Lógica, deixou a lógica d’ O capital” (NETTO, 2011, p. 27-28).

Netto (2011) , no concernente ao método para o marxismo, afirma que “[...] o método não é um conjunto de regras formais que se ‘aplicam’ a um objeto que foi recortado para uma investigação determinada nem, menos ainda, um conjunto de regras que o sujeito que pesquisa escolhe conforme sua vontade de ‘enquadrar’ seu objeto de investigação” e completa afirmando que “O método implica, pois, para Marx uma determinada posição (perspectiva) do sujeito que pesquisa aquela em que se põe o pesquisador para, na sua, relação com o objeto, extrair dele as suas múltiplas determinações” (NETTO, 2011, p. 52-53).

Compreender o método preconizado por Marx e Engels (1998) é o ponto inicial para a realização de uma pesquisa que se apresente apoiada no materialismo histórico-dialético. Ao analisarmos a história dos homens, é necessário termos um ponto de vista científico. Quando afirmamos que esta pesquisa está de acordo com a ciência da história, significa que, ao analisarmos a Rússia do final do século XIX e a URSS do início do século XX, no intuito de compreendermos a vida e a obra de Makarenko, realizamos essa incursão na história, compreendendo o passado como produção dos homens e a história como um processo dialético, determinado pela organização do trabalho. Makarenko como um sujeito histórico, por isso, preconizamos que não podemos entender a proposta pedagógica desse autor, sem analisarmos seu tempo histórico.

Esta pesquisa teve como objetivo compreender a proposta educacional de Makarenko para a formação do novo homem, o socialista, atrelado ao seu tempo histórico. Para obtermos mais objetividade sobre nosso objeto de investigação, o problema que nos desafiou, ou seja, a pergunta a que buscamos responder por meio de cada um dos capítulos e no trabalho como um todo foi assim formulada: Qual a proposta pedagógica de Makarenko para a formação dos indivíduos na perspectiva de uma sociedade socialista e qual a relação de sua proposição com o contexto histórico em que o pedagogo estava inserido?

Durante a pesquisa, constatamos como principais elementos de compreensão de seu método pedagógico as seguintes categorias: coletividade, disciplina e trabalho. As mencionadas categorias são essenciais para compreendermos a pedagogia makarenkiana, pois elas são os elementos centrais da formação humana preconizada por ele. Sua proposta, contudo, não se resume a essas categorias, aqui foram elencadas como as basilares para entendermos o cerne da proposta do pedagogo, mas existem outras categorias, como a música, o teatro, a camaradagem, entre outras, que também fazem parte do processo de formação preconizado por Makarenko, porém, nesta dissertação não tencionamos aprofundar-nos em tais elementos. Nossa intenção é a de realizarmos uma discussão com maior aprofundamento das três categorias mencionadas.

Para a realização desta pesquisa, elegemos uma obra como principal fonte de análise, sendo ela *Poema Pedagógico*. Nossa escolha não foi realizada ao acaso, mas sim intencionalmente, pois encontramos, nessa obra, elementos essenciais para alcançarmos os objetivos a que nos propusemos com esta pesquisa. *Poema Pedagógico* é composto por três volumes que somam um total de 645 páginas. A edição utilizada nesta dissertação foi publicada em 2012, pela Editora 34, e conta com os três volumes reunidos em um só livro; foi traduzida por Tatiana Belinky e conta com o posfácio de Zoia Prestes. Makarenko se dedicou à escrita do livro dez anos de sua vida, e sua publicação só foi possível graças ao incentivo de seu ídolo e amigo, Maximo Górkí, a quem ele dedicou sua obra.

Nossa escolha pela análise da obra *Poema Pedagógico* se deu pelo fato de que as narrativas apresentadas no livro são referentes à experiência do pedagogo na colônia Górkí<sup>2</sup> e retratam acontecimentos da década de 1920, período imediatamente posterior à revolução de outubro de 1917 e a instauração da ditadura do proletariado. Compreendemos que durante esse período histórico os ideais socialistas, que permeavam a URSS, eram verdadeiros e de fato vislumbravam uma sociedade sem a exploração. Esses ideais indicavam que a sociedade fosse organizada de forma coletiva e não estavam corrompidos pelo stalinismo como na década de 1930, após a morte de Lenine e a assunção de Stalin ao poder da URSS. Como afirmou o próprio Makarenko, “A nossa educação deve ser comunista e cada pessoa que educamos deve ser útil à classe operária” (MAKARENKO, 2012, p. 48).

Makarenko buscou atender à necessidade de seu período histórico, que era a de criar uma nova escola que se opusesse às existentes no czarismo e que formasse o homem necessário ao socialismo. Nesse sentido, Amboni, Bezerra Neto e Bezerra afirmam:

Criar, portanto, uma nova escola e um novo processo de ensino-aprendizagem, nas condições da sociedade socialista era essencial para romper com a escola burguesa, posto que os homens criam as circunstâncias de sua sociabilidade e de sua organização social. A educação, neste caso, era a chave que abriria as portas para consolidar o processo posto ao homem pela Revolução Socialista de 1917, na Rússia (AMBONI; BEZERRA NETO; BEZERRA, 2013, p. 3).

Em sua obra mestra, *Poema Pedagógico*, encontramos elementos essenciais para compreendermos sua proposta de pedagogia socialista. *Poema Pedagógico* é um romance, baseado em fatos reais, apenas os nomes dos personagens são inventados. Todas as situações

---

<sup>2</sup> Ao longo de sua existência, a colônia Górkí teve três sedes: Poltava (1920-1923); Trepke (1923-1926) e Kuriyaj (1926-1928).

narradas do livro ocorreram, como afirmou o próprio Makarenko em uma conferência proferida a pais e professores, como apresentou Kumarin:

Em lugar de um texto teórico, com a apresentação das teses e sua demonstração, Makarenko percebeu a necessidade de apresentar as condições particulares, concretas, do nascimento de sua proposta educacional, para que pudesse explicitar cada passo, cada decisão, cada criação pedagógica, no terreno fértil das determinações concretas e particulares da história (KUMARIN, 1975, s/p).

No livro ele narra os acontecimentos ocorridos na colônia Górkki, desde a sua fundação até quando deixa a direção para assumir outra colônia educacional. Os elementos que perpassam todas as narrativas do livro atribuem importância principal à formação da coletividade, à disciplina como meio educativo e ao trabalho na condição de formador do novo homem, sempre aliado à instrução. É sobre tais elementos que debruçamos nossas análises, pois eles são essenciais para compreendermos, ainda que inicialmente, a pedagogia desenvolvida por Makarenko.

Belinky, em nota encontrada em sua tradução do livro *Poema Pedagógico*, relata:

Foi com material tirado da própria vida que Makarenko desvendou o problema da reeducação socialista, do nascimento do “homem novo”, no coletivo e no trabalho. A atividade do pedagogo-inovador surge neste livro como a luta pelo ser humano, como atividade-criação e façanha-conquista, uma imagem da qual o próprio autor foi o mais digno representante, autêntico “herói positivo” da nova educação. O *Poema Pedagógico* é uma obra artística literária singular da criação científica na área da educação. As colocações básicas da sua teoria pedagógica inovadora são apresentadas no livro de maneira não especulativa; elas nascem do desenvolvimento dos caracteres e das personalidades, da dialética das inter-relações do coletivo e dos personagens atuantes no livro, dos conflitos da vida e das situações, numa criativa solução do difícil problema da fusão das imagens artísticas com as colocações científicas (BELINKY, 2012, s/p).

Ainda nos valendo das palavras de Belinky, a autora afirma que a principal característica do livro é ser otimista: “Apesar de todas as dificuldades, não obstante os percalços, os problemas, as derrotas incidentais, os momentos dramáticos e até trágicos, o livro é cheio de alegria e lusismo, de luz e de riso” (BELINKY, 2012, s/p). Tais palavras de Belinky não definem apenas a tônica do livro, mas toda a personalidade e a vida de Makarenko. De acordo com nossa percepção analítica, ele era de fato um homem otimista e que acima de tudo acreditava no homem e em sua mudança; tal como a teoria que fundamentava suas práticas, a dialética. Acreditava no poder da transformação por meio da mediação; para ele, nada estava fadado a existir para sempre. O próprio autor se autodefine

em *Poemas Pedagógicos* ao afirmar: “Por felicidade, sentia-me às vésperas de triunfar; para isso, era preciso ser um otimista incorrigível. Cada dia da minha vida de então misturava inevitavelmente na sua trama fé, alegria e desespero” (MAKARENKO, 2012, p. 73).

Buscando atender aos objetivos propostos e responder à questão da pesquisa, apresentamos a organização de nosso trabalho.

Na seção intitulada: “Um pouco de história: Makarenko produto e produtor de seu contexto histórico” apresentamos a biografia de Makarenko, atrelada aos acontecimentos históricos que permearam seu tempo de vida, período compreendido pelos anos anteriores à Revolução de Outubro de 1917, aos anos da revolução e aos posteriores à mesma. Nessa seção objetivamos estabelecer relações entre a trajetória de vida de Makarenko, desde a sua infância no bairro operário da província de Kharkov até sua morte prematura a bordo de um trem, com os cenários político, histórico e econômico em que o pedagogo estava inserido, buscando demonstrar a importância determinante da materialidade na vida dos indivíduos, de forma singular, e na história da humanidade. Essa seção está atrelada com a concepção marxista de que a história é movimento e é uma produção humana.

Na segunda seção, “A construção de uma teoria pedagógica a partir da práxis: a necessidade de educar um novo homem para a construção de uma nova organização social”, concentramos nossa análise na obra de Makarenko, buscando em *Poema Pedagógico* e nos elementos históricos subsídios para compreendermos sua proposta de formação humana para a sociedade socialista. Nessa seção, primeiramente nosso objetivo consistiu em apresentar ao leitor o cenário de transformação, no que tange à educação popular, que a União Soviética viveu após a Revolução de outubro de 1917, pois com a instituição do novo regime a educação das massas tornou-se prioridade. Nesse sentido, fazemos um breve paralelo entre a educação nos períodos anterior e posterior à Revolução Russa, destacando que a educação, ou o que podemos chamar de reeducação do menores que se encontravam em situação de marginalidade, após a insurreição popular, também ganhou importância para a efetivação da nova organização social. Nesse contexto, apresentamos elementos da atuação profissional de Makarenko na colônia Górkki, visando atender às necessidades de seu tempo histórico. Ainda nessa seção, dedicamos algumas páginas de nossa dissertação para tratar das categorias presentes na obra *Poema Pedagógico*, que consideramos as centrais para a compreensão inicial da proposta pedagógica de Antón Makarenko.

Em nossas considerações finais, retomamos o percurso traçado nesta dissertação e explicitamos alguns aspectos que abordam as contribuições deste trabalho para as discussões

e reflexões acerca da temática e para nossa formação como pesquisadores e profissionais da Educação.

## 2 UM POUCO DE HISTÓRIA: MAKARENKO PRODUTO E PRODUTOR DE SEU CONTEXTO HISTÓRICO

Nesta seção apresentamos o contexto histórico em que a vida e a obra de Makarenko foram produzidas. Quando afirmamos que a vida de Makarenko também foi produzida por sua conjuntura histórica, tal asseveração ocorre pelo fato de compreendermos o pedagogo como um sujeito histórico, obra e elaborador de seu tempo histórico, como todos os outros seres humanos. Entendemos, amparados no materialismo histórico-dialético, que os acontecimentos históricos, políticos e, sobretudo, os de ordem econômica delineiam a vida dos homens. Nesse sentido, o educador Makarenko que apresentaremos ao leitor só apresentou tais características, porque viveu no czarismo, presenciou a Revolução Russa e viu por meio de seus olhos a instauração de uma nova forma de governo.

Quando nos referimos à obra do autor, que neste texto apresentaremos mais adiante com mais especificidade, com destaque ao livro *Poema Pedagógico*, estamos falando de uma obra que reflete as necessidades de seu tempo histórico; nesse caso, a necessidade socialista, de uma nação em construção, que buscava superar o antigo regime e para tanto era necessário organizar uma nova educação, que formasse os homens e mulheres para a inédita organização social. Se Makarenko tivesse nascido em um dos luxuosos palácios czaristas, ao invés do casebre proletário, muito provavelmente não encontraríamos em sua obra uma proposta pedagógica socialista que defende a superação do czarismo e do capitalismo; nesse sentido, Makarenko, como todos os outros homens, é uma expressão de sua materialidade.

Nas unidades que se seguem mostraremos ao leitor a relação da vida do pedagogo com a história de seu povo, destacando o quanto tal relação influenciou o homem, o pedagogo e o escritor Makarenko.

Destacamos ainda que as transformações históricas ocorridas na Rússia, desde a época czarista até o regime implantado após a Revolução de Outubro de 1917, têm influência direta na vida e obra de Makarenko. Temos consciência de que não entendemos a educação de determinado período/lugar, sem antes compreendermos/conhecermos quais eram os aspectos políticos, econômicos e históricos vigentes naquele momento. Partimos do ideal de que nada acontece fora da história, em algum espaço desocupado ou ahistórico. Os episódios conhecidos por nós ocorrem numa dinâmica econômica e política e só se configuram como tais pelo contexto em que estão inseridos. Esse entendimento nos foi dado pelos estudos realizados acerca do materialismo histórico-dialético.

Compreendemos ser a ciência da história um dos referenciais que explicam a existência social humana. Como já apontamos, os pressupostos desse referencial nos indicam

que a educação não se explica por si só, e que só é possível compreendê-la se considerarmos a totalidade, ou seja, toda a sua história.

É por essa razão que a ciência da história considera que nenhum fato pode ser compreendido se for considerado isoladamente, fora dos fenômenos que o rodeiam, pois assim ele seria convertido em algo sem sentido. Mas, ao considerarmos as condições que rodeiam tal fato, o mesmo é compreendido e justificado. Engels salientou que “É necessário estudar novamente toda a história, – e estudar, em suas minúcias, as condições de vida das diversas formações sociais” (ENGELS, 1965, p. 416).

Nesse sentido, iniciamos a exposição de dados acerca do tempo de vida de Makarenko atrelado ao seu contexto histórico.

## 2.1 O PEQUENO MAKARENKO: A INFÂNCIA ENTRE LIVROS E NARRAÇÕES

Antón Makarenko nasceu no fim do inverno de 1888, aos 13 dias do mês de março na cidade de Belopolie<sup>3</sup>, província de Kharkov, na região da Ucrânia, em uma pequena casa, em um bairro operário próximo à rede ferroviária. O menino chegou com a primavera e foi motivo de alegria para seus pais, sobretudo para seu pai, Semion Grigorievich Makarenko, que comemorou por muitos dias a chegada de seu primeiro menino. O menino nasceu extremamente fraco, o que inspirou cuidado e mimos de sua mãe, Tatiana Mikhailovna Dergachova Makarenko, e de sua irmã mais velha, Alexandra.

Antes de adentrarmos na infância, adolescência e maturidade de Makarenko, situaremos o leitor no contexto histórico em que nasceu o pequeno Makarenko. Falamos aqui do Império Russo, que foi fundado no ano de 1721, quando o czar Pedro I, conhecido como o Grande, proclamou o império e iniciou uma expansão territorial, tornando-se, assim, o terceiro maior império da história; estendendo-se pelo Leste da Europa, Ásia e América do Norte, foi considerado o segundo maior império contíguo do mundo, em 1866 era o maior país existente. Manteve-se de pé até a revolução de 1917, quando o czar Nicolau II foi derrubado pelos revolucionários. Toda a soberania foi exercida pela família Romanov.

Na Rússia czarista predominava um cenário de extrema incoerência: de um lado, poucos gozavam de riquezas inestimáveis, enquanto a maioria da população russa morria, pelas ruas e campos, de fome e de frio, em um panorama de desolação e dor. As crianças, seres mais vulneráveis, eram vítimas da pobreza extrema de um povo que se acostumou a

---

<sup>3</sup> Fundada no início do século XVII, Belopólie, que em russo quer dizer campo branco, era, em 1900, um importante centro comercial e um ativo entroncamento ferroviário com mais de 15 mil habitantes.

viver em situações adversas à vida humana. Gogol, em sua obra literária, “Almas Mortas”, descreve uma cena comum da Rússia semifeudal, protagonizada por crianças das mais variadas idades: “[...] saiu pelos portões da hospedaria e foi recepcionada na rua por um grupo de garotos com camisas sujas, que estendiam as mãos e pediam: - Uma esmola para um pobre órfão, senhor [...]” (GOGOL, 2003, p. 10).

E, se não bastassem os fatores naturais, de invernos com temperaturas que chegavam aos 60° C graus negativos, a situação econômica na Rússia do fim do século XVIII e durante todo o século XIX era considerada primitiva; faltavam pão e lenha, elementos básicos para a sobrevivência dos homens, mulheres e crianças que povoavam o Império Russo.

A Rússia viveu uma organização social semelhante ao sistema feudal. A maioria da população fora convertida em servos, pobres camponeses, que lutavam para se manterem vivos; eram severamente explorados, expostos, sem proteção alguma à miséria, fome; orientados por superstições e confinados a uma ignorância que os fazia adorar seus próprios algozes. Em contrapartida, alheios a tal realidade, nobres bem educados e vestidos, donos de fortunas volumosas, não tinham outra ocupação a não ser gozar os benefícios das riquezas. Wood define tal cenário como um abismo social e intelectual (WOOD, 1991).

Na organização social do Império Russo, o czar representava figura máxima de poder; muitas foram as tentativas, ainda no século XIX, para que se limitassem os poderes dos czares, todas fracassaram. A Rússia vivia em um Estado monárquico.

O cenário russo, marcado pela desolação, deu origem aos primeiros descontentamentos por parte da população em relação ao regime czarista. Tal revolta ocorreu a partir do momento em que alguns russos, não governados pelo poder das superstições, tomaram conta do estado de opressão, miséria e obscuridade em que vivia o povo russo.

Alguns russos de famílias mais abastadas tiveram a oportunidade de estudar na Europa, sobretudo na França e puderam comparar duas realidades muito distintas. Ao voltar à Rússia, tinham ideais de lutar contra o sistema czarista; tal anseio ocasionou a revolta de 1825, que contou, inclusive, com a participação de Dostoiévski<sup>4</sup>. Tais manifestantes ficaram conhecidos como decembristas, pois a revolta ocorreu em dezembro. Eles foram ferozmente derrotados pelo czar Nicolau I, que, diante do acontecimento, redobrou a opressão contra o povo (PAVÃO, 2009).

Segundo Wood “[...] a rebelião foi facilmente sufocada; cinco de seus líderes foram enforcados e mais de 100 outros, sentenciados ao exílio na Sibéria. A principal razão de a

---

<sup>4</sup> Fiodor Mikhailovich Dostoiévski foi uma das maiores personalidades da literatura russa, tido como fundador do realismo.

revolução não ter acontecido foi o fato de não existir uma situação revolucionária” (WOOD, 1991, p. 22). Freitas afirma que, nesse período histórico, “[...] as elites nunca puderam contar com o auxílio das massas, em face da ignorância em que se chafurdava o país” (FREITAS, 1967, p. 18).

Após 1825, os revoltosos se calaram perante o czar, porém, o sonho de derrubar o czarismo não morreu. A classe intelectual russa começou a se formar no século XIX, influenciada, sobretudo, por autores de cunho socialista; tais intelectuais começaram a advogar contra o absolutismo e a exploração dos camponeses.

Na ocasião da morte do czar Nicolau I, em 1855, vítima de tifo, assumiu o poder seu filho, Alexandre II. Alexandre não encontrou um cenário muito favorável. Desde a revolta de 1825, o czarismo não era visto mais como verdade absoluta, e grupos contrários germinavam por toda a Rússia, exigindo mudanças. Para combater o povo cada vez mais revoltado, Alexandre II tomou algumas medidas paliativas na intenção de “acalmar” a população, porém tais medidas em nada interferiram na organização social estabelecida. A principal delas foi a abolição da escravatura; com isso apenas em 1861 o regime de servidão foi abolido da Rússia (PAVÃO, 2009).

Acerca da abolição da escravatura, Wood afirma que

Os camponeses ainda estavam sujeitos ao castigo corporal, ao recrutamento militar, ao pagamento de impostos individuais e a certas outras obrigações que outras classes sociais eram isentas. Em outras palavras, o camponês não gozava do mesmo status que as outras classes da sociedade russa. Constituíam mais uma casta em separado, com suas próprias estruturas internas, procedimentos, leis e arranjos econômicos. Além disso, a manutenção da *obshchina* como instituição oficial apesar de firmemente enraizada na tradição russa, significava que o camponês havia simplesmente trocado a submissão a seu amo pela submissão à comuna (WOOD, 1991, p. 26).

Em termos práticos, a abolição da escravatura não alterou em muito a vida da população russa. Nos campos os homens e mulheres continuavam a trabalhar sob condições desumanas. Alguns homens e mulheres chegavam a jornadas exaustivas de 18 h de trabalho, em troca apenas do que era suficiente para permanecerem vivos.

A abolição da servidão gerou o desenvolvimento das primeiras indústrias russas, dando origem ao ainda incipiente proletariado russo; foram fundadas no período de Alexandre II as primeiras escolas, pois “[...] o desenvolvimento técnico e econômico do país demandava estabelecimentos educacionais e a formação no próprio território” (PAVÃO, 2009, p. 26). Tais instituições escolares eram rigorosamente controladas pelo governo e pelo clero.

Segundo Voline, “[...] acima de tudo, o regime absolutista permaneceu intacto”, não alterando as relações sociais estabelecidas pelo czarismo (VOLINE, 1975, p. 44).

No que concerne às medidas paliativas tomadas por Alexandre II, “Somente o mínimo foi concedido para se evitar uma catástrofe iminente, diante da massa revolta, já que as liberdades de manifestação e reunião estavam impedidas [...]” (PAVÃO, 2009, p. 269), porém não evitaram que, em 1º de março de 1881, o grupo *Norodnaya Volya*, em português “Vontade Popular”, formado pela juventude socialista, assassinasse o czar. O czar foi assassinado com duas bombas que foram atiradas contra a sua carruagem.

O grupo que atentou contra a vida do czar era um dos primeiros grupos socialistas revolucionários que se formaram em território russo. Eles foram fortemente influenciados pelo marxismo, que chegara à Rússia por meio de panfletos clandestinos. De acordo com Voline, a influência marxista significou uma importante mudança nas ações dos grupos revolucionários russos. Ele afirma: “[...] como é sabido, o Marxismo expressou uma nova concepção de luta social: uma concepção a qual levou a um programa concreto de ação revolucionária e, na Europa ocidental, a um partido político da classe trabalhadora, chamado Partido Social – Democrata” (VOLINE, 1975, p. 51).

Freitas destaca, como um dos elementos que resultaram na morte do czar,

A incipiente industrialização da Rússia, criando novos problemas e agravando os já existentes, provocara, simultaneamente, uma ânsia generalizada de alterar o processo de combate ao absolutismo. Os nihilistas, com Herzen à frente compreenderam, por fim, que a filosofia do “nada” não conduzia a qualquer parte, o momento exigia ação e, sobretudo, ação destruidora (FREITAS, 1967, p. 29).

A morte do czar não significou grandes alterações no poder estabelecido. A lenda e superstição do poder czarista continuavam intactas, apesar do ataque contra a vida do czar. O povo altamente alienado, em sua maioria analfabeto, ainda venerava seus algozes. Nesse clima, Alexandre III, filho do czar morto, assumiu o poder. Os membros do grupo que atacaram o czar foram presos e mortos.

Ao assumir o poder, Alexandre III tomou medidas que causaram retrocessos em relação às tomadas por seu pai. Seu governo foi marcado pela volta total à autocracia e ao absolutismo. Pavão afirma que

Imediatamente o novo Tsar toma atitudes extremamente reacionárias, considerando as reformas feitas por seu pai como excessivas, infelizes e perigosas, enfim, um deplorável engano. É interessante percebermos que, a

partir de sua visão de classe, o Tsar não considerava o caráter opressivo do regime de seu pai e o sofrimento do povo a ele submetido (PAVÃO, 2009, p. 27).

Makarenko nasceu no reinado de Alexandre III. O pequeno menino cresceu com a mesma saúde frágil com que viera ao mundo; sua infância foi marcada por longos períodos de reclusão e dor. Por sua saúde debilitada, não pôde brincar e nem conviver com outras crianças. “Ouvia as vozes alegres que o chamavam para brincar de galinha cega na rua, mas quase nunca podia estar entre elas” (LUEDEMANN, 2002, p. 38).

A mãe de Makarenko era filha de um soldado do czar e, na Rússia semianalfabeta, era uma das poucas pertencentes à classe operária que sabia ler e escrever. Tatiana apreciava a literatura e era uma exímia contadora de histórias e uma profunda conhecedora da cultura da Ucrânia. Tais características de sua mãe possibilitaram a Makarenko uma profunda imersão na cultura e na literatura. O menino cresceu rodeado pelas canções e histórias populares de seu país, o que tornava sua vida de reclusão menos dolorosa. “Sem perceber, Tatiana estava imprimindo na alma do pequeno Anton as forças da alegria e do otimismo do jovem proletariado ucraniano contra a exploração dos príncipes e da vida miserável nos campos e nas grandes cidades” (LUEDEMANN, 2002, p. 40). Vivendo em um cenário tão rico culturalmente, incentivado, sobretudo, por sua mãe, aos cinco anos já sabia ler; por suas características físicas, preferia ouvir histórias, tornou-se um profundo observador da natureza e tinha uma curiosidade considerável. “Sempre perguntava, com uma insistência pouco comum, as causas de cada fato ou de cada fenômeno” (CAPRILES, 2007, p. 42). A mãe era para Makarenko uma figura acolhedora, que, apesar das situações adversas, sempre se mantinha esperançosa frente ao futuro.

Ao contrário de Tatiana, o pai de Makarenko era um homem de poucas palavras e que raramente demonstrava suas emoções, embrutecido pelas longas horas em que permanecia trabalhando na estação ferroviária. O pai passava pouco tempo com a família; seu semblante era sempre de um homem permeado de preocupações.

O período de infância de Makarenko foi marcado pela insatisfação com o reinado de Alexandre III, que durante o exercício do poder gerou extrema revolta entre grande parte da população russa; operários, estudantes e intelectuais estavam impregnados pela ideologia revolucionária e aspiravam à transformação. Na Rússia de Alexandre III, o cenário era desolador, as prisões estavam abarrotadas de seres, que, por fome, roubavam os proprietários de terras na busca de algo para comer. Os atos de luta eram ainda clandestinos, não tinham uma liderança estabelecida e atuavam sem planos efetivos, apenas movidos pela revolta do

momento. Enquanto isso, o czar, alheio à realidade da população, gastou fortunas no intuito de realizar pequenos luxos. Em 1883, por exemplo, instalou em seu palácio de Tsarkoe-Selo iluminação elétrica, sendo a primeira casa em toda a Europa a possuir esse tipo de instalação, desconsiderando a população que era dizimada pela fome (FREITAS, 1967).

Os revolucionários andavam pelas aldeias na busca de convencer os camponeses de que era necessário se revoltar frente à situação em que se encontravam. Os camponeses demonstravam-se receosos perante tais afirmações, ainda dominados pelo medo e pelas velhas crenças de fidelidade ao czar. Freitas afirma que “Os camponeses, na realidade, não se interessavam por política. O problema que os atormentava era de outra ordem. Era um problema que não admitia retórica e se configurava numa única e trágica palavra – fome “ (FREITAS, 1967, p. 30).

Durante o período em que o império esteve sob a liderança de Alexandre III, artística e intelectualmente houve retrocessos em relação ao período em que seu pai esteve no poder. Wood apresenta elementos importantes acerca dessa temática, ao afirmar que

Artisticamente e intelectualmente, o reinado de Alexandre III não se distinguiu por nenhuma realização particularmente notável e, na verdade, o governo que exerceu uma censura mais estrita, cerceou a imprensa e provocou o fechamento de muitos periódicos. Nas escolas e universidades, a reintrodução do princípio hierárquico assegurou que as classes inferiores da sociedade não tivessem acesso a uma educação adequada. Esta política foi estabelecida propositalmente – segundo as palavras de um famoso memorando do governo – a fim de evitar que os filhos de “cocheiros, empregados, lavadeiras, cozinheiras, pequenos negociantes e outras pessoas similares “adquirissem idéias superiores à sua classe social” que pudessem levá-los a questionar a natural e inevitável desigualdade das relações sociais e econômicas” (WOOD, 1991 p. 38-39).

No fim século XIX, a Europa já conhecia um novo sistema econômico, o capitalismo, porém o cenário econômico russo era distinto do das grandes potências europeias. A Rússia enfrentou atraso econômico e industrial, e sua forma de produção era fortemente relacionada ao campo. Enquanto a Europa caminhou para a modernidade, a Rússia era um império arcaico.

[...] a Rússia entrou o século XIX sob o comando de uma monarquia absolutista, a qual era dependente de uma enorme aristocracia militar e baseada na posse da terra, uma burocracia onipotente, um extenso e piedoso clero e uma massa de camponeses consistindo em setenta e cinco milhões de almas [...] (VOLINE, 1975, p. 27).

Apesar das tentativas de industrialização da Rússia na transição do século XIX para o XX, o império era ainda o menos industrializado de toda a Europa e com uma economia incipiente. Pavão salienta que “O comércio e a indústria eram pouco desenvolvidos e a própria burguesia era incipiente” (PAVÃO, 2009, p. 21). Wood afirma que, apesar de não acompanhar o progresso das demais nações da Europa, pela primeira vez a Rússia apresentou algum desenvolvimento industrial:

Se a atmosfera predominante na década de 1880 era de estagnação, mediocridade e repressão havia uma área em que um modesto progresso estava sendo obtido, abrindo caminho para realizações mais espetaculares da década seguinte: a indústria. Embora a emancipação não tivesse gerado nem capital nem mão-de-obra necessários a um programa mais amplo de industrialização, certos acontecimentos importantes efetivamente ocorreram entre 1861 e 1894, estabelecendo as bases da infra-estrutura do que viria a ser a revolução da indústria e da Rússia (WOOD, 1991, p. 40).

E complementa, fazendo referência aos desdobramentos do embrionário desenvolvimento da indústria do Império Russo, após a abolição da servidão, afirmando que grande parte da população russa deixou a vida de servidão, mas a vida de proletariado em pouco se distinguia da vida do camponês, por vezes se mostrando ainda mais severa do que a vida no campo, o que aumentou o descontentamento das massas em relação ao regime czarista:

Entretanto, o rápido crescimento, a densa concentração e as perigosas e insalubres condições de trabalho do proletariado industrial criaram uma situação que obviamente levou a disseminação do descontentamento entre as massas, o que logo se concretizou na formação de grupos de solidariedade, movimentos grevistas, uma conscientização bastante desenvolvida do proletariado e uma crescente receptividade com relação à agitação e à propaganda dos revolucionários (WOOD, 1991, p. 41).

Os camponeses e proletários do império eram em sua maioria analfabetos e destituídos de qualquer formação; sua única intenção, por séculos, foi apenas manterem-se vivos, sem pensarem na gênese de sua condição, definida por muitos autores como subumana; nesse sentido, Nikolai Gogol immortalizou, em sua obra literária, a Rússia como uma nação de almas mortas, que nem ao menos eram contabilizadas. Conviver com a morte se tornou fato cotidiano, a fome e o frio, por vezes, povoavam as vidas de mulheres e homens russos; talvez a única condição para continuarem e não se renderem frente à morte era acreditar em superstições, que aquela era uma condição designada por Deus e que nada poderia ser feito. Por séculos, os camponeses russos veneraram seus carrascos, em nome de crenças, mas quem

pode culpá-los? O que restaria a eles se não acreditassem em algo? Os camponeses russos eram dominados, além dos czares, pela Igreja Ortodoxa russa, que impregnava valores de obediência e subserviência.

Era punida de morte ou exilada em terras distantes, toda e qualquer voz que se erguesse contra o regime do czarismo; entre as vítimas da repressão czarista, estava Alexei Máximoovich Pechkov, que assinava suas obras com o pseudônimo de Máximo Górkí<sup>5</sup>, que alegava ser comunista e sofrer de uma “dor universal”, termo literário usado por poetas e escritores comunistas da época para se referir ao estado de pobreza em que viviam as classes menos favorecidas (FEITAS, 1967).

A família de Makarenko era uma das inúmeras famílias operárias que permeavam a Rússia e vivam em situação deplorável. Nesse cenário alheio, os pais do pequeno Makarenko temiam pelo que a vida reservaria ao filho tão frágil de saúde, como ele conseguiria se tornar operário, sendo que na maior parte de seu tempo de vida se encontrava na cama. “O sonho de todas as famílias operárias era formar seus filhos como mecânicos das oficinas da rede ferroviária” (LUEDEMANN, 2002, p. 46).

Alexandre III morreu em 1894 depois de permanecer no governo por 15 anos. O czar foi vítima de uma nefrite, e, em seu lugar, Nicolau II assumiu o poder da Rússia, estando este na ocasião com 26 anos. Nicolau assumiu o domínio em uma Rússia com problemas estrondosos, o império estava social e economicamente devastado. Somente um governante de grande visão e extrema competência conseguiria alterar a situação. Nicolau II não exibia tais características.

Nicolau nunca apresentou grandes pretensões de assumir o poder da Rússia. Diferentemente de seu pai, que tinha personalidade desbravadora, ele era um homem que vivia pelos cantos do palácio, aproveitando as vantagens de pertencer à família czarista. Os que conviviam com ele o definiam como supersticioso, educado e tímido.

Além das desconfianças que rondavam a posse do novo czar, ele ainda era casado com Alexandra Feodorovna, que gozava de fama negativa entre a população russa. A czarina era tida como de mau agouro, e acreditavam que ela causava desgosto aos que estavam ao seu redor. Alexandra tinha o “temperamento histérico, autoritário e fanático” (FREITAS, 1967, p. 49).

O período em que o Czar Nicolau II esteve no poder do Império Russo, apesar de ser marcado pela adversidade, como os de seus antecessores, foi caracterizado também pela

---

<sup>5</sup> O pseudônimo Górkí significava “amargo”, apelido escolhido pelas duras experiências vividas pelo escritor na infância.

organização e fortalecimento de grupos revolucionários, com bases marxistas; os grupos ganharam força com a participação dos proletários explorados pela recém-criada indústria russa. Wood descreve com detalhes esse fato histórico:

Durante a década de 1890, enquanto a mão-de-obra russa crescia em número e força, começou a surgir um crescente número de organizações de trabalhadores, embriões de sindicatos, círculos de discussão marxista e outros grupos que tanto comandavam a agitação e a propaganda, como ajudavam a organizar greves nos maiores centros industriais. Em 1898, foi feita uma tentativa de reunião dessas várias células, organizações e comitês regionais em um único partido político marxista e revolucionário. Nesse ano, aconteceu o primeiro “Congresso” do Partido Trabalhista Russo Socialdemocrata (PTRSD), precursor do atual Partido Comunista da União Soviética. Contudo, muito pouco foi obtido pelo Congresso (só havia nove delegados) e a liderança do nascente partido foi logo detida e encarcerada (WOOD, 1991, p. 45).

No ano posterior à morte do czar e sob o reinado de Nicolau II, Makarenko pôde enfim frequentar a escola e conviver com as outras crianças de sua idade. Foi matriculado no curso primário, que possuía a duração de três anos.

Seu pai, homem consciente da realidade social e econômica de sua família, disse a Makarenko as seguintes palavras, quando o menino ingressou na escola: “As escolas urbanas não foram feitas para nós, e já que você quer estudar, então obrigatoriamente terá que demonstrar ao professor o seu talento. Se não obtiver boas classificações, melhor nem voltar para casa, quero ver somente as melhores notas, você me entendeu?” (CAPRILES, 2007, p. 42).



**Figura 1:** Makarenko na escola primária.  
**Fonte:** Capriles (2007, p. 42).

As simples palavras do pobre operário, que temia por seu filho, em um lugar que para ele era alheio à sua realidade, refletiam com perfeição a realidade russa. Realmente as escolas não eram para os filhos da classe operária. A Rússia, que recentemente havia deixado o regime de servidão, como já mencionamos, tinha um sistema educacional nada eficaz. Frequentar a escola não era para todos; entre os poucos que adentravam os prédios escolares, estava Makarenko. O pequeno Anton esperou ansiosamente por seu primeiro dia na escola. As palavras, proferidas em tom ameaçador, por seu pai, foram para ele incentivadoras, e de fato o menino franzino se tornou o melhor aluno da turma. O garoto, acostumado com os mimos da mãe e da irmã mais velha, sofreu em seus primeiros dias de aula, por estar em um ambiente tão diferente de seu lar.

Não foram fáceis os primeiros dias de Anton na escola. Um garotinho de apenas sete anos de idade teria de aprender as novas regras de um mundo desconhecido e, sozinho, assumir os erros e sofrer os castigos. Era algo totalmente diferente do que tinha visto até então em sua vida (LUEDEMANN, 2002, p. 48).

Posteriormente, em obras biográficas, Makarenko descreveu a escola como um lugar que se assemelhava a um escritório, sem flores ou toalhas nas mesas, sem vivacidade. O professor era um indivíduo distante, que, caso não fosse obedecido, submetia os alunos a severos castigos. Era um sujeito bem vestido, que inspirava respeito e, “embora ganhasse menos que um mecânico, estava vestido como um dos chefes da ferrovia, em dia de domingo” (LUEDEMANN, 2002, p. 48). O currículo escolar transmitia valores religiosos e inculcava nos alunos valores de submissão e alienação; os filhos da classe trabalhadora eram formados para serem fiéis à Igreja e ao czar.

Com o passar do tempo, Makarenko foi se habituando ao ambiente escolar; por ser alfabetizado, sempre se livrava dos castigos e terminava suas atividades antes dos demais e ocupava o tempo livre, lendo os escassos livros disponíveis em sua sala de aula. Apesar de sua escola estar localizada na Ucrânia, todos os conteúdos ministrados na escola eram referentes à cultura russa; seu primeiro contato com a literatura russa foi por meio das fábulas de Ivan Krilov (LUEDEMANN, 2002).

Aos nove anos, no ano de 1897, Makarenko concluiu os estudos primários e estava apto para ingressar no ginásio, que tinha duração de seis anos, e depois poderia frequentar o curso de especialização profissional. Makarenko não tinha muitas opções, a não ser se dedicar

aos estudos, sua saúde frágil impedia que ele se tornasse operário como seu pai, ou soldado como seu avô.

Makarenko era um sagaz estudante, tinha facilidade em aprender, fruto do incentivo que recebera de sua mãe desde a mais tenra idade; aos poucos os conteúdos escolares foram se tornando poucos para a curiosidade do jovem menino. “Querida saber tudo, mas tinha especial interesse pelos mistérios da astronomia, para muito além do que os seus olhos poderiam ver” (LUEDEMANN, 2002, p. 53). Visitava constantemente a biblioteca da cidade, que era para ele uma espécie de templo. Ele se tornou um exímio questionador e um habilidoso leitor, que aos poucos foi se tornando mais exigente e passou a dar preferência sempre aos clássicos. “O reino dos livros foi o lugar da descoberta de novas experiências literárias. Mas, ao terminar cada leitura, Anton passava a observar a realidade social com um novo olhar” (LUEDEMANN, 2002, p. 55). Aprendeu a apreciar romances e poesias. Entre seus autores preferidos, estavam Skovoroda, Gogol e Vitor Hugo.

E após os primeiros anos de educação escolar, Makarenko passa a caminhar “com as próprias pernas”, como autodidata, inclusive já no colegial, estabelecendo contato com a filosofia, que o auxiliou na capacidade de questionar a sociedade e tudo o que se passava ao seu redor. As obras literárias certamente ajudaram Makarenko na construção de seu senso crítico, através dos infortúnios dos personagens e das paisagens (tanto os lugares quanto a sociedade) descritas nas grandes obras da literatura russa e universal (PAVÃO, 2009, p. 76).

Makarenko era um dos poucos meninos russos que, nesse período, estavam nos bancos escolares e, fazendo jus a essa oportunidade, foi um excelente aluno, “sempre se mostrando com grande disposição e companheirismo para com os colegas, especialmente os mais fracos” (PAVÃO, 2009, p. 76). O jovem menino era muito sensível aos problemas de seu povo, que frequentemente sentia na pele; por vezes faltava pão, outras vezes, os trapos de roupa não eram suficientes para o frio russo. Dedicar-se aos estudos era seu único refúgio, sabia que não tinha outra saída a não ser se empenhar intensamente e conseguir boas notas para prosseguir para a escola profissionalizante. Ainda no ginásio no ano de 1903, Anton teve sua primeira experiência literária, o jovem escreveu ficção e apresentou em suas primeiras páginas um olhar crítico acerca da realidade.

Em 1904, concluiu os seis anos de estudos ginasiais com notas excelentes em todas as disciplinas. Para os filhos dos operários, os que completassem o ginásio, a última etapa de ensino eram os cursos de especialização profissional.

Dos meninos que ingressavam nas escolas da Rússia czarista, os que conseguissem prosseguir seus estudos, uma incipiente minoria, até o curso de especialização profissional

poderiam escolher entre três profissões, ou seriam técnicos das oficinas ferroviárias, ou militares do Exército do czar, ou ainda professores do primário. Para o jovem Makarenko, a única opção era ser professor primário.

## 2.2 O JOVEM MAKARENKO: O INÍCIO DA CARREIRA DOCENTE

Em 1904, Makarenko pôde enfim ingressar na escola de especialização profissional e após o período de estudo realizou o sonho de ser professor, porém ele não queria ser um educador como os que conhecia, que eram submetidos à lógica czarista: “[...] buscava um novo modelo de educador para uma nova escola, democrática, libertadora” (LUEDEMANN, 2002, p. 58). Quando Anton iniciou seus estudos profissionais, em um curso que formava professores em um período de 11 meses, a Rússia era uma efervescência política; em todo o território os revolucionários buscavam conscientizar a população de seu estado de exploração. “As idéias revolucionárias circulavam sussurradas ou impressas em jornais clandestinos” (LUEDEMANN, 2002, p. 56).

Em 22 de janeiro de 1905, movidos pelos descontentamentos cotidianos um grupo de operários, liderados pelo padre Gepone, “[...] um dos personagens mais estranhos e enigmáticos da Revolução Russa” (FREITAS, 1967, p. 74), marchou pacificamente pelas ruas gélidas da Rússia, rumo ao Palácio de Inverno, a fim de entregar ao czar uma petição. O grupo em questão não tinha um ideal revolucionário, ao contrário, eram fiéis ao governo czarista. Na petição pediam uma jornada de trabalho de 8 h, salário mínimo de um rublo por dia, entre outras exigências, que tornariam o trabalho nas fábricas minimamente digno. Ao se aproximarem da praça do palácio, os operários, que marchavam desarmados, foram surpreendidos por um ataque da guarda czarista, 500 pessoas foram mortas, e outros milhares ficaram feridas. O padre Gepone foi um dos primeiros a ser atingido. Sobrevivendo aos ferimentos, passou a viver na clandestinidade e proferir discursos contrários ao czarismo: “[...] lançou uma proclamação ao povo: ‘Operários russos! Já não podemos contar com o czar. Um risco de sangue, hoje, o separa de nós. Chegou à hora de darmos início, sem ele, ao combate pela liberdade do povo’” (FREITAS, 1967, p. 77).

Tal acontecimento ficou conhecido como Domingo Sangrento e gerou indignação e revolta por parte dos operários. Lenine em um de seus discursos referiu-se aos desdobramentos do Domingo Sangrento, afirmando que este gerou nos proletários um espírito ansioso por revolução. Observemos:

Mas, em poucos meses, as coisas mudaram completamente. As centenas de social-democratas revolucionários passaram “subitamente” a milhares, e estes milhares tornaram-se chefes de dois a três milhões de proletários. A luta proletária suscitou uma grande efervescência, até mesmo em parte um movimento revolucionário, no fundo da massa de cinquenta a cem milhões de camponeses; o movimento camponês teve repercussão no exército e deu origem a revoltas militares, a choques armados entre as tropas. Assim um imenso país com 130 milhões de habitantes entrou na revolução; assim a Rússia adormecida se tornou a Rússia do proletariado revolucionário e do povo revolucionário (LENINE, 1974, p. 272).

Operários, camponeses e marinheiros se revoltaram frente aos acontecimentos do Domingo Sangrento. Por toda a Rússia greves e protestos ocorriam em sinal de reprovação aos acontecimentos de 22 de janeiro. Atentados eram tramados contra a vida do czar, no intuito de colocar fim ao governo monárquico. “O Domingo Sangrento, na realidade, sacudira os alicerces da autocracia. Nicolau II, em face do fragor, das manifestações populares ficara atemorizado” (FREITAS, 1967, p. 78).

Na ocasião do Domingo Sangrento, Makarenko era ainda um jovem rapaz, havia acabado de receber seu diploma de educador e acompanhava atento os novos caminhos que a Rússia tomava após esse acontecimento histórico. Nesse período, havia conhecido um novo escritor, Górkí.

Uma nova literatura também chegava às mãos de Anton. Eram os textos de Górkí: incitando o povo a lutar pela emancipação política e pelo fim da exploração. Seus heróis eram miseráveis, trabalhadores, desempregados, moradores de rua, operários, cheios de vida e de coragem. Em sua adolescência, Anton abandonou o sentimento de impotência dos personagens pequeno-burgueses de Tchekhov e abraçou o novo mundo pintado com cores fortes por Górkí. Ele podia ver claramente esse mundo iluminado em cada um de seus livros. Era o meio do caminho entre o anarquista Tolstói e o comunismo de Lenin (LUEDEMANN, 2002, p. 56).

Nas obras de Górkí, Makarenko encontrou semelhanças com sua realidade cotidiana. O escritor tratava de homens como ele e os seus familiares e conhecidos, que tinham jornadas exaustivas de trabalho, que não possuíam nada que fosse seu, além das próprias vidas, e mal sabiam como sobreviveriam no dia seguinte. O jovem Anton se reconhecia em cada página. E via nas páginas dos livros de Górkí o caminho para ruptura com o czarismo e algo que até então era desconhecido para ele, a ascensão da classe operária.

Aos 28 dias do mês de junho, um acontecimento mudou a história do mundo e, conseqüentemente, o da Rússia, os assassinatos do arquiduque Francisco Ferdinando e de Sophie de Hohenberg, sua esposa; ambos foram executados na cidade de Sarajevo (Bósnia). Francisco Ferdinando possuía forte influência na política europeia e, também, era herdeiro do Império Austro-Húngaro. No entanto, por seu importante papel, a execução do arquiduque

teve grande repercussão, servindo então de pretexto para o início imediato da Primeira Guerra Mundial. A organização secreta nacionalista da Sérvia, denominada como Mão Negra, foi a responsável pelo assassinato. Freitas afirma que

O atentado de Sarajevo não foi, em si mesmo, a “causa” da Primeira Guerra Mundial. Suas origens, muito mais complexas, devem ser buscadas na política armamentista, nos conflitos coloniais e na rivalidade econômica que haviam determinado a criação dos agrupamentos políticos, antagônicos, da “Tríplice Entente” e da “Tríplice Aliança”. De qualquer forma, porém, aquele atentado constituiria o pretexto e, em julho de 1914, tivera início a grande conflagração (FREITAS, 1967, p. 113).

E essa mesma organização tinha o apoio do governo sérvio, e, por esse apoio, a Áustria reagiu militarmente contra a Sérvia. Após a reação militar daquela no dia 28 do mês de julho, outros países entraram na guerra por causa da política de alianças. A Rússia entrou na guerra no dia 28 do mês de julho (dia posterior ao primeiro dia), por sua aliança com a Sérvia.

A Alemanha declarou guerra à França, e no dia 1º do mês de agosto fez o mesmo à Rússia. No dia 4 do mês de agosto os Exércitos austríacos e alemães, com o intuito de atingir a França, invadiram a Bélgica, sendo que até então a mesma estava neutra em relação ao conflito. Tendo a invasão da Bélgica como pretexto, a Inglaterra então ingressou na guerra.

A Primeira Guerra Mundial contou com a participação da Rússia no bloco dos aliados (ou entente). As derrotas sofridas pelo Exército russo e a situação de crise econômica vivida no país se agravaram durante o conflito (desabastecimento, fome, inflação) e acabaram acirrando as tensões sociais que já existiam no país desde antes do conflito e precipitaram um desfecho revolucionário.

Nesse mesmo ano, enquanto milhares de homens lutavam nos campos de batalha, o jovem Makarenko iniciou sua batalha profissional no dia 1 de setembro, aos 17 anos, na escola ferroviária primária de Kriúkov, onde lecionou russo. “Vestia-se como o seu primeiro professor: com terno simples, de golas largas, colete e gravata escura, a camisa impecavelmente branca com colarinho duro de goma [...]” (LUEDEMANN, 2002, p. 66). Na escola, em torno de 200 alunos, filhos de operários da região, iniciavam seus estudos básicos. A estreia do jovem na profissão de professor foi motivo de alegria para a família e amigos. Anton logo conquistou seus alunos com a sua forma gentil e respeitosa de tratá-los. Apesar da inexperiência, Makarenko tinha um espírito de entusiasmo e queria transmitir aos seus alunos o máximo de conhecimento. Capriles escreve:

Durante o jantar comentou com os presentes que a direção do estabelecimento tinha gostado muito da sua capacidade como educador e, especialmente, da energia com a qual ele transmitia os conhecimentos. Confessou que, logo no início da aula, como era natural, tinha ficado um pouco nervoso, mas que, como sua classe era de garotos filhos de operários e, em alguns casos até seus conhecidos, rapidamente controlou a situação. Pela sua facilidade nas ilustrações efetuadas no quadro-negro, ele ganhou, também direito de ministrar o curso complementar de desenho técnico e artístico (CAPRILES, 2007, p. 53).

Desde os primeiros dias de aula, Makarenko sabia dos desafios que enfrentaria. A escola era precária, “[...] uma escola mais triste que as demais, pois funcionava no interior da oficina” (LUEDEMANN, 2002, p. 67). Ele perceberia que as crianças tinham a mesma infância que ele havia vivenciado, permeada de miséria. A cada dia de trabalho Makarenko se revoltava contra o esquecimento dos poderosos, que deixavam os filhos dos operários em salas escuras, frias e úmidas. Mas o jovem educador não desanimou, permaneceu firme na intenção de educar da melhor forma seus alunos, por vezes lhes contava as histórias que ouvira na infância por meio de sua mãe, outras vezes cantava canções que escutara nos dias de recolhimento.

Makarenko refletia intensamente em como conseguiria atingir o máximo de desempenho de seus alunos e como os avaliaria. A falta de experiência e a formação insuficiente fizeram Anton incorrer em vários erros. Porém, um dos erros, considerado por ele o mais grave nos primeiros anos de magistério, foi essencial para direcionar sua prática pedagógica. Pois eis seu erro: em certa ocasião, buscava uma forma de avaliar seus alunos, escolheu o mérito. Os alunos seriam classificados de primeiro a trigésimo sétimo, de acordo com seus méritos; os que se desempenhassem melhor obteriam melhor colocação, o que para Makarenko seria uma forma de incentivá-los a serem ainda melhores; os que não se desempenhassem bem seriam os piores colocados e se esforçariam para atingir melhores colocações. Porém, tal forma de avaliação não foi eficaz; os que ficavam nas últimas colocações se sentiam desmotivados e perdiam o gosto pelos estudos; os melhores colocados passavam a se vangloriar pelas colocações e não dividiam o que sabiam com os outros colegas, passaram a ser egoístas e prepotentes. Posteriormente, ao ver as conseqüências de sua forma de avaliação, Makarenko percebeu que não estava considerando os aspectos sociais que envolviam seus alunos; muitos não tinham o que comer em casa e passavam frio, o que prejudicava claramente o rendimento nas atividades intelectuais. Mas o caso mais grave foi o do último colocado: após receber tal colocação, o menino não voltou à escola, e Anton, ao averiguar o que havia acontecido com o pequeno garoto, descobriu que o mesmo havia

entrado em tristeza profunda e isso agravou seu problema de saúde; Makarenko não sabia, mas o menino sofria de tuberculose. Arrependido, o jovem professor visitou a casa do garoto, que era permeada pela miséria, e se redimiou, pedindo desculpas e exaltando as suas características positivas, tentando dar ânimo para que o menino continuasse vivo.

Após o triste acontecimento, Anton percebeu que avaliar os alunos por seus méritos e classificá-los não era a forma mais eficiente. E que fatores sociais, sobretudo os de ordem econômica, influenciavam no desempenho escolar. Mais uma vez, desejou o fim da exploração do regime czarista.

Makarenko continuou o seu trabalho, observando cada uma de seus alunos, não apenas quanto aos aspectos de aprendizagem, mas também quanto ao emocional, às atitudes ao relacionamento com os colegas e com a família, visando auxiliar no desenvolvimento da personalidade de cada um deles. O seu trabalho passou a ser mais vibrante, com a participação de cada aluno no coletivo da classe. Os alunos traziam para a sala de aula muitas das experiências familiares, contavam suas histórias de vida, as tradições culturais, participando com entusiasmo das atividades da escola (LUEDEMANN, 2002, p. 72).

Por meio de sua prática pedagógica, Makarenko apreendeu a importância de estudos políticos para a mudança da realidade estabelecida. No final do mesmo ano, começou a se reunir com outros professores para realizar discussões políticas em grupos de estudos; eles se reuniam na cidade vizinha de Krementchug, sem uma sede estabelecida. As reuniões se tornaram cada vez mais frequentes e passaram a ocorrer diariamente. Era por meio desse grupo de professores que Makarenko ficava a par dos acontecimentos políticos que aconteciam na Rússia, dos casos de repressão czarista e dos desdobramentos dos acontecimentos revolucionários. O grupo se inteirava dos acontecimentos por meio de jornais clandestinos, como o *Proletari* (Proletário).

Com outros professores, que como ele também comungavam dos ideais revolucionários, Makarenko assinou o jornal *Nóvais jizni* (Vida nova), que foi fundado por Lenine e Górkí. O jornal tinha princípios marxistas e destarte Anton teve sua primeira aproximação com o marxismo.

Os anos em que a Rússia esteve em guerra comprovaram que o país não estava preparado para um confronto dessa magnitude; o período de batalha custou ao país milhões de vidas. O Exército russo foi dizimado, a maioria dos homens em idade ativa foi convocado para guerra, os que voltavam tinham os membros decepados e outras feridas provocadas pelo combate. A Rússia se tornou um país de mulheres, crianças e velhos. O poder czarista foi fortemente enfraquecido pela guerra, o estado calamitoso em que o país se encontrava gerava

revolta e desolação, faltava pão, morria-se de guerra e de fome. “Aumentara a escassez de tudo, e quem contemplasse as fisionomias do que faziam fila à porta dos armazéns teria a impressão de que como Moorehead dizia, a milenar paciência do povo russo havia chegado ao fim” (FREITAS, 1967, p. 143).

Quando a possibilidade de derrocada do czarismo se tornou real, e por todos os cantos greves e protestos de proletários e camponeses eram uma constante, os professores marxistas também se colocavam à frente de luta contra o czarismo. Dentro das escolas, os educadores buscavam combater o método de formação estabelecido no czarismo e “[...] estavam mais preocupados em contribuir para garantir o acesso universal à educação, com formação de novos proletários politizados, cultos e engajados nas lutas sociais” (LUEDEMANN, 2002, p. 75). O grupo de educadores do qual Makarenko fazia parte acreditava que a escola seria uma frente de formação revolucionária.

O grupo de docentes discutia fervorosamente sobre os acontecimentos revolucionários e traçava planos para a educação na nova organização social. “Os debates eram vibrantes e terminavam sempre com a entonação de hinos revolucionários” (LUEDEMANN, 2002, p. 75).

Os métodos utilizados por Makarenko para educar as crianças operárias foram logo reprovados por inspetores ligados ao czarismo; o educador contrariava a ordem estabelecida e não ensinava seus educandos a serem subservientes, não lhes oferecia migalhas de conhecimento, mas tudo o que possuía. A sua forma de educar para a emancipação política não agradou a todos, sobretudo àqueles que desesperadamente tentavam manter a ordem czarista em uma Rússia em erupção revolucionária. O jovem educador foi transferido para outra escola, muito distante de onde residia, era a escola da estação Dolinskaia. Encerrou-se, assim, seu período de atuação em Kriukov no ano de 1910.

### **2.2.1 Makarenko tornou-se adulto perante um cenário de guerra e transformações**

Em Dolinskaia, Makarenko, já com 23 anos, foi proibido de estar em sala de aula e passou a atuar como inspetor de alunos. Os adeptos do czarismo acreditavam que assim ele causaria menos problemas. Mas Makarenko estava “[...] determinado a subverter a ordem estabelecida naquela escola” (LUEDEMANN, 2002, p. 77). Estava muito empolgado com a mudança, não se via como um inspetor, mas sim como um diretor, e foi assim que se

apresentou na nova escola; fazia planos e mais planos das possibilidades incontáveis de transformação que conseguiria em tal condição.

Abriu a porta, cuidadosamente, como se virasse a página de um livro muito antigo, entrou e, logo em seguida, bateu-a com força, com aquele sentimento familiar de que já conhecia aquela escola há anos. E pensou: “É mais uma velha escola tsarista, como aquela em que fui aluno e professor... Mas, agora, prepare-se, sou diretor e vou explodir suas paredes! Nada ficará de pé!” (LUEDEMANN, 2002, p. 78).

A escola era diferente daquela na qual iniciara sua carreira; os alunos e professores tinham suas casas muito longe do prédio escolar e residiam na escola no intuito de conseguirem realizar seus estudos; ali Makarenko também fixou residência. Por meio de seu trabalho, em pouco tempo cativou os professores e funcionários que com ele se empolgaram em uma organização escolar diferente da czarista: “[...] em pouco tempo, já teria entusiasmado o grupo de professores, desde o mais cético, organizando festas, apresentações teatrais, corais e uma biblioteca aberta à comunidade” (LUEDEMANN, 2002, p. 78).

Como muitos alunos moravam na escola, as atividades seguiam horários diferentes aos comuns, e os alunos se empenhavam nos estudos e atividades culturais. Anton possuía liberdade para colocar em prática o que sua mente imaginava que seria ideal para a educação de crianças. A escola era distante e ele por conta própria ocupava a figura de diretor; isso possibilitou que ele conseguisse de fato explodir os muros da escola, como parafraseou Luedemann, e abriu a escola para toda a comunidade. Com a comunidade, realizou discussões políticas no intuito de conscientizá-la da importância da insurreição do povo. “O jovem educador havia amadurecido e desempenhava seu papel de intelectual organizador, conforme a teoria leninista, dos trabalhos de Dolinskaia, reproduzindo as reuniões do círculo intelectual de Kriukov” (LUEDEMANN, 2002, p. 81).

No ano de 1914, Makarenko, que havia algum tempo já vinha escrevendo pequenos textos, depois de pensar muito, resolveu enviar um de seus manuscritos para Górkí. Após alguns dias recebeu do escritor uma crítica, que Capriles transcreveu em seu livro:

Pelo seu tempo, a narração é muito interessante, mas ela tem o problema de estar escrita sem força; o dramatismo utilizado para descrever o sofrimento do Pope não está de acordo com a ação e, por isso, não fica claro no dilema da personagem. Tampouco o diálogo resulta atrativo, nem fraca descrição do lugar que serve de pano de fundo para o tema. Gostaria de ler outras coisas suas, experimente novas histórias e remeta-as para mim (CAPRILES, 2007, p. 65).

No princípio Makarenko desistiu de compartilhar seus materiais escritos e passou a se dedicar apenas à docência. Mas as palavras de Górkí foram incentivadoras para que Anton se dedicasse ainda mais em aprimorar seus textos, que mais tarde voltaria a compartilhar com outros leitores (CAPRILES, 2007).

Em 1914, Makarenko encerrou as suas atividades na escola de Dolinskaia, orgulhoso e feliz com o trabalho que realizara. Em Dolinskaia foi possível realizar experiências de novas práticas pedagógicas, de levar às crianças elementos culturais que elas desconheciam. Os alunos, acostumados ao esquecimento, foram os protagonistas das peças teatrais, dos coros, de sarais musicais, das recitações de poesias. Foi possível trazer a comunidade para escola, abrir os portões e convidar a todos; ali se apreciaram histórias, poesias, ouviu-se boa música, mas principalmente se tratou de política e do rumo que a história tomaria.

Capriles apresenta em seu livro “*Makarenko, o nascimento da pedagogia socialista*” um depoimento de uma das alunas de Makarenko em Dolinskaia, que posteriormente se tornou sua discípula, Valentina Moroz, que descreve:

Ele estava estreitamente ligado a todos nós, tanto aos seus alunos, como às crianças que freqüentavam a escola e, especialmente, aos nossos pais. Visitava com muita assiduidade cada uma das casas do povoado e conversava demoradamente sobre a educação no seio da família. Sempre ouvia pacientemente as opiniões de todos e respondia detalhadamente qualquer pergunta que lhe fosse formulada. Nos dias de reunião, no pátio da escola, eu lembro que muitas vezes assistiam a esses encontros trabalhadores dos galpões das locomotivas e outras pessoas que não tinham filhos, mas que observavam e aprendiam como tratar crianças quando as tivesses. Todos ficavam admirados com o lado humano desse homem que tão bem conduzia dezenas e, às vezes centenas de meninas e meninos (CAPRILES, 2007, p. 61).

Makarenko deixou a escola de Dolinskaia para prosseguir seus estudos, pretendia se especializar em matérias do ensino superior, no instituto de Poltava. Makarenko decidiu ingressar no instituto, pois os conflitos da Primeira Guerra Mundial se intensificaram e todos os homens, em idade produtiva, estavam sendo convocados para os campos de batalhas; ele, temendo por sua vida e consciente de suas limitações físicas, matriculou-se no instituto, pois, estando no nível superior, não seria convocado para a guerra. Lá cursou pedagogia. Encerrou-se assim seu período de docência com crianças. Esse período foi marcante em sua vida, e, nos anos posteriores, dedicou grande parte de sua obra aos primeiros anos de escolarização dos meninos e meninas, em especial os russos (CAPRILES, 2007).

Para ingressar no instituto de Poltava, foi necessário que Anton se submetesse a uma banca examinadora. O jovem professor impressionou os professores pertencentes à banca e

com louvor conseguiu seu ingresso. No primeiro ano de estudo conseguiu manter-se graças a economias que havia realizado enquanto trabalhava em Dolinskaia; quando o dinheiro acabou, passou a ministrar aulas particulares para garantir sua sobrevivência.

O ano de 1916 foi um ano pesaroso para Makarenko: o que tanto temia aconteceu, foi convocado para servir o Exército; a situação se agravou nos campos de batalha, e mesmo os não aptos foram convocados para lutarem na guerra. Mesmo sofrendo de altos índices de miopia, Makarenko foi considerado apto para servir o Exército na guarnição de Kiev (CAPRILES, 2007).

Para ele, os dias que passou no quartel foram os piores de sua vida. Lá era vítima de grosserias e desrespeitos, sobretudo pela sua condição física; era constantemente motivo de zombarias, sentia-se o pior dos homens, sabia que não era útil ali, não possuía condição física para lutar na frente de batalha e lá só era encarregado para realizar afazeres desnecessários. Desesperado, escreveu a alguns amigos, que sabia que poderiam auxiliá-lo, pedindo auxílio para se livrar do Exército. Os fiéis amigos logo ajudaram Makarenko a se livrar do Exército, solicitando um novo exame médico para verificar sua aptidão. No novo exame foi atestado que Anton não estava apto para o Exército, ele foi enfim liberado do que para ele havia sido um martírio (LUEDEMANN, 2002).

Após os meses no quartel, regressou ao instituto para retomar os estudos. Mas os tormentos de 1916 não se encerravam por aí; seu pai morreu, deixando no peito do jovem professor uma dor incontrolável. “Sentiu faltar-lhes aquelas forças provenientes do amor paterno: o olhar sério de homem simples, exigente e confiante” (LUEDEMANN, 2002, p. 87). Poucos foram os abraços que recebera do velho Makarenko, pois este sempre estava ocupado, trabalhando para sustentar a família. O velho operário se foi sem ver a revolução do povo, de que tanto Makarenko propagava, foi-se como tantos outros operários, sem de fato viver, apenas sobrevivia. Makarenko, com a morte de seu pai, passou a ser o responsável legal de toda a família, era necessário que ele ajudasse no sustento desta, para tanto, passou a dar ainda mais aulas, como professor particular.

Após o retorno do quartel e da morte de seu progenitor, Makarenko estudou e trabalhou incansavelmente, no intuito de ajudar seus familiares e recuperar as matérias que perdera enquanto estava em Kiev. Com muito esforço, recuperou-se nos estudos e logo era novamente o primeiro da turma. Em meados de 1917 concluiu seus estudos superiores em Poltava e recebeu o título de pedagogo. Luedemann nos apresenta em seu livro “*Anton Makarenko, vida e obra – a pedagogia na revolução*” os escritos que Anton recebeu como avaliação ao concluir o curso: “Makarenko, Anton – aluno destacado por sua capacidade de

conhecimento, desenvolvimento e produtividade – mostrou especial interesse pela Pedagogia e as Ciências Humanas, sobre as quais leu muito e apresentou brilhantes trabalhos de pesquisa. Será um professor de grande valor em todas as disciplinas, particularmente em História e Língua Russa” (LUEDEMANN, 2002, p. 91).

Com a conclusão dos estudos, Makarenko estava apto para atuar nas escolas elementares de instrução de toda a Rússia, porém tal formação não permitia que o mesmo lecionasse nos institutos superiores ou nas universidades, para tanto, era preciso que ele frequentasse uma universidade; o jovem possuía tal desejo em seus planos futuros. Nos meses após sua formatura Makarenko se dedicou intensamente aos estudos, ocupando-se, sobretudo, de investigar a origem humana; passou a frequentar, durante os seus meses de férias, o Museu Etnográfico de Poltava. No museu teve seu primeiro contato com uma obra de Darwin, intitulada “A origem das espécies através de meios culturais de seleção ou a conservação das raças favorecidas na luta da vida”. Nesse livro Anton tomou conhecimento da teoria da criação e evolução humana, que contrariava a ideia teológica de criação humana. Makarenko adotou a teoria de Darwin como correta; a ideia de evolução e desenvolvimento humano por meio das condições sociais foi grande incentivadora das práticas pedagógicas de Makarenko (CAPRILES, 2007).

Concomitante ao fim dos estudos de Makarenko, os conflitos da Primeira Guerra Mundial se intensificavam. A guerra custou o poder czarista. Nicolau II, pressionado por todos os lados, não teve outra saída a não ser abdicar do poder; temeu por sua vida e a sua situação russa não poderia tornar-se pior. Com medo de represálias, o herdeiro natural do trono, irmão de Nicolau II, não assumiu o império e um governo provisório subiu ao poder. Subiram ao poder, em sua maioria, representantes da burguesia.

Os Russos receberam o fim do czarismo com entusiasmo. Embora a revolução não resolvesse os problemas controversos que a nação enfrentava, pelo menos durante algum tempo ela criou uma aparência de unidade. Grupos diferentes podiam interpretar os acontecimentos à sua maneira e, por um tempo, expectativas e objetivos contraditórios puderam coexistir pacificamente: alguns esperavam que a revolução apressasse o fim da guerra; outros tinham a esperança de que um exército «democrático» combatesse melhor (REIS FILHO, 1999, p. 33).

Os revolucionários comunistas observavam todos os acontecimentos de perto, mas ainda agiam de forma clandestina. Havia no meio revolucionário uma discussão ferrenha, se deviam ou não tomar o poder e proclamar uma revolução socialista. Alguns defendiam que a burguesia deveria permanecer no poder e promover na Rússia um desenvolvimento industrial e econômico, para que assim se completasse o ciclo defendido por Marx, que afirmava que só

em um país desenvolvido economicamente, onde existam condições reais de sobrevivência, uma revolução socialista poderia acontecer.

Outros temiam que a permanência da burguesia no poder custasse a possibilidade de uma revolução socialista, e que tais condições não voltariam a acontecer. Esse grupo julgava que as condições não eram as ideais, mas estavam dadas, e adiar a revolução significaria esquece-la para sempre. Essa ala revolucionária era liderada por Vladimir Ilitch Lênin, ou Lenine<sup>6</sup>.

Lenine e os bolcheviques<sup>7</sup> defendiam que devia se colocar fim à participação da Rússia na guerra e atender às necessidades de paz, pão e terra que eram clamados por camponeses e operários em todo o território russo.

Para Lenine (2010), que em fevereiro de 1917 estava exilado na Suíça, os comunistas moderados, sobretudo os representados pelos mencheviques<sup>8</sup>, foram demasiadamente tímidos por não assumirem o poder já na revolução de fevereiro, quando confiaram este à burguesia, de forma natural. Os maiores indícios é que tenham sido “[...] influenciados por crenças marxistas fortemente arraigadas, segundo as quais a Rússia estava pronta para se libertar dos restos do feudalismo e tomar o caminho do desenvolvimento capitalista, mas não ainda para uma revolução socialista” (REIS FILHO, 1999, p. 36).

Os mencheviques e os socialistas revolucionários afirmavam que a Rússia não estava preparada para a revolução social e que só uma revolução política era possível. Segundo eles, as massas russas não tinham suficiente educação para a tomada do poder; qualquer tentativa nesse sentido só poderia provocar uma reação a favor de um aventureiro sem escrúpulos, que poderia restaurar o velho regime. Por conseguinte, quando os socialistas “moderados” foram obrigados, por circunstâncias especiais, a tomar o poder, não ousaram exercê-lo (REED, 1978, p. 9).

---

<sup>6</sup> Vladimir Ilitch Lenine (1870-1924), membro fundador, principal teórico e dirigente do partido Bolchevique. Dirigiu o partido e os soviets à tomada de poder na Revolução Russa de 1917.

<sup>7</sup> *Bolcheviques*: Chamaram-se a si próprios de “Partido Comunista” para dar maior ênfase à sua separação do tradicional socialismo “moderado” ou “parlamentar” que continua a vigorar entre os mencheviques e os “socialistas majoritários” de todos os países. Os bolcheviques propõem a imediata insurreição proletária e a conquista do poder governamental a fim de acelerar a realização do socialismo, exigindo a posse das indústrias, da terra, das riquezas naturais e instituições financeiras. É o partido que representa principalmente o operariado das fábricas, mas também uma importante fração dos camponeses pobres. O nome “bolchevique” não deve ser traduzido por “maximalista”. Os maximalistas formam um grupo autônomo. Os chefes dos bolcheviques são Lênin, Trótski e Lunatcharki (REED, 1978).

<sup>8</sup> *Mencheviques*: Este partido compreende todos os matizes de socialistas, convencidos de que a sociedade deve chegar ao socialismo por evolução natural, e de que a classe operária deve começar por conquistar o poder político. Também se trata de um partido nacionalista e que congrega os intelectuais socialistas. Como o ensino achava-se inteiramente dominado pelas classes abastadas e conservadoras, os intelectuais, obedientes à formação que receberam, tomam naturalmente a defesa dessas classes. Seus representantes neste livro são Dan, Lieber e Tseretelli (REED, 1978).

O governo provisório não se manteve no poder por muito tempo, pois não foi capaz de atender aos problemas mais urgentes de uma Rússia faminta e, sobretudo, porque não conseguiu colocar fim à participação do país na guerra. Os problemas enfrentados eram tão grandes, que o governo burguês não os soube enfrentar.

Talvez o maior erro do governo provisório fora o de permanecer na guerra, em nome de um patriotismo e de fidelidade aos seus aliados, enquanto soldados, camponeses e proletários que lutavam nos campos de batalha não suportavam mais tal condição de vida. Os burgueses queriam sair vitoriosos da guerra, mas em território nacional o descontentamento era uma latente. Os russos queriam paz, pão, e camponeses clamavam por reforma agrária, porém o governo burguês, tal como o czar, manteve-se alheio aos clamores do povo.

Por causa desta falta de acção os camponeses voltaram-se decidida e progressivamente contra o governo provisório. A posição do governo nas aldeias nunca tinha sido forte, mesmo no início. No tempo dos czares, os principais representantes do poder governamental eram os supervisores de terras – funcionários públicos nomeados que controlavam as estruturas judiciais e policiais. Os supervisores tinham sido impopulares, e o governo provisório abolira o cargo. Segundo o plano de reformas, as funções dos supervisores passariam a ser desempenhadas por comitês regionais eleitos. Estes comitês, e a antiga comuna, tornaram-se os verdadeiros governantes da aldeia. Os camponeses passaram a deter um grau de autonomia sem precedentes. Infelizmente para o governo, a autonomia camponesa não se revelou um bastião de estabilidade. Pelo contrário, as instituições camponesas foram utilizadas para atacar a propriedade privada. Existe alguma ironia em tudo isto. Durante décadas o governo czarista tinha apoiado as comunas dos camponeses na esperança de que elas fomentassem a estabilidade. Na altura da revolução, contudo, foram precisamente as comunas camponesas que organizaram violentas ocupações de terras. As comunas eram os equivalentes dos sovietes nas cidades; sem elas a revolução camponesa não teria sido bem sucedida. Antes da revolução, os intelectuais socialistas e liberais achavam que a comuna era um remanescente do passado em vias de extinção. Mas agora que os camponeses detinham algum poder sobre as suas próprias vidas, estas instituições ganhavam um novo alento. A confiscação das terras dos grandes proprietários não foi feita por indivíduos, mas pelas comunas de camponeses, que depois dividia a terra entre os seus membros. As confiscações ilícitas de terras e os assaltos às propriedades dos latifundiários começaram em Maio e tornaram-se cada vez mais ameaçadoras durante o Verão. O governo não conseguia satisfazer os camponeses nem conter as suas acções revolucionárias. Não conseguia conquistar nem a fidelidade nem o respeito dos camponeses (REIS FILHO, 1999, p. 40-41).

Quando em abril de 1917, Lenine, após os anos de exílio, retornou à Rússia, apresentou restrições ao governo provisório, afirmando que este era o porta-voz da burguesia, e não cabia aos bolcheviques apoiá-los, mas deveriam sim marchar na direcção de uma revolução socialista, derrubando os que estavam no poder. E de fato havia muitas queixas das massas contra o governo provisório, considerando que “A política do Governo Provisório

oscilava entre reformas sem o menor sentido prático e a repressão sanguinária contra as massas revolucionárias” (REED, 1978, p. 34). Ainda assim, Lenine era considerado pelos comunistas mais moderados um tanto quanto radical, pois tinha como principais reivindicações:

[...] todo o poder aos soviets, a nacionalização da terra, o controle operário da indústria, o fim imediato da guerra – baseavam-se no pressuposto de que, contrariamente à análise marxista, o país não precisava de um período prolongado de desenvolvimento capitalista mas que estava pronto para passar imediatamente à revolução socialista (REIS FILHO, 1999, p. 42).

De princípio, Lenine não obteve muito apoio, nem de seu próprio partido, mas iniciou uma empreitada a fim de conseguir aliados e promover a revolução do proletariado. “Não obstante, em poucas semanas Lenine conseguiu ganhar o apoio do seu partido. No final de Abril, o Comitê Central aprovou uma série de resoluções no espírito do seu novo radicalismo” (REIS FILHO, 1999, p. 43). Em seguida, Lenine conseguiu apoio de importantes líderes comunistas, que não eram de seu partido, entre os principais, León Trotsky, mas o mais importante apoio veio em maio, o da classe operária. Quanto à ação de Lenine e dos bolcheviques rumo à Revolução de Outubro de 1917, historiadores divergem de opinião quanto à legitimidade do grupo. Entre as principais tendências se encontram-se a de que

Os bolcheviques exprimiram as opiniões e sentimentos dos operários e camponeses revolucionários, agindo no interesse destes, ou, pelo contrário, manipularam-nos para seu próprio benefício político? De entre todos os aspectos da história da revolução, o papel dos bolcheviques, o caráter do seu partido e a sua relação com os trabalhadores, são os mais controversos. Durante os primeiros tempos da guerra-fria a maioria dos historiadores ocidentais descrevia os bolcheviques como um grupo muito unido e bem organizado que durante a desordem da revolução logrou impor a sua vontade aos trabalhadores. Segundo esta interpretação, o partido de Lenine foi essencialmente uma organização manipuladora que realizou um golpe de Estado em Outubro, sem o apoio da maioria do povo russo ou dos trabalhadores. Os historiadores Russos pós-soviéticos também se inclinam para este ponto de vista. Outros estudiosos mais recentes, muitos inspirados pela teoria marxista, adoptaram uma abordagem diferente. Eles salientam o radicalismo inato das classes trabalhadoras. Segundo a sua opinião, durante o combate revolucionário os trabalhadores adquiriram consciência de classe e passaram a apoiar o Partido Bolchevique porque este representava os seus interesses. Os acontecimentos de Outubro, portanto, devem ser vistos como uma genuína revolução proletária (REIS FILHO, 1999, p. 44).

Lenine era um homem inteligente e astuto quanto à leitura da realidade russa, um árduo estudioso e tinha concepções ideológicas muito claras. Porém, pensar que a efetivação da revolução socialista se deva a ele e a outros dirigentes, ou mesmo pela empreitada bolchevique em busca de aliados, seria demasiadamente ingênuo. A revolução só foi possível,

porque as populações, sobretudo camponeses e proletários, aderiram a tal ideologia, em sua maioria, porque clamavam por medidas radicais, que alterassem a realidade em questão. Sem dúvida, Lenine pode ser considerado um líder muito perspicaz, pois soube enxergar as possibilidades e agiu de acordo com seus preceitos ideológicos. Os bolcheviques tinham ideais bastante ousados, de não só transformar a sociedade e a economia russa, mas de alterar o modo de produção de todo o mundo.

Quando o outono chegou, a efervescência política na Rússia era manifesta, a revolução comunista estava anunciada. O jovem professor Makarenko acompanhou atento todos os acontecimentos que conduziram à insurreição do proletariado russo. Anton participou ativamente das discussões organizadas para tratar da questão revolucionária, ocupou-se, sobretudo, de discutir a questão da Ucrânia, que por séculos teve sua nacionalidade negada.

### 2.3 A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO DE 1917: O MAKARENKO REVOLUCIONÁRIO

A Revolução de Outubro de 1917 se configurou em um acontecimento inédito para a história da humanidade. Em um país longínquo e de economia subdesenvolvida, pessoas cansadas da contínua carnificina diária, que havia sido intensificada pela primeira grande guerra, saíram pelas ruas gélidas e enevoadas da Rússia, clamando que não continuariam mais naquela situação. Os governantes, que até então ignoravam os clamores do povo, foram obrigados a ouvir o grito da revolução; chegavam ao fim a dominação czarista e o curto governo da burguesia. A revolução russa está entre os grandes acontecimentos da história da humanidade, configurando-se como um divisor de águas não só para a Rússia, mas para toda a história dos homens. Reed apresenta em seu livro *“10 dias que abalaram o mundo”* uma opinião da qual comungamos acerca dos acontecimentos de 1917:

Qualquer que seja a nossa opinião a respeito do bolchevismo, é inegável que a Revolução Russa foi um dos grandes acontecimentos da história da humanidade e que a subida ao poder dos bolcheviques é um fato de importância mundial. Da mesma forma que os historiadores se ocupam em reconstituir, nos seus mínimos pormenores, a história da Comuna de Paris, assim também eles desejarão conhecer o que se passou em Petrogrado, em novembro de 1917, qual era o estado de espírito do povo, a fisionomia dos seus chefes, suas palavras, seus atos (REED, 1978, p. 10).

Pela primeira vez a população oprimida ganhou voz e venceu seus exploradores. Sob a liderança dos bolcheviques, ocorreu a primeira revolução de operários e de teor socialista da história.

O socialismo, que caminhava até o momento na ilegalidade, levantava-se pela primeira vez em oposição ao capitalismo; era o início de uma luta ideológica que, mesmo velada, perdura até os dias atuais. As condições da Rússia, se pensarmos em termos marxistas, não eram as ideais para uma revolução que almejasse uma sociedade comunista, pois era uma sociedade de desenvolvimento industrial incipiente e economicamente ainda muito arraigada na produção rural. As condições objetivas eram alheias a uma sociedade comunista. Faltavam pão, terra, indústria, e, constantemente, fora as mortes provocadas pela guerra, morria-se por não se ter o que comer, ou pela falta de algo para se proteger do frio; os que se mantinham vivos viviam miseravelmente na luta constante pela sobrevivência. Os bolcheviques contrários a isso explicavam: “[...] essa anomalia alegando que o proletariado russo estava em condições de quebrar a corrente do capitalismo mundial no seu elo mais fraco” (REIS FILHO, 1999, p. 50).

Os russos de acordo com a história eram um povo de homens e mulheres batalhadores, aprenderam a sobreviver em situações adversas à vida humana. E no período da primeira grande guerra e do processo revolucionário, demonstravam bravamente a força humana frente à exploração do homem por outros homens. Reed descreve:

O operário russo era revolucionário, mas não violento, nem dogmático, nem pouco inteligente. Mas, como estava pronto para o combate de barricadas, estudou-lhe as regras e, caso único entre os operários do mundo inteiro, foi na prática que ele as aprendeu. Estava disposto a levar até o fim a luta contra seu opressor, a classe capitalista. Não ignorava que existem ainda outras classes, mas exigia que elas tomassem parte, francamente, no conflito encarniçado que se aproximava (REED, 1978, p. 7).

A classe trabalhadora russa foi a primeira a ser protagonista de lutas sociais e políticas, em nome da sociedade comunista e contra o semifeudalismo e o capitalismo, que aos poucos invadia o território russo e se mostrava tão cruel quanto a servidão.

A princípio os planos de Lenine e dos bolcheviques eram o de iniciar pelo elo mais fraco e, posteriormente, realizar uma revolução socialista mundial. Em longo prazo, a revolução russa só poderia se efetivar, se fosse seguida por outras nações, sobretudo as mais industrializadas, que garantiriam a efetivação do sistema socialista de produção; sem tal efetivação, o regime revolucionário russo não poderia sobreviver por muito tempo.

A expectativa de uma revolução socialista a seguir à insana devastação da I Guerra Mundial não era de modo nenhum absurda. Hoje sabemos que a revolução não ocorreu, que a velha ordem voltou a afirmar-se. Na altura, porém, toda a gente, amigos e inimigos, esperavam ou temiam essa transformação cataclísmica (REIS FILHO, 1999, p. 51).

Goldman em uma análise acertada afirma que

Sensivelmente, o povo russo foi o único que fez a revolução e que estava determinado a defendê-la a todo custo, estava demasiado ocupado na frente de batalha para se defender dos inimigos que tinha dentro de casa. E enquanto os trabalhadores rurais e urbanos russos ofereciam suas vidas nas trincheiras, esse inimigo interno foi-se apoderando cautelosamente, e lentamente, mas com segurança, criou o Estado centralizado e destruiu os Sovietes. Este Estado, destruidor da revolução, hoje pode muito bem ser comparado em despotismo e burocracia a qualquer grande governo do mundo (GOLDMAN, 2012, p. 17).

Vale ressaltar que Lenine no papel de líder revolucionário foi o primeiro, dentre as lideranças, a reconhecer que a Rússia necessitava de paz, tanto para os bolcheviques se manterem no poder, quanto para salvar o que ainda restava da sociedade russa. Para ele, essa não era uma guerra do povo russo, mas sim de governantes, que não combatiam nos campos de batalha e que a legitimavam na busca de ampliação do poder (BERTONHA, 2011).

Os bolcheviques examinaram os desejos do povo. Compreenderam as aspirações elementares e rudes dos trabalhadores, dos soldados, dos operários e dos camponeses. Levando-as em conta, elaboraram o seu programa (REED, 1978). Em meados de junho de 1917, já se ouvia nas ruas da Rússia: “Todo poder aos soviets”<sup>9</sup>. As massas clamavam por uma revolução popular; enquanto isso, mencheviques se aliavam aos burgueses, realizando acordos políticos e financeiros, o que gerava exaltação em toda a população.

Com o início do tempo frio, a situação se tornava ainda mais insustentável, o transporte ferroviário estava parado por falta de combustível, os soldados resistiam na guerra, que, para eles, cada dia mais se tornava sem sentido. As fábricas fechavam as portas, os armazéns pela falta de mantimentos deixavam de funcionar e o racionamento de alimentos era ainda mais severo. Camponeses e operários no cume de suas iras gritavam que a culpa pelos problemas do povo era da burguesia.

---

<sup>9</sup> *Soviets*: a palavra “soviète” significa “conselho”. Durante o governo czarista, o Conselho Imperial do Estado denominava-se Gossudarstvienni Soviète. Entretanto, após a revolução, o termo “soviète” foi empregado para designar um tipo de assembleia eleita pelas organizações econômicas da classe operária: os soviets dos deputados operários, camponeses e soldados.

As massas populares exigiam medidas radicais. Bradavam por paz, terra, liberdade e controle das indústrias pelos operários. Nos campos de batalhas, soldados desertavam em massa, insatisfeitos pela guerra que parecia não ter fim. Os camponeses, seguindo a onda de revolta, queimavam as casas dos donos de propriedades e dividiam as terras entre si. Nas indústrias, operários constantemente paralisavam a produção. Os agitadores do povo eram presos e sofriam represálias sanguinárias. Jornais com teor revolucionário foram proibidos de circular em todo o território russo. Capitalistas temiam que a fúria da população fosse ainda mais longe e tentavam afastar a ameaça de uma insurreição popular.

Em setembro de 1917, a crise agravou-se enormemente. Contrariando a vontade de todo o país, Kerenski e os socialistas “moderados” formaram um governo de coalizão com a burguesia. Em consequência deste ato, os mencheviques e os socialistas revolucionários perderam para sempre a confiança que o povo trabalhador depositava neles (REED, 1978, p. 28).

Dia após dia, o grito das massas era ecoado com mais força, em uma só voz bradavam: “Todo o poder aos soviets! Todo o poder aos representantes diretos de milhões e milhões de operários, soldados e camponeses! Fim à guerra insensata e à diplomacia secreta, à especulação e à traição! A revolução está em perigo, e com ela a classe operária de todo o mundo!” (REED, 1978, p. 33).

A burguesia se via à frente de uma nova Rússia, que até meses atrás era governada por superstições e pelo poder do conversadorismo e da tradição, apresentou-se como uma Rússia nova, consciente e que tinha objetivos considerados, pelos conversadores e burgueses, radicais. Na velha Rússia, que havia pouco tinha deixado de ser czarista, tudo estava sendo gerado para a implantação de uma nova organização social. Os russos começavam a ver a sua realidade de forma diferente, rompendo com as amarras históricas de séculos de opressão. Reed afirma que, ao andar pela Rússia de 1917 e conversar com camponeses, operários, soldados e outros membros das classes menos favorecidas, percebia que os mesmos tinham sede de conhecimento e o assunto preferido era a política. Nos comícios populares um número cada vez maior de pessoas se reunia, “[...] apinhavam-se até o teto soldados, marinheiros, trabalhadores e mulheres, ouvindo atentamente os oradores, como se estivessem em jogo suas próprias vidas” (REED, 1978, p. 41). Entre os discursadores, estavam Lenine, Trotski<sup>10</sup>,

---

<sup>10</sup> Leão Trotski (1879-1940): inicialmente do partido menchevique, posteriormente se tornou um bolchevique. Como comissário de guerra dirigiu o Exército Vermelho para vitória na guerra civil após a Revolução de Outubro de 1917 e sobre a invasão imperialista da Rússia soviética. Ajudou a criar e dirigiu a Oposição de Esquerda a Stalin. Foi fundador da teoria da Revolução Permanente.

Krupskaia<sup>11</sup>, Lunatcharski<sup>12</sup>. Foram Krupskaia e Lunatcharski que, após a Revolução de Outubro, assumiram a construção de um novo sistema de educação russo, que tinha como embasamento a concepção marxista de instrução e educação e como objetivo formar um novo homem para a nova organização social, com princípios socialistas. Afirma o jovem Lunatcharski:

O socialismo triunfante é a sociedade sem classes, ao passo que o socialismo durante a luta é a humanidade escravizada que arranca os seus grilhões vivos constituídos por corpos humanos e pela vida consciência dos seus inimigos de classe [...] Queremos que, numa base coletiva, os traços próprios de cada uma seja alvo de pleno desenvolvimento [...] Só uma sociedade com a força da diversidade de seus diferentes indivíduos, constituída por individualidades claramente afirmados, é verdadeiramente culta e rica (LUNATCHARSKI, 1988, p. 9).

O mês da revolução foi um dos piores, em termos climáticos; na Rússia, o céu se manteve cinzento e abrumado, os dias eram mais curtos e tenebrosos, e uma chuva fina caía incessantemente; nas ruas a lama predominava; um vento frio e úmido soprava impiedosamente. Qualquer um que passasse pelas ruas e campos russos àquela altura teria compaixão da situação em que se encontravam mulheres, homens, velhos e crianças. Reed em seu livro *“Os dez dias que abalaram o mundo”* descreve:

Durante a noite, ao mesmo tempo por economia e por medo dos zepelins, Petrogrado ficava às escuras. Só raramente se acendia uma lâmpada, e, assim mesmo, fraca. Nas casas, em lugar de luz elétrica, empregavam-se velas ou lampiões de querosene das dezoito horas à meia-noite. Das dezoito até as dez da manhã do dia seguinte, a escuridão era tão densa nas ruas, que nada se via à distância de um passo. Os roubos e os assaltos eram freqüentes. Nos hotéis, os hóspedes revezavam-se durante a noite montando guarda com um fuzil na mão. Isto acontecia sob a gestão do Governo Provisório. Semana após semana, os gêneros de primeira necessidade escasseavam. A ração diária de pão foi diminuindo, de setecentos e cinquenta gramas, para quinhentos gramas, e, mais tarde, para duzentos e cinquenta, e ainda para cento e vinte e cinco. Afinal, veio uma semana em que se chegou a nada: não havia mais pão [...] Não se pode fazer idéia da situação desses pobres homens, que ficavam o dia inteiro nas ruas frígidas de Petrogrado, em pleno inverno russo! Nessas filas de homens à espera de pão, ouvi muitas vezes palavras de descontentamento que, apesar de sua índole, as multidões russas deixavam escapar (REED, 1978, p. 34).

---

<sup>11</sup> Nadezda Konstantinovna Krupskaia (1869-1959): destacada personalidade do partido comunista, importante revolucionária, escritora e educadora. Esposa de Lenin, com quem se casou em 1899. Foi uma das elaboradoras do plano de instrução para o povo após a Revolução de Outubro de 1917, na recém-fundada URSS.

<sup>12</sup> Anatoli Vassilievitch Lunatcharski Voinov (1875-1933): importante revolucionário e membro do partido bolchevique, após a Revolução de 1917 foi nomeado Comissário do Povo de Educação. Sua vida e obra estão fortemente relacionadas à educação e arte soviéticas.

Frente ao sofrimento e exigências da população, o governo provisório nada fazia e, quando tomava alguma medida, era em prol da burguesia e no sentido de represálias aos que se manifestavam. A imprensa, proibida de propalar qualquer notícia contrária ao governo provisório, por vezes apresentava aos seus poucos leitores, em uma Rússia semianalfabeta, mentiras e devaneios. A imprensa burguesa delirava de satisfação. “O jornal cadete *Rietch* (*A Palavra*) dizia: Em Moscou, o governo poderá continuar a trabalhar, numa atmosfera tranqüila, sem ser perturbado pelos anarquistas” (REED, 1978, p. 45).

Em outras matérias os jornais burgueses e os socialistas moderados atacavam os bolcheviques, na tentativa de impedir a revolução socialista, que há meses já estava anunciada. Diziam as manchetes dos jornais: “Os bolcheviques são os mais perigosos inimigos da revolução, dizia o *Dielo Naroda*. O jornal menchevique *Dien* escrevia: É necessário que o governo se defenda e nos defenda” (REED, 1978, p. 60).

Em contrapartida, os jornais bolcheviques, mesmo circulando na clandestinidade, incitavam ainda mais os espíritos revolucionários de homens e mulheres russos. Em O *Rabótchi Vut*, circulou um importante texto revolucionário, escrito por Lenine, e que levava como título “Carta aos meus camaradas”; o escrito tinha a intenção de agitar ainda mais politicamente o povo rumo à revolução e promover uma insurreição armada no intuito de derrubar o governo provisório. Enquanto isso, membros do comitê central do partido bolchevique planejavam como seria o governo socialista, afirmavam que o novo governo consistiria em

Uma organização flexível, obedecendo à vontade popular, como acontece nos sovietes, permitindo a livre expansão das forças locais. Atualmente, o Governo Provisório tolhe a ação das vontades democráticas locais, que estão na mesma situação que sob o regime czarista. Na nova sociedade, toda a iniciativa virá de baixo, das massas. A forma de governo será decalcada na organização do Partido Social-Democrata russo. O novo Tsik será responsável perante as constantes assembleias dos congressos panrussos dos sovietes. Terá desse modo, papel semelhante ao Parlamento. Em cada ministério, em lugar do ministro, haverá um comitê diretamente responsável perante os sovietes (REED, 1978, p. 62).

A derrocada do poder do governo provisório estava todos os dias mais aparente, os bolcheviques ganhavam força, e pela primeira vez na história humana a possibilidade de uma revolução proletária se tornava real. Os bolcheviques sabiam que ou exterminavam os burgueses ou eles os exterminariam. Os burgueses e o setor conservador da sociedade russa temiam que tais acontecimentos se tornassem reais e proclamavam a quem quisesse ouvir palavras contrárias aos bolcheviques, como explicita Reed, ao referir-se sobre o que ouviu de um membro da direita russa, o professor Chátiski:

– Bando de canalhas! Não terão coragem. E, se atreverem, serão liquidados num abrir e fechar de olhos. Se tal acontecer, ficaremos contentes, porque os bolcheviques serão destroçados completamente e não poderão tomar parte na Assembléia Constituinte. Veja: sou membro de uma comissão que o governo nomeou para elaborar o projeto da Constituição. Teremos uma Assembléia Legislativa com duas câmaras, como vocês, nos Estados Unidos. Na Câmara, terão assento os representantes dos distritos. Na Câmara Alta, ou Senado, só tomarão parte os representantes das profissões liberais, dos *ziemstvos*, das cooperativas, dos sindicatos [...] (REED, 1978, p. 69-70).

Os mencheviques, grupo também identificado como revolucionários socialistas, uniram-se à burguesia e faziam coro com a direita, contra o processo revolucionário que se anunciava. Como exemplo, Reed) nos apresenta em sua obra uma afirmação do membro do partido menchevique, Gotz:

Os bolcheviques estão fazendo uma política demagógica e criminosa. Exploram o descontentamento do populacho. Mas é preciso reconhecer, abertamente, que algumas reivindicações populares não foram até agora satisfeitas. Os problemas da paz, da terra, da democratização do Exército foram tratados de maneira tal pelo governo, que nenhum soldado, nenhum camponês, nenhum operário acredita que o governo esteja seriamente disposto a resolvê-los. Nós, mencheviques, não queremos provocar uma crise de gabinete. Estamos dispostos a defender o governo com todas as nossas forças, até a última gota do nosso sangue. Mas é necessário que o Governo Provisório faça declarações precisas sobre os tão palpitantes problemas, que o povo há tanto tempo espera (REED, 1978, p. 74).

Em outubro de 1917, pela eficácia que os bolcheviques obtiveram e, sobretudo pela força que ganharam os movimentos sociais revolucionários, eles assumiram o poder e derrubaram o governo provisório. Voline considera que “[...] era natural e lógico que, após a falha de todos os governos moderados e partidos políticos, as massas trabalhadoras deveriam se voltar para o último partido restante, o único que olhava em direção a uma revolução social sem medo” (VOLINE, 1975, p. 156). Os soviets passaram à ofensiva e ocuparam pontos estratégicos, anunciando a deposição do governo, a negociação da paz com as nações beligerantes e o fim da propriedade privada no campo (FREITAS, 1967). Lenine na abertura do II Congresso dos Sovietes anunciou as primeiras medidas do governo revolucionário, conforme o texto que se segue:

1. Fica abolida a propriedade privada da terra, sem qualquer indenização.
2. Todas as grandes propriedades territoriais, todas as terras pertencentes à Coroa, às ordens religiosas, à Igreja, compreendendo o gado, o material agrícola e os edifícios com todas as suas dependências, ficam à disposição dos comitês distritais agrários e de Camponeses até a reunião da Assembléia Constituinte.
3. Tudo e qualquer prejuízo causado à propriedade confiscada, que pertence definitivamente ao povo, será considerado como grave delito, e

os culpados serão julgados pelos tribunais revolucionários. Os soviets distritais dos deputados camponeses devem adotar as medidas necessárias à manutenção da ordem mais rigorosa no momento da transmissão da propriedade da terra, no sentido de determinar sua superfície e a designação das submetidas ao confisco, com o fim de se estabelecer o inventário de todas as propriedades confiscadas e a mais severa proteção revolucionária das explorações agrícolas, dos edifícios, dos utensílios, do gado, dos produtos e que devem ser entregues ao povo. 4. Até decisão definitiva, da Assembléia Constituinte, a aplicação das grandes reformas agrárias deve ser orientada pela Instrução Camponesa [...] estabelecida de acordo com as 242 instruções camponesas locais pela redação do Izvestia do Soviete Pan-Russo dos Deputados Camponeses e publicada no número 88, do Izvestia (Petrogrado, 1917) (REED, 1978, p. 134-135).

Para Hobsbawm, “A Revolução de Outubro produziu de longe o mais formidável movimento revolucionário organizado na história moderna [...] a Revolução de Outubro foi universalmente reconhecida como um acontecimento que abalou o mundo” (HOBBSAWM, 1995, p. 72). Em 25 de outubro de 1917, a revolução ocorreu de fato; apesar das declarações realizadas no congresso dos Sovietes, a vitória só foi alcançada por meio de intensas batalhas. Voline destaca que, “[...] entretanto, em muitas regiões, notavelmente no Leste e na Rússia Central, a vitória dos Bolcheviques não foi completa. Movimentos contra-revolucionários logo apareceram” (VOLINE, 1975, p. 166). No que concerne à noite em que a revolução russa se efetivou, Capriles escreve:

No momento que eclode Revolução Socialista, na histórica noite de 25 para 26 de outubro de 1917, segundo o calendário Juliano, Makarenko encontrava-se em Kriúkov e seguia com atenção os acontecimentos de Petrogrado. As informações fornecidas pelo soviets local refletiam o clima de euforia que viviam os revolucionários na capital. Nos dias seguintes à tomada do poder, a agitação foi enorme. Anton Semiónovitch toma conhecimento dos principais decretos elaborados por Lenin e sancionados pelo governo revolucionário. Os jornais divulgam as propostas sobre a paz universal e as determinações sobre a reforma agrária e a reforma educativa (CAPRILES, 2007, p. 73).

Makarenko acompanhou atento a todos os acontecimentos e os registrou com detalhes. Em meio a discursos e batalhas estava criada a República do Proletariado, a qual foi denominada União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). A Revolução de Outubro ocasionou a criação da primeira nação socialista da história dos homens. Acerca do processo de tomada do poder pelos revolucionários, Pavão salienta:

Nesse sentido, afirmamos que os acontecimentos que envolvem a Revolução Russa não são lineares, como podemos perceber pelos eventos históricos na Ucrânia e na própria Rússia. Como em qualquer outro conflito de grande monta, a tomada de poder por grupos revolucionários e sua consolidação

nele constitui um processo complexo, com idas e vindas [...] (PAVÃO, 2009, p. 46).

Reed, em seu relato acerca da tomada do poder pelos bolcheviques, escreve:

Pela vitória da grande causa, muitos mártires tombados na primavera haviam descido, para descansar para sempre no Túmulo Fraternal do Campo de Marte. Pela causa, milhares e dezenas de milhares de homens haviam morrido nos presídios, no desterro, nas minas, na Sibéria. Talvez nem tudo tenha se passado como eles esperavam, nem tampouco como a *intelliguentsia* desejava. Mas o fato estava consumado. O fenômeno se produzira, brutal, irresistivelmente, desprezando as fórmulas e o sentimentalismo, em toda a sua realidade! (REED, 1978, p. 127).

Para os bolcheviques, esse era o primeiro passo para uma revolução mundial, porém tal plano fracassou. E tal fracasso afetou a existência da URSS. Em um mundo permeado pelo capitalismo a existência de uma nação socialista ia contra a lógica em vigência. Nesse sentido, a URSS sofreu bloqueios econômicos de todo o mundo, logo após sua criação, o que trouxe implicações gravíssimas para a nação socialista.

#### 2.4 A DITADURA DO PROLETARIADO: A INSURREIÇÃO DO POVO

A insurreição do proletariado inaugurou uma nova fase da história mundial, mas Lenine e os bolcheviques tinham plena consciência que, se a revolução socialista mundial não se efetivasse, os dias da ditadura do proletariado estavam contados. E de fato, após os acontecimentos de outubro de 1917, a situação para o povo russo se agravou. Os bolcheviques não agradaram a todo o povo russo e, além da coação exercida pelas nações capitalistas, ainda tiveram que enfrentar batalhas internas, de pessoas que não aceitavam como legítima a tomada de poder do grupo. Fora isso, enfrentavam acusações de que haviam cometido atos

[...] de atrocidades e assassinatos contra supostos inimigos da Revolução, de realização de prisões políticas em massa, de fortalecimento da opressão através da reformulação da antiga polícia secreta existente desde o período tsarista, de controle dos meios de comunicação, além da capitalização da economia e da criação de uma “elite” em torno do partido, sendo seus membros privilegiados em detrimento do povo (PAVÃO, 2009, p. 47).

No início do ano posterior à revolução, a Rússia entrou em um processo intenso de guerra civil; temendo perder o poder, os bolcheviques passaram a praticar uma política considerada por alguns de autoritária e aumentaram seu controle sobre toda a máquina estatal;

tal política se designou comunismo de guerra. Iniciou-se a tomada dos grãos produzidos, dos equipamentos utilizados para trabalhar com a terra e das terras, todas as indústrias foram estatizadas, tal medida gerou extrema miséria e sofrimento aos camponeses e proletários, que ficavam com apenas o necessário para se manterem vivos (PAVÃO, 2009).

O ano de 1918 marcou a invasão de tropas francesas, britânicas, americanas, japonesas, polonesas, sérvias, gregas e romenas ao território russo, no intuito de pôr fim ao governo dos bolcheviques. O bloqueio econômico gerou fome em toda a URSS, morriam milhares de homens, mulheres e crianças nos longos dias frios. Dos que ainda conseguiam manterem-se vivos, muitos deixavam a Rússia, em uma última tentativa de luta pela sobrevivência.

Para que se implantasse o socialismo em território russo, era necessário que a indústria se desenvolvesse e houvesse pão para todos, ou seja, condições de subsistência. Porém, essa não era a realidade russa, os bolcheviques perceberam que apenas a tomada de poder e a proclamação do governo proletário não garantiram que a União Soviética se tornasse de fato uma nação socialista, no que tange ao modo de produção. A recém-fundada URSS se tornou um país ilhado, atrasado e sem condições de sobrevivência para seu povo.

Para autores como Goldman (2007), a experiência do governo dos bolcheviques, liderados por Lenine, na Rússia, em muito se afastava da proposta socialista, preconizada por Marx. O Estado bolchevique se tornou um Estado burocrático e autoritário e extremamente repressivo. Não cabe a nós, enquanto pesquisadores da história, realizarmos juízo de valores frente a tais acontecimentos, mas, em nossa análise, embasados nos preceitos marxistas, acreditamos que de fato o modelo de produção russo não se alterou, e o país nunca foi de fato socialista. A insurreição proletária e camponesa foi uma das maiores demonstrações de força da classe operária, porém a Rússia não apresentava as condições objetivas para a instauração do socialismo; o que houve de fato foi um governo com ideias marxistas e que visava à construção da sociedade comunista, porém o modo de produção nunca chegou a ser alterado, e a Rússia passou a viver em uma ditadura, não a do proletariado, como se almejava, mas a de alguns representantes, sobretudo do partido bolchevique.

Os anos de guerra civil em que a URSS mergulhou após a insurreição de 1917 em nada se assemelham aos sonhos de camponeses e proletários antes da revolução. Autores como Courtois *et al.*

Desde o início, Lenin e seus camaradas se situaram no contexto de uma “guerra de classes” sem perdão, na qual o adversário político, ideológico, ou mesmo a população recalcitrante eram considerados - e tratados - como

inimigos e deveriam ser exterminados. Os bolcheviques decidiram eliminar legalmente, mas também fisicamente, toda oposição ou toda resistência - e mesmo a mais passiva - ao seu poder hegemônico, não somente quando esta era formada por grupos de adversários políticos, mas também por grupos sociais propriamente ditos – tais como a nobreza, a burguesia, a intelligentsia, a Igreja, etc., e também as categorias profissionais (os oficiais, os policiais...) - conferindo, por vezes, uma dimensão de genocídio a esses atos (COURTOIS *et al.*, 1999, p. 10).

A guerra civil, iniciada em abril de 1918, trouxe perdas dos dois lados, tanto dos comunistas, imortalizados como Exército vermelho, quanto os opositores, conhecidos como Exército branco.

No início de 1921 a guerra civil chegou ao fim, com a derrota do Exército branco, formado por ex-oficiais czaristas, por milícias formadas por pessoas que estavam descontentes com o governo comunista, representantes da burguesia que eram apoiados por potências capitalistas, tais como a Inglaterra e a França. Frente à derrocada do Exército branco, as forças estrangeiras se viram obrigadas a deixar o território russo e reconhecer a hegemonia do governo soviète.

Ao todo a guerra civil custou oito milhões de vida, levadas pelo confronto, pela fome, pelo frio e pelas epidemias que invadiam todo o território (REIS FILHO, 1983). Ao término dessa guerra, a URSS estava totalmente arrasada; segundo Figes, “O maior de todos os males da época, responsável pelo extermínio de cinco milhões de vidas, foi à grande fome de 1921-1922” (FIGES, 1999, p. 952).

Em meados de 1921, Lenine, entendendo a situação em que Rússia se encontrava e percebendo que não seria possível uma transição direta para o socialismo, instituiu uma nova política econômica, que retrocedia com o comunismo de guerra e visava promover um avanço industrial por meio do capitalismo estatal, que tinha como objetivos principais conquistar a estabilidade econômica a URSS e resolver os problemas sociais que afligiam o país. Antes de se empenhar na luta pela mudança do sistema de produção, era necessário manter a população viva (HOBSBAWN, 1995). Para que o governo conseguisse manter o poder e a nova política econômica não fracassasse, foram tomadas algumas medidas, consideradas por alguns ilegítimas. Em nome do poder absoluto, os bolcheviques realizaram atos “que incluíam prisões, exílios e fuzilamentos (RODRIGUES; DE FIORE, 1978, p. 27). A nova política econômica foi organizada da seguinte maneira:

Posse pelo Estado proletário dos recursos de comando da economia: admissão do capitalismo de maneira limitada, sob o controle do Estado, o qual estava relacionado inevitavelmente com a luta econômica dos

componentes socialistas e capitalistas segundo o princípio de ‘quem vencerá a quem’; desenvolvimento do comércio como forma fundamental das relações econômicas entre a indústria socialista e a pequena produção mercantil camponesa; utilização ampla dos estímulos econômicos, das relações monetário-mercantis para desenvolver todos os ramos da economia; industrialização socialista como condição decisiva para criar a base técnico-material do socialismo; mudança gradual e voluntária da pequena produção mercantil para a grande economia socialista mediante a cooperação (RUMIÁNTSEV, 1981, p. 32).

Esclarece-nos Lenine em “O Estado e a Revolução” o significado desse período de transição, que, segundo ele, era um estágio necessário, para que de fato se alcançasse o modo de produção comunista:

Antigamente, a questão era posta assim: para conseguir emancipar-se, o proletariado deve derrubar a burguesia, apoderar-se do poder político e estabelecer a sua ditadura revolucionária. Agora, a questão se põe de modo um pouco diferente: a passagem da sociedade capitalista para a sociedade comunista é impossível sem um “período de transição política” em que o Estado não pode ser outra coisa senão a ditadura revolucionária do proletariado (LENINE, 2010, p. 106).

De acordo com Lenine, esse período de transição, apesar de em muitos aspectos se assemelhar ao capitalismo, tinha objetivos claros de promover o desenvolvimento e era abalizado em outros valores, diferente daqueles que regiam os governos capitalistas. Afirma Lenine: “[...] não há outro meio a não ser a ditadura, nem outro agente a não ser o proletariado para quebrar a resistência dos capitalistas exploradores” (LENINE, 2010, p. 108).

Paralela à guerra civil, outra guerra foi travada contra o analfabetismo, a instrução era palavra de ordem, no novo governo instaurado. Logo após a Revolução de 1917, Makarenko se sentiu responsável, como educador, em elaborar uma metodologia da docência, capaz de educar o novo homem. Já nos primeiros meses coube aos pedagogos a função de “alfabetizar dezenas de milhões de pessoas e instruir todas elas de acordo com as exigências políticas do socialismo” (CAPRILES, 2007, p. 75). Essa foi função muito importante, que rompia com os anos de analfabetismo em que o povo russo estava inserido. “A Revolução de Outubro desenvolveu uma doutrina que considerava a linguagem uma disciplina científica e política. Isto permitiu aos pedagogos estabelecer novas relações e conceitos de intercambio com os educandos” (CAPRILES, 2007, p. 75).

Makarenko se sentiu muito empolgado com a nova sociedade que se anunciava e com a função que fora dada aos pedagogos. Ele participava ativamente no processo de alfabetização em território ucraniano.

Em 1918, foi nomeado pelos soviets diretor da escola ferroviária em que iniciou sua prática pedagógica. A vida na Ucrânia não era tranquila; a Primeira Guerra Mundial ainda dizimava milhares de vidas em seu território; grupos contrarrevolucionários intensificavam a guerra civil, que ainda se estenderia por alguns anos.

No ano de 1919, por ordem dos soviets, foi transferido para Poltava, onde foi nomeado diretor do departamento de instrução primária local. Os números de educandos eram enormes e as condições objetivas adversas, mas, superando os desafios impostos pela realidade, desenvolveu um bom trabalho.

Desde a revolução, a questão da delinquência infantil preocupava os soviets, sobretudo Máximo Górkki; em 1920 o escritor dirigiu-se a Lunatchárski, responsável pela instrução pública na URSS, no intuito de encontrar uma solução para o problema, que se agravava a cada dia mais. Capriles cita a carta enviada a Lunatchárki por Górkki:

Por outro lado chamo a sua atenção para a necessidade de tomar medidas decisivas acerca da luta contra a delinquência infantil. Agora que estou informado do estado deste problema, sei com que apavorante rapidez o contágio da delinquência progride. Em Petrogrado constam-se mais de 6000 crianças criminosas, dos 9 aos 15 anos, todas elas reincidentes e, entre elas, um bom número de assassinos. Há garotos de 12 anos, cada um deles com três mortes nos seus antecedentes. Isolá-los não seria a solução. Impõem-se outras medidas; proponho, portanto, criar uma liga para a luta contra a delinquência infantil, na qual incluirei as personalidades mais competentes em matéria de educação da infância deficiente e da luta contra a delinquência infantil (CAPRILES, 2007, p. 79).

Górkki, como revolucionário humanista que era, propôs reeducar as crianças que se encontravam na delinquência, ao contrário do regime czarista que, na busca de enfrentar tal problema, enviava as crianças e adolescentes para reformatórios, onde eram tratados como presos comuns e eram totalmente isolados da vida social. O índice de recuperação em tais casas era nulo.

Lenine, rapidamente, reconhecendo a gravidade do problema, aprovou a ideia de Górkki, e já em 1920 foram fundadas tais casas de recuperação infantil; a proposta era que “[...] fosse feito um trabalho concreto de readaptação das crianças e dos jovens, mediante a educação, com a finalidade de fazer deles cidadãos perfeitamente integrados na produção social” (CAPRILES, 2007, p. 79).

Os jovens que foram encaminhados para as instituições eram, em sua maioria, órfãos, vítimas do caos político que havia anos tinha se instalado na Rússia. Na Ucrânia, esse também era um grave problema, e lá também foram organizadas instituições que receberiam os jovens,

conhecidos comumente como pivetes. Foi autorizada a criação de uma colônia rural para atender às crianças e jovens delinquentes em Poltava. A instituição ocuparia o espaço de um antigo reformatório czarista para jovens; era uma área rural, localizada a 6 km da área urbana. Para o cargo de dirigente da colônia, foi convidado o jovem pedagogo, Makarenko, que, em dezembro de 1920, dirigiu-se ao estabelecimento, ciente de sua responsabilidade. Tinha na época 32 anos, um espírito jovem e permeado de esperança nos homens:

Anton Semiónovitch Makarenko estava profundamente influenciado pela constante leitura da obra de Górkí sobre a vida e os problemas das crianças de rua, ele aceita o novo desafio ciente da responsabilidade que isso significa [...] Ao assumir a liderança de uma nova e, até então, desconhecida batalha pedagógica, Makarenko percebeu como escreveu depois, “em face do futuro”, que seu destino estava resolvido; para poder continuar, já não existia o enigma e a incerteza. Era esta a oportunidade que sempre esperara para por em prática as suas teorias sobre o desenvolvimento de uma nova ação docente, baseada na interligação do coletivo geral com o coletivo dos educandos e o coletivo dos educadores (CAPRILES, 2007, p. 80).

No ano de 1924, aos 21 dias do mês de janeiro, Lenine morreu; as causas de sua morte são até hoje discutidas por estudiosos. O fato foi que o revolucionário sofreu vários acidentes vasculares cerebrais e, quando sofreu uma hemorragia generalizada, que o conduziu ao óbito, já estava praticamente paralisado e preso a uma cadeira de rodas. Muitos afirmam que a morte seria consequência de uma bala que estava alojada em seu corpo, herança de um dos várias atentados de morte que havia sofrido. Lenine esteve por seis anos no poder, nos último dois anos gravemente doente. Victor Serge escreveu sobre a ocasião da morte de Lenine:

Morreu esgotado por seu trabalho sobre humano, a 21 de janeiro de 1924. Havia por volta de dois anos que a doença o imobilizada em sua cadeira e tinha uma terrível expressão de angústia, de que algumas fotografias da época dão prova. Mas a sua inteligência continuava acordada, e de quando em quando, manifestava-se em potentes labaredas. Nesses momentos exprimia a sua grande ansiedade. Os males do regime que fundara, e que via com grande lucidez, angustiavam-no. Não há nada mais trágico que a história de suas ultimas lutas contra as doenças, com pensamento fixo em poder trabalhar novamente, em procurar soluções e aliados, em conter as ameaças. E, sem dúvida nenhuma, se Lenine tivesse vivido mais alguns anos, o rumo da revolução teria sido profundamente modificado em sentido favorável (SERGE, 1937, s/p).<sup>13,14</sup>

---

<sup>13</sup> Morreu esgotado pelo seu labor sobre-humano a 21 de janeiro de 1924. Havia por volta de dous anos que a doença o imobilizava no seu cadeirom e tinha uma terrível expressom de angústia, de que algumas fotografias da época dam prova. Mas a sua inteligência continuava acordada, e de quando em quando, manifestava-se em potentes labaredas. Nesses momentos exprimia a sua grande ansiedade. Os males do regime que fundara, e que via com grande lucidez, angustiavam-no. Nom há mada mais trágico que a história das suas últimas luitas contra a doenças, com pensamento fico em poder trabalhar novamente, em procurar soluçons e aliados, em conter as ameaças. E, sem dúvida nemgumha, se Lenine tivesse vivido mais alguns

Victor Serge se mostrou pessimista frente aos acontecimentos que se sucederam após a morte de Lenine e do rumo que a URSS tomaria; afirma ele em tom de lamento:

É indubitável que a sua grande autoridade e sua vasta inteligência teriam agido eficazmente no curso das coisas. Talvez tivesse podido orientar o Estado socialista para a inteligência com os camponeses e moderar assim, ou até ultrapassar, as tendências reacionárias do interior, talvez tivesse sucumbido no longo prazo neste combate, como sucumbiu outra inteligência igual a dele. A história percorre o caminho servindo-se, segundo as circunstâncias, dos homens de gênio e dos medíocres. Depois de Napoleão, criou o homem de Sedám. O acaso e o inexorável vão misturados. A sorte das pessoas depende do acaso, a resultante social do inexorável, e este inexorável arrasta e quebra o acaso...tantas causas econômicas e históricas tem contribuído para o desgaste da Revolução que se Lenine tivesse vivido mais tempo, provavelmente teria corrido uma sorte semelhante à dos seus companheiros das grandes jornadas revolucionárias. Mas o regime seria melhor (SERGE, 1937, s/p).<sup>15,16</sup>

Com a morte de Lenine, iniciava-se uma nova fase da URSS, a república socialista estava sem um líder estabelecido. Entre os principais nomes do partido bolchevique, que disputavam o poder, estava Trotsky, que havia se mostrado um excelente estrategista durante o período de guerra civil; todas as vitórias do Exército vermelho eram atribuídas a ele e ao seu poder de liderança; do outro lado da disputa, encontrava-se Joseph Stálin<sup>17</sup>. De acordo com Ludwig, “Stalin era um cego partidário de Lenine”, e um nome pouco conhecido pelas

---

anos, o rumo da revolução teria-se visto profundamente modificado em sentido favorável (SERGE, 1937, s/p).

<sup>14</sup> O texto original está no idioma galego, foi publicado em “La Batalla”, órgão de expressão do Partido Operário de Unificação Marxista.

<sup>15</sup> É indubitável que a sua grande autoridade e sua vasta inteligência teriam agido eficazmente no curso das coisas. Talvez tivesse podido orientar o Estado socialista para a inteligência com os camponeses e moderar assim, ou até ultrapassar, as tendências reacionárias do interior, talvez tivesse sucumbido no longo prazo neste combate, como sucumbiu outra inteligência igual a dele. A história percorre o caminho servindo-se, segundo as circunstâncias, dos homens de gênio e dos medíocres. Depois de Napoleom, criou o homem de Sedám. O acaso e o inexorável vam misturados. A sorte das pessoas depende do acaso, a resultante social do inexorável, e este inexorável arrasta e quebra o acaso...tantas causas econômicas e históricas tem contribuído para o desgasta da Revolução que se Lenine tivesse vivido mais tempo, provavelmente teria corrido umha sorte semelhante à dos seus companheiros das grandes jornadas revolucionárias. Mas o regime seria melhor (SERGE, 1937, s/p).

<sup>16</sup> Como a situação anterior, o original se encontra no idioma galego.

<sup>17</sup> Revolucionário desde 1895, ingressou, em 1903, no partido bolchevista. Em 1917 ocupou o cargo de Comissário para as Nacionalidades. Em abril de 1922, foi eleito Secretário Geral do Partido Comunista. Após a morte de Lenine, em 1924, introduziu a teoria do “socialismo em um só país”. Em 1927, formulou sua teoria do “Social Fascismo”, descrevendo que as teorias da social-democracia e do fascismo são na essência a mesma teoria (LUDWIG, 1942).

massas. Ainda nos valendo das palavras de Ludwig, no que concerne à disputa do poder da URSS entre Trotsky e Stalin:

Leon Trotsky, um dos mais brilhantes fenômenos de nossa era, parecia ter nascido para completar Lenine, que o escolheu como seu mais íntimo colaborador, porque possuía o que lhe faltava: eloqüência irresistível, o poder de sugestionar as massas, a apaixonada inclinação de um homem de espírito para um mundo de ação. Trotsky, que como orador e escritor era muito superior a Lenine, tinha uma energia elástica que não era grande bastante para que pudesse dirigir a Revolução só, mas que era realçada e exaltada pela natureza mais moderada de Lenine.[...] A rápida ascensão de Trotsky despertou os ciúmes de Stalin por esse rival a quem a natureza dotara com dons assim superiores. O caráter, e não os princípios, criou a separação entre estas duas figuras importantes, e essa separação alargou-se e aprofundou-se até que, por fim, o espírito sombrio, obstinado e paciente triunfou sobre o lépido, arguto e brilhante. Basta-nos comparar as cabeças dos dois homens: a de Trotsky é toda testa e olhos, a de Stalin não tem nem testa nem olhos. Uma é delicada, a outra pesada; uma viva, a outra sombria. O único característico físico que tinham em comum eram as mãos delicadas que, devemos observar, são comuns entre os ditadores. Em todos os sentidos, esses homens se contrastam: Trotsky era o líder popular, eficiente externamente; Stalin, o organizador, eficiente internamente; Trotsky era o poliglota, o cidadão do mundo, o homem de superior educação; a educação de Stalin é puramente marxista, sua cultura é limitada, não conhece línguas, seus contactos têm sido exclusivamente com círculos russos. Um homem eloqüente ao lado de um homem silencioso; um judeu brilhantemente dotado ao lado de um asiático apaixonado. Ambos tinham alguns dos dons do seu chefe Lenine: Trotsky o *élan*, Stalin a paciência; Trotsky como entusiasta, Stalin como político; Trotsky como profeta, Stalin como dirigente. Podemos comparar Trotsky com o automóvel leve, veloz, que roda sobre qualquer espécie de estrada e voa para além da meta; Stalin com um pesado trator que lavra o solo mais duro, avança lentamente e prepara a terra para receber a semente. Se pudéssemos imaginar um trator com uma alma, não olharia ele com desconfiança e enfado o gracioso carrinho que o vence na carreira e vai sempre na frente? Iguamente diferente era a vida desses dois homens da mesma idade (LUDWIG,1942, s/p).

Sobre Trotsky pairava a desconfiança se ele seria o homem mais indicado para assumir a liderança da República do proletário. Tais receios se davam pelo fato de ter sido Trotsky oriundo de uma família burguesa e até anos antes à revolução um menchevique. “Que sabia aquele filho de uma família burguesa sobre a miséria dos operários e camponeses, que nunca sofrera? Seria ele melhor do que os filhos da burguesia branca, que eram mortos aos milhares” (LUDWIG, 1942, s/p). Já Stalin era um filho da classe operária, sendo ele mesmo um proletário, havia lutado nos anos de guerra civil, com alguém que sentia na pele as dores da exploração, o que o era de fato. Mas, por sua personalidade marcada pela falta de piedade, ele era considerado demasiadamente bárbaro com os inimigos.

Um ano antes de sua morte, Lenine já temia que não continuasse vivo e se preocupava com o rumo que a URSS tomaria; sensato, percebeu que a disputa se daria entre os dois

maiores líderes do partido comunista: Trotsky e Stalin. Sobre essa questão, em seu testamento encontramos os seguintes excertos:

Penso que o fator fundamental na questão da estabilidade do Partido é constituído pela divergência entre Trotsky e Stalin, membros do Comitê Central. As relações entre eles constituem, em minha opinião, uma grande parte do perigo dessa cisão, que poderia ser evitada elevando-se o número de membros do Comitê Central a 50 ou 100. [...] O camarada Stalin, tendo sido feito Secretário Geral, concentrou um enorme poder em suas mãos, e estou certo de que sabe sempre usar esse poder com suficiente cautela. Por outro lado, o camarada Trotsky distingue-se não só pela sua excepcional competência – pessoalmente é, com certeza, o homem mais hábil no Comitê Central – como pela confiança por demais extensiva em si própria e uma disposição para ser por demais atraído pelo lado puramente administrativo dos negócios. [...] Estas duas qualidades dos dois mais competentes líderes do atual Comitê Central, muito inocentemente nos levariam a uma cisão. Se o nosso Partido não tomar providências para evitá-la, essa cisão poderá dar-se inesperadamente (LENINE, 1923, s/p).

Dez dias depois após saber de um ato de crueldade praticado por Stalin, que ia contra os princípios do governo comunista, Lenine escreveu a seguinte nota em seu testamento:

Stalin é por demais indelicado, e esta falta, inteiramente suportável nas relações entre nós comunistas, torna-se insuportável no exercício do cargo de Secretário Geral. Portanto, proponho aos camaradas que procurem um meio de afastá-lo dessa posição, nomeando em seu lugar um outro que, a todos os respeito, menos em qualidades superiores, seja diferente dele; isto é, um homem mais paciente, mais cordato, mais delicado e mais atencioso para com os camaradas, menos caprichoso, etc. Esta circunstância pode parecer uma insignificante nonada, mas penso que, sob o ponto de vista de evitar uma cisão e sob o ponto de vista das relações entre Stalin e Trotsky, a que me referi acima, não é uma nonada, ou é uma nonada que pode adquirir uma importância decisiva (LENINE, 1923, s/p).

Quando em janeiro de 1924 Lenine faleceu subitamente, na ocasião Trotsky estava viajando, para buscar tratamento de um mal de saúde que lhe havia ocorrido, e foi avisado por telégrafo por Stalin, “Mais tarde, queixou-se ter sido mal informado sobre a data do funeral para que não o pudesse assistir” (LUDWIG, 1942, s/p). Trotsky enviou o seguinte telegrama, após a morte de Lenine: “Lênin já não existe... Estas palavras caem sobre nós com uma rocha gigantesca cai ao mar. Como podemos acreditar nisso? Como poderemos algum dia nos reconciliar com isso?”. (LUDWIG, 1942, s/p). Sendo assim, Stalin enterrou Lenine e, sobre o corpo do revolucionário, proferiu as seguintes palavras que podem ser encontradas em Ludwig:

Nós, comunistas, somos um povo de um feito especial. Somos feitos de um material especial. Somos os que formam o exército do grande estrategista proletário, o exército do camarada Lenine. Não há nada mais elevado do que

a honra de pertencer a este exército. Não há nada, mais elevado do que o título de membro do Partido cujo fundador e líder é o camarada Lenine [...] Deixando-nos, o camarada Lenine adjurou-nos a que mantivéssemos bem alto e zelássemos pela pureza do grande título de membro do Partido. Juramos-vos, camarada Lenine, que cumpriremos o vosso mandado com honra! [...] Deixando-nos, o camarada Lenine adjurou-nos a que reforçássemos com todas as nossas energias a aliança entre operários e camponeses. Juramos-vos, camarada Lenine, que este mandado será, também, cumprido com honra! [...] O camarada Lenine, sem cessar, insistiu na necessidade de manter a união voluntária das nações de nosso país, na necessidade da cooperação fraternal dentro da moldura da União das Repúblicas. Deixando-nos, o camarada Lenine adjurou-nos a que consolidássemos e estendéssemos a União das Repúblicas. Nós juramos-vos, camarada Lenine, que cumpriremos, igualmente, essa ordem com honra! [...] Por mais de uma vez, Lenine fez-nos ver que fortalecer cada vez mais o Exército Vermelho e melhorar suas condições é uma das tarefas mais importantes do nosso Partido... Juremos então, camaradas, que não pouparemos esforços para tornar mais forte nosso Exército Vermelho e nossa Marinha Vermelha [...] (STALIN, 1924 apud LUDWIG, 1942, s/p).

Após a morte de Lenine, os quatro anos que se seguiram foram marcados pela luta interna no antigo partido bolchevique, denominado naquele período de partido comunista, entre Stalin e Trotsky, ambos tinham o intuito de assumir o poder da URSS. A batalha terminou com Stalin vitorioso e a instalação de uma ditadura, por meio de um golpe de Estado. O testamento de Lenine nunca foi lido em público, apesar dos apelos de sua viúva Krupskaja, o que talvez tivesse evitado a subida de Stalin ao poder. “Trotsky, acusava-o de ter traído a Revolução mundial, e oitenta e três líderes muitos conhecidos subscreveram o manifesto” (LUDWIG, 1942, s/p). Após o golpe de Estado, Stalin expulsou Trotsky e outros de seus inimigos do país. Lessa apresenta uma análise, da qual partilhamos, acerca do regime stalinista:

[...] o socialismo deixa de ser o fenecimento do Estado, os trabalhadores armados em milícia, a identificação entre o poder executivo e o legislativo, etc. (que caracterizaram a Comuna), e passa a ser a estatização dos meios de produção e a ampliação ao infinito do planejamento burocraticamente centralizado, o fortalecimento da família monogâmica, o crescimento do Estado... O “socialismo” passa a ser compatível com o mercado (LESSA, 2012a, p. 2).

Quanto Stálin assumiu o poder da URSS, Makarenko deixou a direção da colônia Górkí, era o ano de 1928. Deixando ali estabelecida uma nova organização, assumiu a partir daí a colônia Dzerjinski, onde também desenvolveu um trabalho com menores infratores. O trabalho em Dzerjinski foi facilitado porque já havia desenvolvido um sistema pedagógico para educar os jovens e crianças. Os anos na colônia foram marcados por muitos êxitos, apesar das críticas e ameaças que permeavam a sua vida desde os anos em que esteve à frente da colônia Górkí.

Por meio de uma organização pedagógica, baseada na coletividade e na disciplina, tendo como aporte teórico o marxismo, Makarenko comprovou que era possível reeducar jovens considerados perdidos, por meio de valores socialistas.

#### 2.4.1 O fim da trajetória: os anos finais de vida

Vale destacar, aqui, que Makarenko trabalhou com jovens infratores por 16 anos, nas colônias de Górkí (1920-1928) e de Dzerjinski (1927-1935), sendo considerado esse período sua epopeia educacional.

Em seus anos de vida, Makarenko foi severamente criticado por suas práticas nas colônias, alguns o acusavam de severo e ditador. Tais críticas eram oriundas, sobretudo, dos que comungavam com os ideais da escola-nova.

Oliveira descreve as atividades desenvolvidas por Makarenko após deixar a direção da colônia Dzerjinski:

Até 1937, o pedagogo soviético esteve à frente da vice-direção da Seção de Colônias de Trabalho do Comissariado do Povo para Assuntos Internos da Ucrânia. Makarenko desenvolve, em dois anos, uma enxurrada de atividades, com constantes viagens por várias cidades, nas quais se reunia com conselhos escolares, nas instituições educacionais, dando palestras, desenvolvendo manuais, acolhendo os recém-formados das universidades e 38 explicando-lhes seus métodos (OLIVEIRA, 2012, p. 37).

Durante o tempo em que esteve na direção das colônias e nos anos posteriores, Makarenko também se dedicou à escrita de livros que narravam suas experiências pedagógicas; o principal, em que narra os anos em que esteve à frente da colônia Górkí, é *Poema Pedagógico*, organizado em três volumes. Dedicou dez anos de sua vida à escrita do livro. Entre suas obras destacam-se também *Bandeiras das Torres*, no qual descreve as vivências na colônia Dzerjinski, e *O Livro dos Pais*, no qual apresenta suas concepções acerca da importância da participação dos pais na educação dos filhos. A educação na família também foi tema de várias conferências de palestras proferidas por Makarenko, e esse era um tema de grande interesse de Anton.

Makarenko, após 1935, dedicou-se também a se reunir com professores, pais, trabalhadores, comunidades para apresentar e propor seu projeto educacional. “No início da década de 30, a obra pedagógica de Makarenko ultrapassa as fronteiras da docência e começa a ser divulgada nos diversos meios intelectuais de Moscou” (CAPRILES, 2007, p. 166).

O ritmo de trabalho era intenso, e Makarenko, como homem otimista que era, trabalhava incansavelmente em prol da formação do novo homem socialista. Sua saúde por inúmeras vezes deu indícios de que era preciso descansar, mas o idealismo do pedagogo o fazia percorrer a URSS, proferindo pequenos cursos e palestras acerca de sua proposta pedagógica, mesmo quando o sonho socialista se desmoronava no ar, pela forma de governo exercida por Stálin. No ano de 1938, a pedido dos médicos, esteve por um mês internado em uma estação de repouso para tratar de sua saúde; contrariando-os, mesmo nos dias em que esteve internado continuou a escrever.

Em 1939, foi condecorado com um dos principais títulos do governo soviético, a “Ordem da Bandeira Vermelha do Trabalho”, “[...] pelos seus destacados êxitos e realizações em prol da literatura e da pedagogia soviética” (CAPRILES, 2007, p. 174). Nesse mesmo ano ingressou oficialmente no partido comunista.

Em 1º de abril de 1939, em uma viagem de trem, em direção a Golitsino, onde realizaria uma palestra, Makarenko foi acometido de um ataque do coração e morreu dentro do trem. Capriles, fazendo uso de licença poética, descreve o momento em que Makarenko faleceu:

No dia 1 de abril de 1939, durante uma viagem procedente da cidadezinha de Golitsino, localizada perto da capital soviética, Anton Semiónovitch observava da janela do trem o luminoso dia moscovita, os bosques de bétulas, as granjas dos camponeses cheias de girassóis e flores... ele pensava: “a natureza inventou a morte, mas o homem aprendeu a não fazer caso dela”. Tinha 51 anos, uma obra gigantesca feita em benefício das crianças e dos homens. Observou o céu azul e lembrou dos versos de Tchevtchenko...

“Ide à Ucrânia, à nossa Ucrânia,

Ide para lá, órfãos meus,

Que eu aqui permanecerei”.

...Encostou a cabeça no vidro da janela; o dia continuava luminoso e as bétulas resplandecentes faziam dessa primavera um momento ainda mais feliz. Escreveu: “A felicidade é artesanal. Não é feita em fábrica”. Pensa: “Um claro dia de primavera e, se há ainda neve, gelo, botas de feltro e golas de pele, os ribeiros e os garotos, esses festejavam a primavera. As bétulas cintilavam com um clarão primaveril, e verdadeira e luxuosamente real... Entre bétulas, um pássaro canta delicadamente uma frase muito simples, a quatro tempos. Cala-se, e depois recomeça...Makarenko fechou os olhos e sorriu aliviado. Agora já sabia o que era felicidade” (CAPRILES, 2007, p. 175-176).

Encerramos aqui nossa explanação acerca dos anos de vida de Anton Makarenko que tiveram como plano de fundo os acontecimentos históricos da Rússia czarista à ditadura stalinista. Makarenko é considerado um dos maiores educadores do século XX, e sua proposta

pedagógica foi grande influenciadora da educação soviética; sobretudo até a queda do socialismo real, muitos o apontam como um dos fundadores da pedagogia socialista. Retomar a vida e obra de Makarenko é de salutar importância, especialmente se considerarmos a complexidade e a relevância, sobretudo para seu tempo histórico, de sua proposta de educação.

Na próxima seção de nosso texto, apresentaremos ao leitor especificamente qual foi a proposta pedagógica de Makarenko para a formação do homem socialista, que foi desenvolvida e aplicada por ele na colônia Górkki com jovens delinquentes e quais os principais elementos da pedagogia makarenkiana.

### 3 A CONSTRUÇÃO DE UMA TEORIA PEDAGÓGICA A PARTIR DA PRÁTICA: A EDUCAÇÃO DO NOVO HOMEM<sup>18</sup>

O método pedagógico desenvolvido por Makarenko foi elaborado em contato direto com os jovens da colônia Górkki, “[...] isto explica por que sua pedagogia tinha uma resposta prática para os problemas teóricos e sua posição não era dogmática, já que para cada situação havia diferentes soluções ou formas distintas de resposta. Sua pedagogia era dialética [...]” (RODRIGUES, 2004, p. 329). Nesse sentido, a vida, obra e a proposta de formação humana, desenvolvida por meio da prática de Makarenko, estavam fortemente relacionadas ao mundo socialista; sua pedagogia reflete o cenário de transformação e de luta contra o ideário czarista e burguês.

O trabalho desenvolvido por Makarenko só se efetivou porque a instrução pública ganhou destaque após a Revolução de Outubro de 1917. A política de instrução para as massas, preconizada pelos bolcheviques, rompeu com a herança histórica de analfabetismo. Um número expressivo de homens, mulheres, jovens e crianças aprenderam a ler e escrever. Em 1919 foi aprovada a ordem que definiu que todas as crianças e adolescentes até os 17 receberiam instrução pública gratuita. O avanço que foi obtido na educação pública da Rússia, após a insurreição do proletariado, é sem dúvida um importante fato da história da educação do século XX. A educação socialista, desenvolvida pelos soviéticos, considerava as condições objetivas russas, mas a intenção era superá-las, embasando-se teoricamente no materialismo histórico-dialético, sobretudo nas elaborações de Marx e Engels. “Uma educação que vislumbrava a construção de uma sociedade sem exploração, a formação integral do ser humano e fortemente ancorada nas condições materiais de sua época” (BITTAR; FERREIRA JÚNIOR. 2011, p. 393).

Na efetivação da política de instrução popular russa, alguns nomes se destacaram, entre eles: Nadezhda Krupskaya, Anatoli Lunatcharski, Moisey Mikhaylovich Pistrak<sup>19</sup>, que participaram efetivamente da construção da escola do trabalho. Antón Makarenko também foi

---

<sup>18</sup> A expressão “novo homem”, empregada em nosso texto, faz referência à necessidade de, por meio da educação, baseada nos princípios socialistas, romper com os aspectos do homem czarista e burguês e educar os soviéticos para a sociedade socialista. Não é possível precisar a autoria da expressão, pois ela está presente na obra de Makarenko e de outros autores soviéticos, é comumente usada para referir-se ao objetivo da educação socialista. Em *Poema Pedagógico*, na primeira página, o autor faz a primeira menção ao novo homem, afirmando que “Não são os prédios que importam, meu caro, o que importa é educar o homem novo [...]” (MAKARENKO, 2012, p. 11).

<sup>19</sup> Moisey Mikhaulovich Pistrak (1888-1940): educador ligado ao projeto pedagógico socialista que visava a uma educação coletiva e vinculada ao movimento de transformação social.

um pensador importante na efetivação da pedagogia para a formação do novo homem socialista e é considerado um dos precursores da pedagogia socialista. Conhecer as elaborações intelectuais de Makarenko é de extrema relevância, considerando que ele é um dos grandes pedagogos do século passado. Estando em um seio revolucionário, sua obra reflete uma proposta de formação pedagógica de um novo homem para a sociedade socialista, na qual, homens e mulheres vislumbravam sua possível efetivação.

Antes da revolução de 1917, a Rússia czarista nunca apresentou de fato um sistema estabelecido de instrução pública. Apesar de alguns pedagogos, conscientes da função da educação para os indivíduos, terem-se engajado em tentativas de uma educação de qualidade, elas eram insuficientes para dar conta do contingente de analfabetos do território russo. As medidas paliativas, tomadas pelo czarismo, atendiam a uma minoria da população, e os que eram contemplados aprendiam apenas os rudimentos do conhecimento.

Na Rússia czarista, como já foi afirmado neste texto, instruir o povo nunca foi uma questão de grande preocupação da monarquia. Antes do período da abolição da servidão, nem oferecer à população os rudimentos básicos do conhecimento fazia-se necessário, pois esses eram dispensáveis para os servos desempenharem bem suas funções. “O governo czarista tinha interesse em manter os camponeses nesse estado de ignorância e de submissão” (EMÉLIANOV, 1976, s/p. ). Durante séculos, os únicos que tinham acesso a alguma forma de instrução eram os filhos das famílias detentoras de bens, que possuíam recursos para pagarem professores particulares, oriundos de outros países da Europa. Alguns, ainda, enviavam os seus filhos para estudarem fora, e estes, sobretudo, realizavam seus estudos na França. No que diz respeito às instituições escolares para os filhos da nobreza, Oliveira salienta que

[...] naquelas instituições particulares que estavam a serviço do czarismo e voltadas à formação da nobreza e da burguesia; e, mesmo nestas, os conhecimentos eram passados com uma imensa dificuldade, além de obedecer a certos limites, uma vez que se mantinham tão-somente aqueles conhecimentos que serviam ao projeto de ampliação de lucratividade do capital para a autocracia vigente (OLIVEIRA, 2012, p. 32).

Com a abolição da servidão no ano de 1861, por causa, sobretudo, do forte número de revoltas dos camponeses contra os latifundiários e os descontentamentos contra o regime czarista, que se arrastava desde a revolta de 1825, o czar se viu obrigado a extinguir a escravatura. A falta de instrução da população russa era um dos principais fatores que impedia o desenvolvimento industrial do país. Além do fim da servidão, o czar tomou outras medidas, no intuito de controlar a revolta da população, entre elas, estava instruir os russos.

Apesar das medidas tomadas pelo czar, a realidade russa pouco se alterou, “[...] a situação continuava sendo quase a mesma que antes, sob o regime de servidão, com a única diferença que, agora, os camponeses eram pessoalmente livres e não se podia vendê-los ou comprá-los como se fosse um objeto” (COMISSÃO do Comitê Central do PC (b) da URSS, 1999, s/p).

Se antes do banimento da escravidão praticamente 99% da população russa era analfabeta, após a abolição a situação não sofreu grandes alterações, a maior parte da população ainda continuava analfabeta:

O analfabetismo era quase total. Eram bem raras as aldeias onde se pudesse encontrar alguém que soubesse ler e escrever. Para escrever uma carta ou uma petição, ia-se solicitar o copista do cantão que, freqüentemente, morava a vários quilômetros. Havia pouquíssimas escolas e só um ínfimo número de crianças as podia freqüentar. Muitas delas, logo às primeiras tentativas, eram obrigadas a renunciar aos estudos: uns porque a família precisava de braços, outros porque não tinham sapatos ou roupas quentes. As crianças que, contra tudo e contra todos, conseguissem aprender a ler na escola paroquial também não tinham tempo a perder com a leitura: havia demasiado trabalho, e esse trabalho era demasiado penoso. A instrução secundária era inacessível: contavam-se em toda a Rússia 104 escolas secundárias rurais. Em certas regiões isoladas nem mesmo existiam. Havia povos inteiros que nunca tinham ouvido falar de ensino secundário (EMÉLIANOV, 1976, s/p).

Rosen afirma que “[...] era difícil manter as crianças nas escolas e a taxa de desistentes era alta. Isto era considerado basicamente pelas retiradas dos alunos pelos pais, pelos alunos que abandonavam a escola e por um número regular que era expulso como incapaz ou incorrigível” (ROSEN, 1971, p. 19). De acordo com dados levantados por Capriles, no ano de 1897, na Rússia o total de homens alfabetizados era de 29 %, enquanto de mulheres era ainda menor, chegando aos 13 %. Não havia no país um sistema de educação pública, das poucas escolas uma parte ínfima era do Estado, as demais ou eram dos grandes latifundiários, no caso das rurais, ou de alguns setores da burguesia, quando urbanas. Mas a maior possuidora de escolas era a Igreja Ortodoxa russa que majoritariamente controlava a instrução do povo (CAPRILES, 1989).

Após o período revolucionário, a educação na Rússia passou a ser tratada como prioridade, sendo um assunto de grande discussão. Lenine e grande parte dos bolcheviques possuíam consciência da importância da instrução do povo para o êxito do novo regime. Acerca dos desdobramentos da instrução pública após a insurreição proletária, trataremos na próxima unidade de nossa pesquisa.

### 3.1 UM CENÁRIO DE TRANSFORMAÇÃO: O PROLETÁRIO APRENDEU A LER

Durante todo o período revolucionário, um grande número de camponeses, proletários, marinheiros e soldados, insatisfeitos com sua situação, que era marcada, sobretudo, pela exploração, desenvolveram o gosto pela política. Ao ouvirem os longos discursos proferidos pelas lideranças bolcheviques, percebiam o quanto a política era importante para a transformação de suas realidades e estavam “[...] dispostos a ouvir atentamente os social-democratas, os socialistas revolucionários, os anarquistas, dissessem eles o que dissessem, sem se importarem com a extensão dos discursos” (REED, 1978, p. 35).

Nesse período, homens e mulheres tinham sede de conhecimento, reuniam-se em grupos para aprenderem a ler e escrever com professores que se identificavam com a causa revolucionária. “Depois das quatro da tarde, as ruas enchiam-se de homens já velhos, com pastas debaixo do braço, que voltavam melancolicamente para casa” (REED, 1978, p. 35).

Reed descreve esse processo inédito na velha Rússia:

A Rússia inteira aprendia a ler, e lia política, história, pois o povo queria “saber”. Em cada cidade, em cada povoado, nas trincheiras, cada agrupamento político possuía o seu jornal e, às vezes, folhetos eram distribuídos aos milhares por centenas de organizações, atingindo o Exército, as fábricas e os mais distantes rincões. A sede de instrução, durante tanto tempo insatisfeita, lançou a Rússia num verdadeiro delírio de manifestação de idéias. Só o Instituto Smólni, durante os primeiros seis meses, expediu caminhões e trens abarrotados de brochuras e manifestos de propaganda, que inundaram o país. A Rússia absorvia livros, manifestos e jornais como a areia suga a água. Era insaciável. E não eram fábulas, história falsificada, religião diluída ou novelas corruptoras, mas teorias econômicas e sociais, filosofia, obras de Tolstói, Gógol e Górkí (REED, 1978, p. 36).

Brecht, ao adaptar a obra de Górkí, “A mãe”, para o teatro, em um dos diálogos, descreve uma cena que se tornou comum na Rússia no período revolucionário, quando operários se reuniam em salas improvisadas para aprenderem a ler e escrever. Observemos o diálogo:

O Professor *diante de um quadro-negro* – Então, vocês querem aprender a ler. Na verdade não consigo compreender para que vocês precisam disso, na sua situação. E alguns de vocês estão, talvez, velhos demais para isso. Mas eu vou tentar, sra. Wlassowa, em atenção à senhora. Todos têm com que escrever? Então, vou escrever agora três palavras simples: Ramo. Peixe. Ninho. Repetindo: Ramo. Peixe. Ninho.

Sigorski – Para que essas palavras?

Pelagea Wlassowa *sentada com outros à mesa* – Por favor, Nikolai Iwanowitsch, precisam ser mesmo ramo, peixe e ninho? Nós já estamos

velhos e precisamos, assim, aprender depressa as palavras que nos sejam úteis.

O Professor *sorri* – Olhem: tanto faz aprender com estas ou outras palavras.

Pelagea Wlassowa – como assim? Como se escreve, por exemplo, operário? Isso interessa ao nosso Sigorski.

Sigorski – Ramo não aparece nunca.

Pelagea Wlassowa – Mas aparecem as letras.

O Operário – Mas em “luta de classe” também aparecem letras (BRECHT, 1990, p. 224).

Quando os gritos de revolução ecoaram nas frias e sombrias ruas russas, a instrução para o povo se tornou prioridade pela primeira vez na história da nação. O processo revolucionário não teria êxito, se não houvesse uma política maciça de instrução das massas.

Os enfrentamentos para que o plano de se instaurar um sistema nacional de ensino se efetivasse eram muitos. De um lado, a incipiente experiência russa no campo educacional, não havia escolas para todos; antes da revolução apenas uma minoria frequentava as escolas existentes; de outro lado, os escassos pedagogos e professores, comprometidos com a educação, tinham outras concepções acerca dos métodos e conteúdos de ensino e eram em sua maioria defensores dos princípios da Escola Nova. “A organização dos professores foi um dos grandes dilemas que os bolcheviques tiveram de enfrentar pós-1917, pois, assim como uma grande parte dos intelectuais russos, era uma classe contra-revolucionária” (LÊNIN, 1977 *apud* LINDENBERG, 1977, p. 264).<sup>20</sup>

A reação dos professores, no entanto, tinha outros argumentos que a simples recusa do ideal revolucionário. Tratava-se de que, nos primeiros anos da Revolução, eram os soviets específicos (Conselhos para a Educação Popular) que escolhiam os professores e administravam as escolas. Diante disso, uma parte dos professores reagiu muito mal a essa intromissão das massas nas atribuições educacionais (LINDENBERG, 1977, p. 264).

Porém, Lenine e os bolcheviques tinham claros os planos para a instrução das massas, uma nova sociedade exigia uma nova escola. A nova escola educaria o novo homem, e o novo homem deveria ser educado de acordo com os princípios socialistas, para que contribuísse para a edificação do sonhado novo regime. As crianças e jovens deveriam aprender de acordo com os princípios do socialismo e saber do que tratava o socialismo, e isso exigia dedicação aos estudos. Bittar e Ferreira Júnior afirmam que “[...] a formação intelectual demandaria esforço próprio para compreender os desafios da nova situação, combinando teoria e capacidade de intervenção prática” (BITTAR; FERREIRA JÚNIOR, 2011, p. 378). E

---

<sup>20</sup> LÊNIN, 1977, p. 43, p. 97-108, p. 145-206 – v.1 *apud* LINDENBERG, D. **A Internacional Comunista e a escola de classes**. Coimbra: Centelha, 1977.

complementam “[...] não basta declarar-se comunista: é necessário compreender os seus princípios e praticá-los” (BITTAR; FERREIRA JÚNIOR, 2011, p. 378).

Por isso seria extremamente incorrecta a simples assimilação livresca daquilo que dizem os livros sobre o comunismo. Os nossos discursos e artigos de agora não são uma simples repetição daquilo que se disse antes sobre o comunismo, pois os nossos discursos e artigos estão ligados ao nosso trabalho quotidiano e multilateral. Sem trabalho, sem luta, o conhecimento livresco do comunismo, adquirido em brochuras e obras comunistas, não vale absolutamente nada, porque prolongaria o antigo divórcio entre a teoria e a prática, esse antigo divórcio que constituía o mais repugnante traço da velha sociedade burguesa (LENINE, 1980b, p. 387).

No excerto acima, Lenine se remete à dicotomia entre teoria e prática, comum nas escolas de toda a Rússia, antes da revolução. A máxima, que percorre os anos, de que Lenine e os comunistas, ao realizarem a tomada do poder em 1917, defendiam o fim da escola, refere-se a esse tipo de escola que separa teoria e prática. Quando Lenine em seus discursos afirma que a escola deve morrer, está fazendo referência à escola da velha sociedade, à escola do czarismo e do capitalismo; caberia aos comunistas tomar da velha escola apenas o que era útil para a construção da escola socialista. Afirma ele: “[...] ao rejeitar a velha escola, propusemo-nos a tarefa de tomar dela apenas aquilo que nos é necessário para conseguir uma verdadeira formação comunista” (LENINE, 1980b, p. 398).

Ao referir-se a tomar da velha escola o que era necessário para a construção da nova escola comunista, Lenine acenava também aos conhecimentos produzidos historicamente pela humanidade, entre eles, a ciência burguesa, produzida por meio do avanço do capitalismo. Para ele não bastava que os jovens aprendessem todos os princípios marxistas, era necessário se apropriar do que de mais elaborado os homens haviam produzido até aquele momento. Era um plano ousado, transformar a Rússia de dimensões continentais, e com alto índice de analfabetismo em um país de homens e mulheres instruídos intelectualmente e com consciência política latente.

Uma das principais características da proposta de Lenine e dos bolcheviques para a educação era aliar teoria e prática e pôr fim à dicotomia perpetuada por séculos. A educação deveria formar também para o trabalho, já que na sociedade comunista todos deveriam trabalhar de acordo com suas possibilidades. No que concerne à sociedade comunista, Lessa nos esclarece: “O comunismo, a livre organização dos produtores associados (em que o desenvolvimento omnilateral de cada indivíduo é condição para o desenvolvimento de todos) é a superação radical e absoluta do capitalismo” (LESSA, 2012b, p. 1).

Os estudos não deveriam se pautar apenas no estudo de livros e brochuras; os meninos e meninas russas deveriam compreender a importância do trabalho coletivo na construção da sociedade comunista, não bastava apenas estudar, era necessário colocar as mãos à obra. A proposta de educação socialista, após a revolução de 1917, estava em consonância com a formação humana, defendida por Marx para uma sociedade de transição ao comunismo:

Por ensino compreendemos três coisas: Primeiro: ensino intelectual. Segundo: educação física, dada nas aulas de ginástica e por meio de exercícios militares. Terceiro: adestramento tecnológico que transmita os fundamentos científicos gerais de todos os processos de produção e que, ao mesmo tempo, introduzirá a criança e o adolescente no uso prático e na capacidade de manter os instrumentos elementares de todos os ofícios (MARX, 1982, p. 83-84).

Lenine tinha consciência que, para que a sociedade comunista se efetivasse, não bastava promover a revolução, era necessário criar um novo espírito nos homens e mulheres, contrário àquele vigente no capitalismo. Era imprescindível a formação de um novo homem, e nesse processo a educação tinha papel primordial. Bittar e Ferreira Júnior sintetizam as intenções de Lenine para a instrução do povo:

[...] estudar, conhecer o pensamento burguês, assimilá-lo numa perspectiva crítica (superá-lo, portanto), assim como estudar a fundo os clássicos do marxismo, mas não se restringir a isso, deveria ser a postura de todo jovem que se auto-intitulasse comunista. Conhecer, analisar as condições concretas da Rússia para, então, munido desses conhecimentos, transformar a sociedade russa rumo ao comunismo: eis o que nos parece ser a síntese, a preocupação central demonstrada por Lênin. Ou seja, interpretar e transformar (BITTAR; FERREIRA JÚNIOR, 2011, p. 377).

Em sua obra *“Uma grande iniciativa”*, Lenine tratou da magnitude da instrução das massas, comparando a formação do novo homem comunista a uma nova revolução, e da importância de combater os comportamentos condicionados pela velha ordem. Observemos suas palavras:

É o começo de uma revolução mais difícil, mais essencial, mais radical e mais decisiva do que o derrubamento da burguesia, pois é uma vitória sobre a própria rotina, o desleixo, o egoísmo pequeno-burguês, sobre todos esses hábitos que o maldito capitalismo deixou em herança ao operário e ao camponês. Quando esta vitória estiver consolidada, então e só então se criará a nova disciplina social, a disciplina socialista, então e só então será impossível voltar para trás, para o capitalismo, e o comunismo se tornará verdadeiramente invencível (LENINE, 1980a, p. 143).

Os planos comunistas eram ousados, se considerarmos os anos de esquecimento educacional em que a Rússia estava imersa; adicionados a tal fato, somavam-se os flagelos que ano após ano atingiam a população. O frio ainda dizimava milhares de pessoas a cada inverno. Os anos em que o país esteve na Primeira Guerra Mundial e os que se seguiram de guerra civil após a revolução provocaram fome, desemprego e grande inflação. “Para uma população de 160 milhões de habitantes faltavam víveres, combustível, artigos manufaturados de primeira necessidade começando por fósforos e terminando por roupa” (BITTAR; FERREIRA JÚNIOR, 2011, p. 390). Mas para um povo que desafiava a natureza e que, apesar dos percalços, ainda se mantinha vivo em frios que beiravam os 60º graus abaixo de zero enfrentar desafios fazia parte da rotina diária. E da mesma forma com que Lenine e os bolcheviques promoveram a revolução socialista, considerada por muitos, inclusive os próprios comunistas russos, utópica, o analfabetismo foi em grande parte superado na Rússia. De acordo com Bittar e Ferreira Júnior “[...] obra que exigiu esforços incansáveis e um dos resultados mais impressionantes foi que de 1923 a 1939, na União Soviética aprenderam a ler e a escrever mais de 50 milhões de analfabetos e cerca de 40 milhões de semi-analfabetos” (BITTAR; FERREIRA JÚNIOR, 2011, p. 390). E ainda complementam, descrevendo uma cena comum em toda a Rússia após o ano de 1917:

Nesse quadro de penúria, às vezes os alunos escreviam com carvão vegetal ou tinta feita de fuligem. Para escrever e imprimir livros, serviam-se de papel de embrulho; como não havia cartilhas, aprendiam a ler soletrando textos de jornais ou revistas. Como faltavam professores, as suas funções ficavam a cargo de ajudantes voluntários que, muitas vezes, tinham aprendido a ler e a escrever havia pouco tempo (BITTAR; FERREIRA JUNIOR, 2011, p. 390).

De fato, como anunciou Lenine, a instrução do povo bem como sua formação política também poderiam ser consideradas uma revolução, era necessário vencer os valores e costumes da velha sociedade. A Makarenko coube um papel importante nessa nova revolução, era necessário educar as crianças e jovens, na maioria órfãos, que estavam nas ruas, vivendo à margem da sociedade. Ao assumir a colônia Górkí, Makarenko tinha em mente que era imprescindível superar a vida antiga dos jovens e iniciar uma nova, mas o caminho para atingir tal objetivo era ainda para o educador uma incógnita. Acerca da proposta pedagógica de formação humana desenvolvida por Makarenko trataremos na próxima unidade de nosso texto.

### 3.2 A PEDAGOGIA MAKARENKIANA: O INÍCIO DE UMA NOVA VIDA

A proposta educativa de Makarenko foi pautada nos princípios do materialismo histórico e dialético, o que fica claro quando afirma que: “[...] os objetivos do trabalho educativo só podem ser deduzidos das experiências que a sociedade coloca” (LUEDEMANN, 2002, p. 271). Nesse sentido, concordamos com as considerações de Amboni, Bezerra Neto e Bezerra que afirmam:

Cada organização social organiza os homens para determinados fins sociais e a educação desenvolvida no interior das sociedades corresponde à determinada formação social, pois os valores morais e o modo de produzir a existência da vida material são determinados pela práxis humana. A educação, na Rússia revolucionária, para a formação do novo homem, do homem do trabalho, necessariamente passa pelo processo pedagógico (AMBONI; BEZERRA NETO; BEZERRA, 2013, p. 4).

Na concepção makarenkiana, os jovens da colônia Górkki pertenciam ao coletivo da instituição; este, por sua vez, concernia ao coletivo maior, ao da URSS. A colônia a todo o momento deveria estar interligada com a sociedade da qual fazia parte e às suas necessidades. Formar um homem que fosse disciplinado, pertencente ao coletivo, instruído e trabalhador não era uma vontade de Makarenko, mas sim uma necessidade para que de fato se efetivasse uma sociedade nos moldes socialistas. Para que o socialismo se edificasse, era necessário que os valores da sociedade czarista e da burguesa fossem veemente superados.

A experiência vivenciada por Makarenko na colônia Górkki ganhou especial valor, pois, com sua equipe, o pedagogo conseguiu formar um coletivo de jovens disciplinados, instruídos e afetos ao trabalho. Denominaremos aqui a pedagogia preconizada pelo pedagogo como makarenkiana. Tal método pedagógico foi desenvolvido por Makarenko para a educação de menores infratores, com o intuito de transformá-los em novos homens, possuidores de valores socialistas. “Um aspecto de importância extraordinária de nosso trabalho consiste em que ele deve ser inteiramente racional. Devemos educar tal indivíduo que a nossa sociedade precise” (LUEDEMANN, 2002, p. 271).

Já foram apresentados ao leitor elementos essenciais que situam qual era o cenário histórico vivenciado por Makarenko e em quais condições e com quais objetivos ele assumiu a colônia de menores infratores, a qual denominou de Górkki, homenagem prestada ao escritor e amigo, Maximo Górkki, grande incentivador e entusiasta da instituição. Uma das prioridades do governo sovieta era a formação do novo homem, “[...] um homem que deveria ter novas

posições diante de um mundo ainda por fazer, trilhando novos caminhos de esperança e de uma disciplina coletiva e criativa” (MAKARENKO, 2012, p. 649).

Makarenko iniciou a formação do novo homem socialista; sem ter em suas mãos um manual ou exemplos que pudesse seguir, lançou-se em tal empreitada como alguém que caminhava em um percurso desconhecido e tortuoso. Apesar de ter realizado inúmeros estudos teóricos, sobretudo os de cunho político e educacional, por vezes a prática cotidiana se mostrava desafiante e faltavam escritos que conseguissem explicar as situações vivenciadas.

Para desenvolver uma pedagogia que fosse capaz de reeducar os jovens meninos infratores, Makarenko, com os demais educadores que o auxiliavam na colônia, lançou-se no mundo dos escritos pedagógicos, lendo tudo que havia de escrito. Mas, ao se deparar com a realidade, a conclusão a que chegou foi:

Quanto a mim, o resultado principal dessas leituras foi uma convicção firme, e, subitamente, não sei por que, fundamental, de que em minhas mãos não existia nenhuma ciência nem teoria nenhuma, e que a teoria tinha de ser extraída da soma total dos fenômenos reais que se desenrolavam diante dos meus olhos. No começo eu nem sequer compreendi, mas simplesmente vi, que eu não precisava de fórmulas livrescas, as quais não poderia aplicar aos fatos de qualquer maneira, mas sim uma análise imediata e uma ação não menos urgente (MAKARENKO, 1981, p. 230).

Como afirma Luedemann:

O estudo das teorias pedagógicas não deram a Makarenko o suporte necessário para o desenvolvimento de sua tarefa de educação do novo homem socialista. Desse modo, toda sua experiência inicial, de 1920 a 1928, na Colônia Górkí, constituiu-se no percurso de levantamento de hipóteses, de negação e de afirmação de novas hipóteses, e na primeira sistematização dessa experiência, como teoria pedagógica. Makarenko iniciou seu trabalho baseando-se nas linhas gerais de orientação (apresentadas por Krupskaja e a Comissão de Instrução Pública da U.R.S.S) para o trabalho coletivo, para a vida social na escola, a vinculação entre a educação e a instrução, e percorreu três fases distintas da construção da escola como coletividade na Colônia Górkí (LUEDEMANN, 1994, p. 107).

De fato Makarenko não encontraria nos escritos pedagógicos textos instrução de como educar o homem socialista, já que em anos posteriores a subida da classe operária ao poder era apenas uma utopia. O contexto histórico em que Makarenko e a colônia Górkí estavam inseridos era inédito, assim como a educação desse período.

Sustenta, de fato, uma posição pedagógica cheia de originalidades. E o faz não por capricho, mas devido à falta de validade das doutrinas pedagógicas

que não eram mais que, segundo seu entendimento, exatamente isso: doutrinas. Em numerosas ocasiões, Makarenko se queixa de não poder contar com técnicas pedagógicas válidas, para ele a literatura pedagógica está cheia de bonitas palavras, de pensamentos brilhantes (“puro charlatanismo”), mas vazia de técnicas, de métodos, de instrumentos válidos para sua aplicação por um educador carregado de problemas. A pedagogia lhe decepciona a tal ponto, que não dúvida em afirmar que “os pedagogos não sabem absolutamente nada de educação” (PALACIOS, 1989, p. 360).

Apesar das dificuldades mencionadas por Makarenko ao longo de sua obra e dos equívocos cometidos, citados pelo próprio autor, nas tentativas de educar menores infratores no intuito de torná-los homens novos, são inegáveis as contribuições de Makarenko na elaboração da pedagogia socialista. O pedagogo teve como um dos principais interlocutores de sua obra e prática pedagógica, de acordo com os estudos de Luedemann (1994), Máximo Górkí. Esse pensador foi para Makarenko, desde sua juventude, um exemplo a ser seguido, pois, tal como ele, Górkí também possuía origem no proletariado. Lenine também foi grande interlocutor de Makarenko, sobretudo em seus escritos acerca da formação da nova sociedade. E no campo educacional os escritos de Krupskaja referentes à instrução pública foram essenciais para a trajetória traçada por Makarenko.

Ao considerarmos as contribuições de Makarenko para a pedagogia socialista, não podemos enxergá-lo como um “iluminado”, um homem à frente de seu tempo ou um gênio. Compreendemos Antón como um reflexo de seu período histórico, isso pode ser comprovado, ao analisarmos quais eram seus interlocutores e qual foi seu percurso de vida e em que tempo histórico ele viveu. Os aspectos econômicos e políticos são fortes influenciadores da proposta pedagógica desenvolvida por ele.

Makarenko era oriundo de uma família proletária e desde muito cedo sofreu as disparidades de um regime desigual e se revoltou contra ele; a sua identificação com os ideais marxistas e revolucionários está presente em todas as suas obras e é orientadora de sua prática pedagógica.

Nas biografias de Makarenko e em sua obra, encontramos um homem sonhador e imerso de esperança na humanidade. O pedagogo viu o regime czarista ser derrotado e seu povo ganhar o direito de sonhar com uma sociedade sem opressão e exploração. Para a população russa, o czarismo deveria ser esquecido, pois a Revolução de Outubro de 1917 era o início de uma nova história. E era dessa forma que Makarenko recebia cada menino e menina na colônia Górkí; ao adentrar aquele espaço, o passado deveria ser esquecido e uma nova vida deveria ser iniciada. Ele não os via como criminosos, mas como homens, homens repletos de possibilidades, homens para os quais tinha sonhos, os mais belos possíveis.

Na colônia não havia espaço para os velhos costumes da sociedade czarista, tais como o egoísmo e a exploração do outro, era necessário formar novos homens, que garantissem a efetivação da nova sociedade. Todos deveriam trabalhar, cada um segundo sua capacidade, o trabalho tinha valor peculiar na organização da colônia. O egoísmo deveria ser superado, pois em primeiro lugar deveria se pensar no coletivo ao qual todos pertenciam. Homens e mulheres não deveriam ser tratados de forma diferenciada. Com a Revolução de Outubro as mulheres ganharam todos os direitos, que antes só eram dos homens, elas também podiam estudar e trabalhar e não eram mais vistas como meros objetos, tendo direito de opinar sobre os assuntos da coletividade e decidir seus próprios destinos.

Na ocasião em que Makarenko foi convidado para dirigir a colônia de jovens infratores recebeu de seus superiores as orientações dos burocratas ucranianos de que os meninos e meninas que seriam enviados para a instituição deveriam apenas trabalhar, não sendo necessário que fossem instruídos; se Makarenko conseguisse fazê-los trabalhar, já estava de bom tamanho, pois eram vistos como incorrigíveis. De acordo com Luedemann:

Segundo a concepção dos burocratas ucranianos, para esses meninos não deveria haver uma exigência tão grande quanto para os meninos e meninas integrados a sociedade; no lugar da exigência, a piedade e a educação para o conformismo, buscando apenas a readaptação à sociedade com algum tipo de trabalho de segunda categoria (LUEDEMANN, 2002, p. 119).

Antón foi contrário a tal orientação; para ele, a instrução era tão importante quanto o trabalho, e os jovens não deveriam ser apenas mão de obra da nova sociedade, tinham, como todos os outros jovens, o direito à instrução; contrariando as ordens de seus superiores, organizou a rotina da colônia de modo que trabalho e estudos fossem contemplados.

Em conversa com seu superior do Departamento de Instrução Pública, antes de iniciar o trabalho na colônia, Makarenko demonstrou que tinha claras as finalidades da nova educação, mas o trajeto a percorrer era ainda desconhecido:

Zaugulnarobraz: Mesmo antes da Revolução já se sabia lidar com esses vagabundos, já existiam colônias para delinquentes juvenis.

Makarenko: Isso não nos serve sabe... O que foi antes da Revolução não presta para nós.

Zaugulnarobraz: Certo. Isso significa que temos de criar o homem novo de maneira nova.

Makarenko: De maneira nova, isso mesmo, nisso você está certo.

Zaugulnarobraz: Mas ninguém sabe de que jeito fazer isso. Nem você sabe?

Makarenko: Nem eu sei (MAKARENKO, 2012, p. 12).<sup>21</sup>

<sup>21</sup> Os nomes de Zaugulnarobraz e Makarenko foram inseridos nessa citação para facilitar a compreensão do diálogo e não constam no original.

Em *Poema Pedagógico*, Makarenko narra de forma envolvente os percalços percorridos para se alcançar os êxitos obtidos. Destacamos aqui os primeiros anos, que são permeados por uma luta incansável na formação da coletividade, na superação do passado dos meninos que adentraram à colônia. Uma constante dos primeiros anos de formação da colônia foi a falta de recursos materiais básicos para sobrevivência, o que dificultou a formação do coletivo na instituição. Essas são apenas algumas das pedras encontradas pelo pedagogo ao longo de sua prática pedagógica na colônia Górkki. Mas os êxitos obtidos são incontáveis, Makarenko devolveu para aqueles meninos que adentraram a instituição a dignidade de ser homem.

Ao realizar nossa pesquisa, identificamos, sobretudo na obra *Poema Pedagógico*, mas não exclusivamente, que a proposta pedagógica desenvolvida por Makarenko por meio do trabalho com os jovens na colônia Górkki foi permeada por três categorias principais, sendo elas: COLETIVIDADE, DISCIPLINA e TRABALHO. Compreendemos que tais categorias estão interligadas e uma não pode ser compreendida sem a outra e sem ter em mente qual o objetivo final da pedagogia preconizada por Makarenko, que era o de formar homens de acordo com os preceitos socialistas.

Acreditamos ainda que as categorias COLETIVIDADE, DISCIPLINA, e TRABALHO não podem ser compreendidas sem antes considerarmos a categoria maior em que elas estão inseridas: a EDUCAÇÃO. Todas as categorias elucidadas tinham um único objetivo: contribuir para educação do novo homem socialista. Educar o homem para o socialismo não era função apenas da instituição escolar, dada a sua amplitude, pois, como Makarenko, consideramos a categoria educação algo amplo, que, além de abranger as categorias mencionadas, também envolve conhecimento, cultura, normas sociais, ética, cidadania, etc. Podemos assim dizer que todas as instâncias sociais educam, conscientemente ou não. Mencionamos aqui a família, o partido político, o bairro, o grupo de amigos, entre outras, como exemplo de instâncias sociais que educam o indivíduo.

Nas próximas unidades trataremos com mais especificidade das principais categorias da pedagogia makarenkiana, com o intuito de melhor compreender a proposta pedagógica de Makarenko. Nossa análise está centrada na obra: *Poema Pedagógico*, porém ao longo de nossa pesquisa nos valem de outras obras do autor, que corroboram as narrativas contidas na obra literária mencionada, sobretudo aquelas em que o autor faz discussões mais teóricas, considerando que, em *Poema Pedagógico*, a proposta de formação humana makarenkiana perpassa todas as páginas, porém o autor o faz por meio de narrativas do cotidiano da colônia Górkki. A escolha do *Poema Pedagógico* se deu em vista de julgarmos que se localizam nessa

obra as principais contribuições de Makarenko acerca da formação do novo homem e da pedagogia socialista.

### 3.2.1 Coletividade

De acordo com Abbagnano, em seu Dicionário de Filosofia, a palavra coletivismo em termos marxistas significa:

COLETIVISMO (ih. Collectivism; fr. Colec-tívisme, ai. Kollektivismus, it. Collettivismo). 1. Termo criado na segunda metade do séc. XIX para indicar o socialismo não estatista, em oposição ao estatista. Nesse sentido, foram coletivistas o socialismo reformista anterior à guerra e é coletivista o trabalhismo inglês na medida em que deseja uma sociedade sem desequilíbrios de classe, portanto coletivizada, mas não controlada pela força por uma elite privilegiada que goze de um nível de vida radicalmente diferente do resto da população [...] 2. Em sentido mais amplo, entende-se por C. toda doutrina política que se oponha ao individualismo e que, em particular, defenda a abolição da propriedade privada e a coletivização dos meios de produção. Nesse sentido, são coletivistas tanto o socialismo quanto o comunismo em todas as suas formas (ABBAGNANO, 2007, p. 153).

Já Cambi nos apresenta que “O ‘coletivo’ é um ‘organismo social vivo’ colocado, ao mesmo tempo, como meio e fim da educação. É um conjunto finalizado de indivíduos ‘ligados entre si’ mediante a comum responsabilidade sobre o trabalho e a comum participação no trabalho coletivo” (CAMBI, 1999, p. 560).

A coletividade não é apenas a categoria principal da proposta pedagógica desenvolvida por Makarenko, ela é também um dos elementos principais da sociedade comunista. Na organização capitalista, na qual se obtém mais valia por meio da exploração de homens sobre outros homens, o pensamento individual impera, o outro é visto como mão de obra, como mercadoria. Na sociedade socialista os meios de produção não pertencem a um indivíduo, mas a todos os homens; nesse sentido todos devem trabalhar, não só para garantir sua sobrevivência, mas a do coletivo.

A sociedade socialista esta baseada no principio da coletividade. Nela o bem-estar de cada um depende diretamente do bem-estar de todos e o bem-estar de todos se determina diretamente pelo bem estar de casa um. A preparação para este tipo de relação e para tais dependências se realiza, em primeiro lugar, na coletividade (KUMARIN, 1975, p. 39)<sup>22</sup> (tradução da autora).

---

<sup>22</sup> *La sociedad socialista esta basada en el principia del colectivismo. Em ella, el bienestar de cada uno depende directamente del bienestar de todos y el bienestar de todos se determina directamente por ei bienestar de cada uno. La preparacion para este tipo de relaciones ·y para tales dependencias serealiza, en primer lugar, en la colectividad* (KUMARIN, 1975, p. 39).

Viver em coletividade significa viver sem classes, viver de forma comunal. Quando não há exploração de homens por outros homens, todos são considerados iguais e fazem parte de um mesmo coletivo.

Para Amboni, Bezerra Neto e Bezerra, a coletividade é o elemento principal da proposta pedagógica de Makarenko. Eles afirmam que “A coletividade foi, portanto, a revolução pedagógica de Makarenko. Podemos dizer que foi a centralidade do processo de ensino e de aprendizagem, pois contemplariam todas as personalidades, dentro da individualidade do jovem em formação” (AMBONI; BEZERRA NETO; BEZERRA, 2013, p. 14).

Makarenko defendia que, se a coletividade era um valor do homem comunista, a educação do mesmo deveria ser pautada nesse valor. As crianças deveriam desde a mais tenra idade compreender a importância e viver o coletivo. Mas, ao lidar com os jovens da colônia Górkki, uma questão complexa se apresentou ao pedagogo: como ensinar o coletivo a tais indivíduos, que nasceram em outra lógica de organização social, que já tinham suas personalidades formadas e corrompidas por tal disposição? Quando recebeu os primeiros jovens na colônia, deparou-se com tal situação, os mesmos possuíam fortes marcas da vida na marginalidade, “ No dia 4 de dezembro chegaram à colônia os primeiros seis educandos e me entregaram um fabuloso pacote com cinco enormes selos de lacre. O pacote continha seus dossiês. Quatro deles tinha dezoito anos, foram-nos enviados por assalto domiciliar à mão armada, e dois eram mais novos e acusados de furto” (MAKARENKO, 2012, p. 18).

Os jovens da colônia não se sentiam pertencentes a nenhuma classe, eram considerados por muitos a escória da sociedade: “Embora muitos deles se tivessem encontrado em campos inimigos, não tinham qualquer sentimento de pertencerem a esta ou àquela classe. Quase não havia filhos de operários; o proletariado era algo de longínquo e desconhecido, e a maioria encarava o trabalho nos campos com profundo desprezo [...]” (MAKARENKO, 2012, p. 72).

Por vezes andavam em bandos, com outros marginais, mas também não se sentiam pertencentes àquele grupo; a preocupação era consigo mesmos, em garantir sua própria sobrevivência, se fosse necessário roubar ou matar para manterem-se vivo, era o que faziam. “Na sua imensa maioria, eram quase inteiramente iletrados, quase todos estavam acostumados à imundice e aos piolhos, e nas suas relações com as outras pessoas tinham assumido, e conservavam-na em todas as circunstâncias a posição dos heróis primitivos de se defenderem pela ameaça” (MAKARENKO, 2012, p. 72).

Makarenko tinha a pretensão de ensinar aos jovens poesia, música, literatura, mas já tinha em mente que a educação do homem soviético passava pelo trabalho e pelo

reconhecimento do valor deste. Quando adentrou na colônia, encontrou ali um sítio de 20 ha, permeado de pinheiros, com cinco prédios de tijolos, que se encontravam inabitáveis, todo o ambiente havia sido saqueado e ali só sobraram os escombros, até as árvores que davam frutos haviam sido levadas (CAPRILES, 2007).

Por alguns meses trabalhou com um auxiliar, que havia sido enviado pelos soviets, para deixar o local habitável. Logo chegaram os primeiros educadores que trabalharam com Makarenko na colônia. Conseguir educadores para o trabalho nas colônias não era trabalho fácil, muitos tinham medo de trabalhar com jovens delinquentes. Makarenko delinea as dificuldades de se encontrar educadores:

As pesquisas a que me tinha entregado à procura de auxiliares pedagógicos quase me tinham levado ao desespero: ninguém queria consagrar-se à educação do homem novo nas nossas florestas; toda a gente tinha medo dos ‘vagabundos’ e ninguém acreditava que a nossa empresa pudesse dar bom resultado. E só numa conferência de professores da Escola Rural, durante a qual tive de gastar tesouros de eloquência, é que se encontraram dois seres vivos, fato de serem duas mulheres. Parecia-me que ‘a generosa influencia feminina ‘completaria com felicidade o nosso sistema de forças (MAKARENKO, 2012, p. 26).

De acordo com Capriles (2007), os anos iniciais da colônia foram permeados de muitas dificuldades. Após a chegada das primeiras educadoras e de um trabalho intenso para deixar um dos prédios da colônia adequado, ainda que minimamente, para a moradia, chegaram os primeiros jovens, eram seis rapazes. Makarenko fez questão de recebê-los muito bem. Ele descreve a recepção dada aos jovens:

Pronunciei uma alocução sobre a vida nova, a vida laboriosa que dali em diante se lhes abria, disse-lhes que o passado devia ser esquecido, que era preciso andar para a frente e sempre para a frente. Os pupilos escutaram mal a minha arenga, trocando cochichos, e lançavam olhares de desprezo acompanhados de sorrisos sarcásticos para o alinhamento das camas macias – tarimbadas com cobertas acolchoadas que estavam longe de serem novas -, para as portas e janelas viúvas de pintura. Em meio do meu discurso Zadorov disse de repente alto a um dos colegas:

- Tu é que nos meteste nesta miséria! (MAKARENKO, 2012, p. 27).

Makarenko procurava incansavelmente nos livros uma proposta pedagógica que o auxiliasse a educar os jovens da colônia. Lidar com os meninos era extremamente difícil, “não estudavam, não respeitavam as normas do estabelecimento, nem obedeciam às instruções que lhe eram dadas. O confronto entre professores e alunos tornou-se permanente e cada vez mais violento” (CAPRILES, 2007, p. 84). A situação na colônia era caótica, “Anton não queria

aplicar punições e sim conquistar a disciplina dos educandos pela própria iniciativa deles” (CAPRILES, 2007, p. 84) Porém, todas as teorias pedagógicas conhecidas pelo professor haviam falhado, e nenhum êxito foi obtido. Makarenko percebeu que era necessário “construir a coletividade educacional a partir das necessidades concretas da vida coletiva, para daí extrair uma metodologia educacional” (LUEDEMANN, 2002, p. 123). Em suas palavras, Makarenko, possuía na colônia “[...] meia dezena de educandos que se recusavam categoricamente não só a nossa pedagogia, mas toda e qualquer cultura humana, tudo isso, para dizer a verdade, não correspondia nem um pouco a nossa experiência escolar progressista” (MAKARENKO, 2012, p. 29).

Por quatro meses os educandos viveram na colônia de forma livre, nem Makarenko, nem os demais educadores sabiam como lidar de forma efetiva com os jovens que eram violentos e recusavam-se a cumprir qualquer ordem ou pedido a eles dirigidos. Makarenko, não mais sabendo como agir, perante a indisciplina dos jovens, agiu de forma imediata e deixou-se tomar pela raiva do momento. Ele narra esse fato:

E por fim aconteceu: não consegui me manter na corda bamba pedagógica. Uma manhã de Inverno pedi a Zadórov que fosse rachar lenha para a cozinha. Ouvi uma resposta habitual:

-Vai tu: vocês estão bem aqui.

Indignado com a afronta, num estado de raiva desesperada a que me tinha levado a experiência de todos os meses passados ergui o punho e bati em Zadarov na casa. O golpe foi violento, porque ele não se agüentou de pé e caiu em cima do fogão. Bati-lhe segunda vez, agarrei-o pelo colarinho, tornei a levantá-lo e bati-lhe terceira.

Vi-o imediatamente aterrorizado, pálido, voltou a por precipitadamente o boné na cabeça com mãos trementes, depois tirou-o e voltou a pô-lo. Era natural que eu lhe batesse outra vez, mas ele murmurou baixinho, com um gemido:

- Perdão, Anton Semionovitch (MAKARENKO, 2012, p. 32).

O ocorrido foi denominado pelos educadores da colônia como um absurdo pedagógico e foi severamente reprovado. O próprio Makarenko arrependeu-se profundamente de ter agredido um de seus colonos.

Posteriormente a esse episódio, Makarenko resolveu lançar mão da ameaça para obrigar os jovens a trabalharem; na manhã seguinte entrou no quarto dos garotos e os ameaçou com um pedaço de ferro, dizendo aos jovens: “Ou todos vocês vão rachar lenha, ou desapareçam da colônia para o diabo que os carregue [...]” (MAKARENKO, 2012, p. 23). Assustados, os jovens saíram para o trabalho, e ao final do dia todo o medo e mau humor já haviam se esvaído, e educador e educandos já trocavam palavras amigáveis, Makarenko ouviu

de um dos educandos: “Nós não somos tão maus assim, Anton Semionovitch! Tudo acabará bem [...]” (MAKARENKO, 2012, p. 24).

O ato de violência e as ameaças aos jovens, apesar de terem sido tomados por Makarenko como mecanismos de defesa e não pautados em sua formação teórica, foram extremamente educativos, pois apresentaram aos jovens novas regras de convivência, diferentes daquelas às quais estavam habituados na rua, ou seja, para permanecerem na instituição, era necessário submeter-se à autoridade de Makarenko. Após verificar que o diálogo não apresentava alterações no comportamento cotidiano do jovens, Makarenko lançou mão de ações coercitivas, para que em um primeiro momento alcançasse a ordem necessária para a convivência com os jovens. O pedagogo possuía a consciência de que agir de tal maneira não era a forma mais adequada de reeducar os jovens, porém, na conjuntura em que estavam inseridos, os atos coercitivos foram essenciais para a futura formação da coletividade, não encontrando Makarenko e seu grupo de educadores outra medida pedagógica para iniciar tal empreitada. Ele afirma que o que vivenciou nos primeiros meses na colônia Górkki divergia totalmente do que já havia vivenciado em sua trajetória profissional e salienta que

Os primeiros meses da nossa colônia foram para mim e para meus companheiros não só meses de desespero e esforço impotente – foram também meses de procura da verdade. Em toda a minha vida eu não li tanta literatura pedagógica quanto naquele inverno de 1920 [...] Quanto a mim o resultado principal dessas leituras foi um convicção firme, e, subitamente, não sei por quê, fundamental, de que nas minhas mãos não existia nenhuma ciência nem teoria nenhuma, e que a teoria tinha de ser extraída da soma total dos fenômenos reais que se desenrolavam diante de meus olhos. No começo nem sequer compreendi, mas simplesmente vi, que eu precisava não de fórmulas livrescas, as quais não poderia aplicar aos fatos de qualquer maneira, mas sim de uma análise imediata e uma ação não menos urgente (MAKARENKO, 2012, p. 21-22).

As palavras de Makarenko, transcritas anteriormente, demonstram que, para alcançar os primeiros êxitos no processo de reeducação dos jovens, foi necessário que Makarenko tomasse medidas emergentes para romper com o caos e a falta de ordem que havia se instalado na colônia em seus primeiros meses. Para tanto, não de forma planejada, mas dirigido pela necessidade momentânea, o educador lançou mão da violência como meio disciplinador; nesse momento a disciplina era pautada no medo e não na consciência. Como afirma o próprio Makarenko em *Poema Pedagógico*, para resolver a questão da indisciplina de forma imediata, ele resolveu ser um ditador, “[...] se não conseguisse dominar por outro método” (MAKARENKO, 2012, p. 25), no entanto, o pedagogo também esclarece: “[...]nem

um minuto pensei ter encontrado na violência uma onipotente receita pedagógica” (MAKARENKO, 2012, p. 34); para ele, essa era apenas uma organização rudimentar para atender às necessidades mais urgentes.

O ato de violência, protagonizado por Makarenko e pelo jovem colono, significou muito mais que uma simples agressão física. Após o ocorrido, os jovens olhavam para Makarenko com admiração, o que intrigou os educadores da colônia, um deles levantou a hipótese de que talvez seriam resquícios da subserviência dos tempos dos tzares, mas Makarenko foi além em sua interpretação:

Em toda essa história eles não estão vendo uma surra, estão vendo tão somente a ira, uma explosão humana. É claro que eles entendem perfeitamente que eu poderia não bater, poderia devolver Zadórov para Comissão como um incorrigível, poderia ter-lhes causado inconvenientes de peso. Mas eu não fiz isso, mas humano e não formal. E ao que parece a colônia lhes é necessária, apesar de tudo. A coisa aqui é mais complexa. Além do mais, eles veem que nós trabalhamos muito por eles. Afinal de contas, eles também são gente. É uma circunstância importante (MAKARENKO, 2012, p. 27).

E, de fato, como o pedagogo narrou em *Poema Pedagógico*, aos poucos os educandos perceberam que Makarenko e os educadores não eram “uma força hostil” (MAKARENKO, 2012, p. 63) a eles, o que era demonstrado por meio do trabalho pedagógico cotidiano, pautado no respeito aos jovens. E, apesar de realizarem as atividades laboriais e de estudo com má vontade, todos passaram a realizá-las, submetendo-se à autoridade de Makarenko. Desse dia em diante a situação na colônia melhorou sensivelmente; não por compreenderem o sentido de disciplina mas por medo de voltar para a rua ou para os velhos reformatórios czaristas, os colonos começaram a apresentar outro comportamento. Para Makarenko, estava se formando uma organização coletiva embrionária, que ainda sucumbia perante qualquer situação de problema, era uma dificuldade constante submeter os jovens que chegavam à colônia à elementar organização, mas Makarenko encontrou nos próprios jovens que já residiam na instituição alidados, que, ao contar os acontecimentos dos primeiros dias na colônia Górkki, colaboravam com a submissão dos novos colonos aos regulamentos estabelecidos.

O quadro geral era deprimente, mas, não obstante, os embriões do coletivo, semeados no decorrer do primeiro inverno, brotavam silenciosamente na nossa sociedade, era preciso salvar estes embriões a qualquer custo, não podia se permitir que os novos contingentes sufocassem esses brotos preciosos (MAKARENKO, 2012, p. 64).

Makarenko não enxergava os jovens da colônia como delinquentes, ele escreve: “Na colônia não usávamos nunca palavras como ‘delinquentes’ e ela nunca foi designada desse modo [...]” (MAKARENKO, 2012, p. 38). Ele percebia que aqueles jovens sofriam de conflitos internos, eram em sua maioria abandonados e rejeitados pela sociedade, eram adolescentes,, mesmo que por vezes se reunissem em pequenos grupos, solitários e com vidas permeadas de sofrimento. Por vezes causavam sofrimentos em suas vítimas, mas eram eles mesmos vítimas da sociedade excludente em que nasceram e viveram por alguns anos; eles eram aquilo que a sociedade havia feito deles. A maioria era órfã e nunca teve uma figura que lhes ensinasse o que era certo ou errado. “A imensa maioria deles era semianalfabetos ou analfabetos totais, quase todos estavam habituados a sujeira e aos piolhos e, para com outros seres humanos criara-se neles uma permanente postura defensivo-agressiva de ameaçador heroísmo-primitivo” (MAKARENKO, 2012, p. 64).

Mas com a nova organização social um novo rumo para a vida dos jovens estava dado, a sociedade socialista possuía valores diferentes do czarismo e do capitalismo, e a educação organizada nessa nova organização social refletia tais diferenças. O pedagogo afirma que “[...] a diferença principal entre o nosso sistema educacional e o sistema burguês repousa justamente no fato de que, conosco, o coletivo infantil deve necessariamente crescer e enriquecer, vislumbrar à sua frente um amanhã melhor e lutar por ele num jubiloso esforço comum, num sonho alegre e obstinado. Quem sabe é nisso que se resume a verdadeira dialética pedagógica” (MAKARENKO, 2012, p. 400). Para Makarenko, o ingresso na instituição deveria significar o início de uma nova vida, pautada no trabalho coletivo, e que o passado deveria ser esquecido, destacando o papel dos jovens na construção de uma nova sociedade.

Ao contrário dos regimes anteriores, Makarenko se preocupava com a questão dos jovens infratores e os tratava como uma prioridade; eles deveriam ser recuperados e inseridos na sociedade, levando em consideração que os “homens não nascem bons ou maus, egoístas ou solidários, eles se tornam aquilo dependendo da realidade social que eles mesmos constroem” (TONET, 2012, p. 17).

Mas o caminho para a transformação era um grande desafio, não havia uma “receita” pronta, ou alguém que já houvesse seguido tal caminho e pudesse indicar que rumo tomar. Makarenko escreveu em suas memórias, acerca das dificuldades do processo: “Cada dia da minha vida de então incluía necessariamente tanta fé, como alegria e desespero” (MAKARENKO, 2012, p. 64). De acordo com Luedemann “[...] a pressão dos acontecimentos, da necessidade urgente de uma ação de reeducação dos jovens levou Makarenko a fechar os

livros e abandonar a idéia-fixa em fórmulas pedagógicas e pensar sobre o problema educacional que tinha diante de si” (LUEDEMANN, 2002, p. 122). As pressões cotidianas obrigaram Makarenko a abandonar os teóricos da educação, dos quais posteriormente se tornou um crítico, pois para ele tais teóricos apresentavam uma criança idealizada, muito diferente daqueles meninos que tinha a sua frente. Nesse sentido, as ações pedagógicas tomadas por Makarenko, após a decisão de desistir de encontrar nos teóricos da educação um método para reeducar os jovens colonistas, apresentaram um caráter muito mais prático, o que não significa dizer que Makarenko abandonou os estudos teóricos, pois, como podemos observar em nossa análise, as ações práticas realizadas pelo pedagogo estavam permeadas pela literatura marxista de mundo. O pedagogo possuía firme o ideal de que a colônia deveria contribuir com a formação da sociedade socialista e formar novos homens para essa organização social, com isso cada ato realizado na colônia era elemento de reflexão. Podemos afirmar que na construção do método pedagógico de Makarenko se encontra o binômio ação/reflexão. Makarenko descreve a tônica que possuía o trabalho pedagógico nos primeiros meses na colônia:

Naquele tempo havia muito heroísmo na vida soviética, na luta revolucionária, e o nosso trabalho era demasiado modesto tanto nas suas expressões como no seu bom êxito. Éramos pessoas das mais comuns, e tínhamos uma infinidade de sorte de defeitos. E na verdade nem conhecíamos direito o nosso serviço: nossa jornada de trabalho estava eivada de erros, movimentos inseguros, pensamentos confusos. E pela frente havia uma névoa interminável, na qual com muita dificuldade divisávamos fragmentos dos contornos da futura vida pedagógica. De cada um dos nossos passos podia-se dizer o que se quisesse, porquanto nossos passos eram aleatórios. Nada era indiscutível no nosso trabalho. E quando começávamos a discutir, era pior ainda: das nossas discussões não sei por quê, não nascia luz. Só tínhamos duas coisas sobre as quais não pairavam dúvidas: nossa firme decisão de não abandonar a casa, de levá-la a termo de alguma maneira ainda que fosse um fracasso. E havia ainda esse “cotidiano – na colônia e em volta dela (MAKARENKO, 2012, p. 82).

Os esforços para a reeducação dos jovens eram imensos, mas as dificuldades que se apresentavam nesse percurso também eram expressivas. Em *Poema Pedagógico* (2012), Makarenko faz referência à falta de recursos e à fome que impedia que avanços fossem obtidos na colônia, pois meninos e educadores encontravam-se esfomeados; na maioria das vezes, os jovens se encontravam com piolhos, sarna e vestidos como mendigos. Boleiz Júnior em sua análise afirma que “A fome, durante os primeiros anos de funcionamento da colônia foi o principal problema enfrentado, dificultando, enormemente o processo de educação dos educandos” (BOLEIZ JÚNIOR, 2008, p. 98). O próprio Makarenko descreveu:

Comer é a necessidade primordial do homem. Por isso é que a questão do vestuário não nos abatia tanto como a da alimentação. Os nossos pupilos estavam permanentemente esfomeados, e isto complicava notavelmente a sua reeducação moral. Os colonos só muito parcialmente conseguiam satisfazer o seu apetite pelos seus próprios meios (MAKARENKO, 2012, p. 39).

E complementou: “Estávamos também nós os educadores igualmente esfomeados e pobres. Naquele tempo quase não nos pagavam, contentávamo-nos com a mesma “mistela” e o nosso vestuário era mais ou menos tão maltrapilho como o dos rapazes” (MAKARENKO, 2012, p. 41). A colônia enfrentou anos difíceis, com escassos recursos financeiros, esse foi um dos motivos que durante algum tempo impediu a formação da coletividade, e só depois de sua superação foi possível progredir.

O espírito de individualidade que dominava os jovens pode ser exemplificado por alguns fatos narrados por Makarenko em *Poema Pedagógico*. Sobretudo no primeiro ano de constituição da colônia, imperava em toda a URSS uma situação de pauperismo, provocada pelos anos de guerra civil e os invernos rigorosos; a situação na instituição não era diferente. Educadores e educandos viviam em condições miseráveis, a comida era racionada, os jovens vestiam trapos, o que impedia a formação do coletivo; na situação adversa, os jovens estavam demasiadamente preocupados em saciar suas necessidades individuais básicas. Nesse contexto ocorreram alguns roubos na própria colônia, primeiro na despensa e após no escritório de Makarenko. Em certa ocasião foi roubado o dinheiro que seria usado para pagar os honorários dos educadores. Tal situação gerava revolta de Makarenko e dos educadores, que não compreendiam o motivo de roubarem algo que já pertencia a eles, tal situação também incomodava alguns colonos.

Foi necessário desenvolver nos jovens a noção de “nosso”, substituindo o ímpeto do “meu”. Makarenko fez com que percebessem que, ao roubar as despensas da colônia, estavam roubando o que era de todos, inclusive de quem praticava o roubo. Pois o que havia na colônia era pertencente ao coletivo, no entanto os jovens tinham dificuldade em compreender a relação entre eles e o coletivo da colônia, como afirma o próprio pedagogo: “ De maneira alguma eles queriam aceitar o ponto de vista de que os roubados eram justamente eles próprios” (MAKARENKO, 2012, p. 35) Após um dos roubos de mantimentos o pedagogo proferiu as seguintes palavras aos colonos, no intuito de fazê-los entender que os roubos atingiam a todos indistintamente: “- Que espécie de bandidos são vocês? Vocês não passam de ladrõezinhos pés de chinelo que furtam de si mesmos. Fiquem agora sem banha, o diabo que os carregue! E nas festas, sem balas. Ninguém vai nos dar mais nada. Danem-se!”

(MAKARENKO, 2012. p. 35). Infelizmente as palavras não surtiram efeitos e os roubos continuaram, Makarenko sabia que o ladrão era um dos meninos maiores, e os outros, apesar de saberem a autoria dos furtos, não o denunciavam por medo. Quando enfim o autor dos delitos foi descoberto, a ira do grupo caiu sobre ele, os jovens queriam surrá-lo, porém foram impedidos por Makarenko, mas este decidiu que o castigo ao jovem infrator seria decidido por todo o grupo, foi a primeira vez que na colônia se organizou um tribunal coletivo de decisão. O jovem implorou para não ser expulso da colônia, e Makarenko, com o tribunal, definiu que o jovem passaria três dias trancado a pão e água. Não foi necessário trancar o jovem, de fato ele cumpriu sua penalidade e “[...] manteve sua palavra: nunca mais, depois daquele dia, ele roubou qualquer coisas, nem na colônia nem em lugar algum” (MAKARENKO, 2012, p. 40). Essa era uma semente que começava a germinar, o jovem que prejudicou o coletivo foi punido pelo coletivo, esse acontecimento foi educativo tanto para o jovem quanto para os demais colonistas.

Outro exemplo de progresso na formação da coletividade pode ser observado no diálogo a seguir, enquanto todos os colonos e educadores sofriam com as mazelas da fome, um dos jovens conseguiu instrumentos de pesca e passou a conseguir alguns peixes para comer, porém os comia escondido. Em certo momento ofereceu a Makarenko os frutos de sua pescaria, o pedagogo não aceitou, alegando que os instrumentos de pesca e os peixes pertenciam ao coletivo e não somente a ele:

Ele levou um prato de peixe frito para o meu quarto.

-Isto é peixe para o senhor.

-Estou vendo, só que não vou aceitar.

-Por quê?

-Porque não está certo. O peixe deve ser dado a todos os colonistas.

-A troco de que? – ruborizou-se Taranets, ofendido. – A troco de que? Eu consegui as redes, eu pesco e me molho todo no riacho, e devo dar para todos?

-Pois então fique com o seu peixe. Eu não consegui nada nem me molhei no riacho.

-Mas isto é um presente nosso para o senhor...

-Não, eu não estou de acordo, tudo isso não me agrada. E não está direito.

-Mas o que é que não está direito?

-Isto: você não comprou as redes, certo? Ganhou-as de presente?

-Foi de presente.

-Presente para quem? Para você? Ou para toda a colônia?

-Por que “para toda a colônia”? Foi para mim.

-Pois eu acho que foi para mim e para todos. E as frigideiras de quem são? Suas? São de todos. E o óleo de girassol que vocês pedem à cozinha são? Suas? São de todos. E a lenha, o fogão, os baldes? Então, o que me diz? Eu posso tirar as redes de você, e ponto final. E o pior é a falta de companheirismo. E daí que as redes são suas? Mas você faça uma para os companheiros também. Todos podem pescar, não é mesmo?

Tudo bem – disse Taranets. – Que seja. Mas o senhor aceite o peixe mesmo assim.

Aceitei o peixe, Desde aquele dia, a pesca tornou-se tarefa geral que se fazia em turnos e a produção era entregue na cozinha (MAKARENKO, 2012, p. 32-33).

O diálogo com o jovem colonista e a reflexão conduzida por Makarenko significaram um importante avanço na construção do coletivo. Ao oferecer os peixes ao pedagogo, o menino os enxergava como sua propriedade, fruto de seu trabalho e obtido por meio de seus instrumentos, ele não era solidário aos colegas que também padeciam de fome, mas não o fazia de forma intencional; atender a suas necessidades era sua única preocupação, ele não possuía o conceito de comunidade estabelecido. A interlocução de Makarenko foi altamente educativa, provocou no jovem uma nova visão dos fatos, levando-o a entender que ele estava inserido em uma nova organização social, em que era necessário pensar de forma coletiva. “O combate ao individualismo fazia parte de um processo de desenvolvimento de atividades práticas em que os educandos percebessem o nosso no lugar do meu” (LUEDEMANN, 2002, p. 129).

A partir desse momento, a pesca deixou de ser um ato individual e passou a ser uma atividade coletiva; nas estações mais amenas os jovens pescavam e levavam para a colônia o fruto da pescaria para ser dividido entre todos; no inverno a pesca era impossibilitada, e mais uma vez os jovens sofriam com as mazelas da fome. Nesse período era difícil evitar a ida dos jovens às feiras, onde roubavam alguns alimentos no intuito de saciarem a fome que corroía a vida na colônia. Quando perguntados, os jovens afirmavam que os alimentos eram fruto de doações, Makarenko sabia da origem dos mantimentos, mas, para não ofender os garotos, não levantava suspeitas, ademais, não havia condições objetivas na colônia para evitar tais furtos. O pedagogo afirma que “ Os sujos e famintos colonistas fuçando a procura de comida, não me pareciam objetos apropriados para pregação de qualquer tipo de moral relacionada a motivos tão fúteis como o furto, na feira, de algumas rosquinhas ou um par de solas” (MAKARENKO, 2012, p. 33).

O combate ao individualismo praticado por Makarenko foi confundido inúmeras vezes pelo combate às individualidades. Ao contrário das teorias pedagógicas vigentes nesse período histórico, que defendiam o educando como centro das atenções, Makarenko defendia que, antes de educar o indivíduo, era necessário educar o coletivo, este deveria ser o objeto da educação. Tal prática e defesa pedagógica fizeram com que Makarenko acumulasse inúmeros críticos, que eram contrários aos seus métodos pedagógicos, acusando-o por vezes de ditador

e autoritário. A postura de autoridade, tomada por Makarenko, também rendia críticas por todos os lados.

O duelo contra o individualismo era uma constante na prática pedagógica de Makarenko e na constituição da sociedade socialista como nos afirma Górkí: “[...] antes... educava-se o homem individualista. Nós somos inimigos do individualismo burguês. Esforçamo-nos por criar o homem coletivista” (GÓRKI, 2000, s/p).

No início da constituição da coletividade na colônia, Makarenko adotou uma postura severa e “ditatorial”; os jovens, para ficar na colônia, deveriam seguir as normas estabelecidas pelo educador, e os que não estivessem de acordo poderiam ir embora. Ele afirma: “Resolvi firmemente fazer-me ditador se não tivesse outro método à minha disposição” (MAKARENKO, 2012, p. 33-34). Makarenko em *Poema Pedagógico* justifica o uso de tal postura:

Eu tinha-me permitido avançar a afirmação, para mim indubitável, segundo a qual, enquanto não estava criada coletividade com os seus órgãos enquanto as tradições não se criavam e não se formara uma aquisição inicial de habituação ao trabalho e à vida comum, o educador tinha o direito e o dever de não se coibir do recurso à coação (MAKARENKO, 2012, p. 141).

A postura tomada por Makarenko, expressa no excerto acima, rendeu a ele inúmeras críticas, como a que ele apresenta em sua obra: “[...] Nós vamos liquidar com essa sua experiência policialesca. É preciso construir uma educação socialista, não uma caserna” (MAKARENKO, 2012, p. 132). Porém Makarenko adotou a convicção de que, enquanto o coletivo não estava estruturado, a relação de obrigatoriedade (coação) não deveria ser evitada, caracterizando-se como um recurso pedagógico necessário, sendo, para ele, esse um estágio importante na educação do homem socialista. Ele afirma: “Em última análise, eu defendia a criação de um coletivo vigoroso, e se necessário, severo e motivado, e só sobre o coletivo é que eu apoiava todas às esperanças” (MAKARENKO, 2012, p. 132). Para ele, só era possível abrir mão de tais relações quando os laços da coletividade estivessem estabelecidos, pois eles não eram mais indispensáveis.

Apesar da situação de pauperismo, os jovens permaneciam na colônia; não houve nenhum registro de fugas; a vida nas ruas era ainda mais severa do que a que viviam na colônia. Makarenko comenta acerca da permanência dos jovens na colônia: “A questão de saber por que é que os colonos continuavam a viver nas nossas condições de pobreza e de labor bastante rude, porque é que não evadiam, não é naturalmente das que encontram resposta exclusivamente no plano pedagógico. Em 1921, viver na rua nada tinha de invejável.

Embora a nossa província não figurasse na lista daquelas nem por isso era menos dura na cidade, e havia fome” (MAKARENKO, 2012, p. 71-72).

Em meio às dificuldades constantes, com o tempo, e por meio de esforços coletivos, era possível observar na colônia os primeiros sinais de avanço, e os avanços só foram possíveis com a melhoria das condições objetivas. O pedagogo relata que “Nesse ínterim, nossa colônia começou pouco a pouco a desenvolver sua história material. A pobreza levada às últimas conseqüências, os piolhos e os pés congelados não nos impediam de sonhar com um futuro melhor” (MAKARENKO, 2012, p. 48) Um elemento essencial para que a coletividade na colônia começasse a ser formada era que a colônia começava a receber o que era necessário para jovens e educadores terem suas condições básicas de sobrevivência garantidas, e isso só foi possível por meio das verbas que chegaram à colônia, que possibilitaram os investimentos na agricultura e em outras formas de trabalho. Trataremos com mais especificidade desse assunto no item 3.1.3. Elemento essencial para o progresso financeiro, os dias de extrema pobreza iam aos poucos fazendo parte do passado. “ Pouco a pouco iam sendo esquecidos [...] os aborrecimentos tifosos, o inverno com os pés gelados, o corte de lenha e outros problemas [...] (MAKARENKO, 2012, p. 132). Com a melhoria das condições financeiras a coletividade na colônia Górkki passava a ganhar novas características, as relações pedagógicas tornavam-se mais complexas, considerando que todos já tinham as necessidades básicas atendidas, aos poucos o cenário gorkiano ia ganhando novas cores, cores alegres, como identificamos em *Poema Pedagógico*: “Na superfície, tudo na colônia parecia estar indo bem. De dia, todos trabalhavam e estudavam, à noite pilheriavam, brincavam, iam dormir nas suas camas e acordavam de manhã alegres e contentes da vida” (MAKARENKO, 2012, p. 141). Makarenko descreve características da nova fase da instituição:

Nessa época, já tínhamos esquecido da sujeira, dos piolhos e das sarnas. A colônia resplandia de limpeza e de remendos novinhos, meticulosamente colocados sobre cada lugar suspeito em qualquer objeto: nas calças, nas cercas, na parede do galpão, num degrau velho. Nos dormitórios estavam os mesmo catres, mas era proibido sentar-se neles de dia, e para isso havia bancos especiais de tábuas de pinho sem pintura. No refeitório, mesas de pinho, igualmente sem pintura, eram raspadas com facas especiais, feitas na ferraria (MAKARENKO, 2012, p. 156).

Um dos elementos essenciais para a formação da coletividade foi a instituição do tribunal em que os jovens participavam das tomadas de decisão frente aos problemas; desde o julgamento do jovem que roubou a colônia essa se tornou ali uma prática comum, eles de forma coletiva resolviam as questões que se apresentavam no cotidiano da instituição.

Makarenko procurou organizar o coletivo, envolvendo-o nos problemas para criar um laço mais forte de responsabilidade e solidariedade entre educandos e educadores (LUEDEMANN, 1994, p. 111), o que pode ser exemplificado em alguns de seus relatos ao longo de *Poema Pedagógico*. Observemos uma de suas narrações, em que os sentimentos negativos em relação aos educadores, latentes dos primeiros meses da colônia, dão lugar a sentimentos amigáveis:

Os colonistas desenvolveram para com Shere um sentimento de entusiasmo contido. Naturalmente, eles estavam certos de que o “nosso Shere” só era tão bom porque era nosso, e que em qualquer outro lugar ele seria menos maravilhoso. Esse entusiasmo se expressava na aceitação silenciosa da sua autoridade e nas intermináveis conversas sobre as suas palavras, maneirismos, impermeabilidade e quaisquer sentimentos e sobre os seus conhecimentos (MAKARENKO, 2012, p. 194).

Os problemas passaram a ser de todos, bem como todos eram responsáveis por sua resolução. Na assembleia todos podiam se expressar, desde que de forma organizada e respeitosa. Com o tempo as assembleias passaram a ser realizadas semanalmente, e nelas eram discutidos não apenas os problemas da colônia, mas também elementos do cotidiano do trabalho e estudos e as novas perspectivas para a instituição. Em cada assembleia um jovem era escolhido para presidir as discussões, a intenção era a de que todos os jovens pudessem um dia presidir uma assembleia, no intuito de “incutir em todos os educandos determinados hábitos sociais e atraí-los para uma vida social ativa” (DAL RI; VIEITEZ, 2008, p. 229).

Esse foi o início da formação da coletividade entre os educandos, mas era ainda muito incipiente, e os valores burgueses ainda estavam constantemente presentes nas práticas dos educandos. Makarenko afirma que havia “[...] laços coletivos, quebrados a cada instante por ninharias” (MAKARENKO, 2012, p. 72).

Outra etapa fundamental para a formação do coletivo foi a instauração de destacamentos de trabalho. A primeira organização dos jovens em destacamento ocorreu após o ataque de bandidos a um funcionário e a um educando que se dirigiam à colônia, com mantimentos trazidos da cidade; os ladrões roubaram os mantimentos e atacaram o funcionário com uma coronhada na cabeça. A partir desse acontecimento, Makarenko decidiu que os jovens se organizariam em destacamentos para irem ao encontro dos funcionários e colonos que regressavam da cidade ainda na estrada: “O grupo que saía compunha-se de uns dez homens. Às vezes eu também participava do destacamento, já que possuía um revólver. Não podia confia-lo a qualquer dos colonistas, e sem revólver nosso destacamento parecia frágil” (MAKARENKO, 2012, p. 42). A nomenclatura “destacamento” é oriunda do vocabulário militar, o líder de cada grupo denominava-se comandante, outro termo militar. Tais terminologias estavam relacionadas ao Exército vermelho, que gozava de admiração e

estima entre os colonos e entre os soviéticos de forma geral. Makarenko nos explica a origem do termo adotado por ele para designar os grupos de trabalho, que pode ser traduzida, em coletividade primária:

A palavra destacamento era um termo da época da revolução, aquele período em que as ondas revolucionárias ainda não tinham tido tempo de se organizar em harmoniosas colunas de regimentos e divisões. A guerra de guerrilha, que foi especialmente prolongada na Ucrânia, era conduzida exclusivamente por destacamentos. Um destacamento podia conter até mesmo alguns milhares de homens, ou menos de uma centena. Uns e outros tinham no acervo façanhas bélicas como as moitas salvadoras da floresta. Nosso colonistas tinham mais que quaisquer outros, o gosto pelo romantismo guerrilheiro da luta revolucionária. Mesmo aqueles que por capricho do acaso, tinham sido atirados ao campo de uma classe inimiga, antes de tudo encontravam nele esse mesmo romantismo (MAKARENKO, 2012, p. 205).

Os destacamentos eram grupos de jovens responsáveis por determinadas funções na colônia; existia um destacamento responsável por cada trabalho realizado na instituição. Os destacamentos eram mistos, formados por meninos e meninas, de diferentes idades. Ao colocar meninos e meninas de diferentes idades em um mesmo grupo, Makarenko queria desenvolver nos educandos mais velhos o sentimento de cuidado e responsabilidade para com os mais jovens, e nos mais meninos o respeito e admiração por seus companheiros de mais idade:

[...] era uma espécie de família, seria mais vantajoso no sentido educativo: ali os mais velhos cuidam dos mais novos e estes respeitam aqueles. Deste modo criam-se as mais cordiais relações de camaradagem. Assim os pequeninos não ficarão fechados em seu próprio grupo e os mais velhos nunca contarão anedotas escabrosas e se controlarão nos palavrões já que eles são os responsáveis pelos mais novos (CAPRILES, 2007, p. 154- 155).

Os destacamentos eram caracterizados de duas formas: os permanentes e os mistos. Os destacamentos permanentes diferenciavam-se por possuir um comandante definido, bem como a função de cada colono nos trabalhos realizados e por não possuir tempo determinado para sua existência, podendo existir por muito tempo, de acordo com a necessidade coletiva. Makarenko destaca que “ O destacamento permanente é o coletivo primordial dos colonistas, e seu comandante é necessariamente membro do soviéte de comandantes” (MAKARENKO, 2012, p. 208). Já os destacamentos mistos eram organizados conforme necessidades imediatas do dia a dia da instituição e possuíam pré-estabelecido seu tempo de existência, podendo variar de acordo com as atividades. Eles eram compostos por membros dos destacamentos permanentes. Essa organização também possuía comandante, sendo essa função rotativa. O

pedagogo salienta que “ Graças a esse sistema, a maioria dos colonistas participava não somente das funções de trabalho, como de organização. Isto era muito importante, e era exatamente o que se fazia necessário para a educação comunista” (MAKARENKO, 2012, p. 209). De acordo com Makarenko (2012), os destacamentos mistos atribuíam vivacidade nos dias que se seguiam na colônia, a alternância de funções mantinha acessa o interesse dos colonos em desenvolver as funções.

Atribuir funções e responsabilidades aos educandos foi um passo importante na construção da coletividade. Aos poucos os colonos passaram a desenvolver as funções com naturalidade e a figura do comandante ia tornando-se desnecessária, como afirma Makarenko:

Um comandante de destacamento permante se dirigia para o trabalho como um simples membro das fileiras do destacamento, e durante o trabalho se subordinava ao chefe do descamento provisório, muitas vezes membro de seu próprio destacamento permante. Isto criava uma cadeia muito complexa de interdependências na colônia, e nesta cadeia um colonista individual já não podia se destacar sobre o coletivo (MAKARENKO, 2012, p. 209).

Ao anoitecer, todos os destacamentos se reuniam e compartilhavam com os demais como havia sido o desenvolvimento das atividades ao longo do dia, quais os êxitos e dificuldades, e, juntos, pensavam nos novos desdobramentos para os dias posteriores. As reuniões noturnas eram também momentos de diversão e convivência informal entre educandos e educadores, como descreve o pedagogo em *Poema Pedagógico*:

[...] nos dormitórios, após o chá da noite, aguardavam-nos impacientemente as conhecidas carentes olhudadas dos alegres colonistas, com enormes reservas de toda sorte de histórias, mentiosas e verdadeiras, e toda a espécie de problemas: atuais, filosóficos, políticos, literários, com todo tipo de jogos e brincadeira, começando com “gato e rato” e terminando com “ladrões e delatores”. Aqui mesmo também se decidiam diversos casos da nossa vida, mexericava-se sobre a forma e da nossa feliz vida futura [...] (MAKARENKO, 2012, p. 85).

Ruiz apresenta uma análise relevante acerca de tal questão, observemos: “O trabalho só é coletivo quando, além de possibilitar a participação da coletividade na elaboração e na formulação de propostas, assim como na sua execução, propicia também a possibilidade de participação na tomada de decisão” (RUIZ, 2008, p. 225).

Cada destacamento possuía um comandante, que era responsável por todo o grupo. Ele deveria conduzir seu grupo nas atividades laborais e responder pelos êxitos e também pelos fracassos do mesmo, cabia também ao comandante do destacamento zelar pela união do coletivo. Uma das regras do exercício da função de comandante era “[...] a estrita proibição de

quaisquer privilégio para comandante; ele nunca recebia nada a mais, nem era dispensado do trabalho” (MAKARENKO, 2012, p. 206). A função de comandante era rotativa e todos um dia deveriam exercê-la. Os comandantes eram escolhidos por meio de votação. “Os chefes de destacamento devem sentir constantemente a ligação com a coletividade que os elege e a sua responsabilidade” (MAKARENKO, 1986, s/p *apud* LUEDEMANN, 2002, p. 287).<sup>23</sup> Makarenko descreve o processo percorrido até a escolha dos comandantes por meio do coletivo; ainda podemos observar no excerto que se segue o processo de evolução da organização dos destacamento e do início da formação do conselho de comandantes ou “soviète” de comandantes, que eram representantes de cada destacamento e eram responsáveis com Makarenko em resolver as questões mais complexas do cotidianos da colônia:

O sistema de destacamentos elaborou-se definitivamente até a chegada da primavera. Os destacamentos ficaram menores e incluíam a ideia de distribuição dos colonistas pelas oficinas. Lembro-me de que os sapateiros sempre traziam o número um, os ferreiros, o seis, os cavalariaços, o dois, o porqueros, o dez. No começo, não tínhamos nenhuma constituição. Os comandantes eram nomeados por mim, mas antes da primavera eu comecei, cada vez mais, a convocar reuniões de comandantes, às quais os colonistas logo deram um nome novo e mais bonito: conselho, “soviète de comandantes”. Acostumei-me rapidamente a não empreender nada de mais importante sem esse conselho dos comandantes. Pouco a pouco também a nomeação de comandantes passou para o soviète, que dessa forma começou a ser preenchido por meio cooptação [...] No soviète de comandantes, a eleição de um comandante era sempre acompanhada de discussão muito acirrada. Graças ao sistema de cooptação, tivemos sempre comandantes esplêndidos, e ao mesmo tempo tínhamos o soviète, que jamais suspendia suas atividades como um todo, nem se demitia (MAKARENKO, 2012, p. 206).

Ao instituir os destacamentos, Makarenko deu a cada colono uma responsabilidade individual, mas o bom andamento da colônia só era possível se todos desenvolvessem bem suas atividades. Os destacamentos eram as coletividades primárias. Um destacamento dependia do outro, e a colônia dependia de todos. “Assim se formara na colônia uma cadeia muito complicada de interdependências que não permitia já a qualquer colono desligar-se da coletividade” (MAKARENKO, 2012, p. 220). Para Makarenko, o coletivo constituía um mecanismo social vivo e, por isso, possuía organismos, pertinências, responsabilidades, ligações e interdependência entre os membros. Observemos suas palavras, ao se referir ao coletivo, dirigindo-se aos colonos:

<sup>23</sup> MAKARENKO, Anton. Os objetivos da educação. 1986 In: LUEDEMANN, Cecília. **Anton Makarenko: vida e obra – a pedagogia na revolução**. São Paulo: Expressão Popular, 2002.

– Camarada! – eu disse. – A partir deste minuto, todos nós, quatrocentas pessoas, constituímos um só coletivo, que se chama: Colônia de Trabalho Górkí. Cada um de vocês tem de lembrar isso sempre, cada um deve saber que ele é um gorkiano e tem de encarar o outro gorkiano como o seu companheiro mais chegado e principal amigo, tem a obrigação de respeitá-lo, defendê-lo, ajudá-lo em tudo se ele precisar de ajuda, e corrigi-lo se ele errar (MAKARENKO, 2012, p. 127-128).

A organização de tribunais de decisões coletivas “[...] que resolviam os problemas de maneira compartilhada e participativa” (BOLEIZ JÚNIOR, 2008, p. 97) e o trabalho realizado por meio de destacamentos elevou a autoestima e incutiu o sentimento de honra entre os jovens gorkianos. A postura profissional de Makarenko, preconizada no máximo de exigência e de respeito aos jovens, constituía sua figura de líder que aos poucos passou a ser admirada pelos meninos e meninas da colônia, servindo constantemente de modelo. Apesar da educação preconizada no rigor, as relações interpessoais com o desenvolvimento do coletivo passaram a ser embasadas pelo respeito, não mais apenas por parte de Makarenko e sua equipe de educadores, mas também por parte dos educandos. Acerca desse processo de desenvolvimento dos sentimentos, o pedagogo afirma que

Os gorkianos não sabiam expressar sentimentos de ternura, pois era alto demais o valor que eles davam à ternura. Eu vivi com eles durante oito anos, muitos tinham para comigo uma atitude amorosa, mas nem uma só vez naqueles anos todos nenhum deles foi carinhoso comigo no sentido comum. Eu sabia reconhecer seus sentimentos por sinais que só eu conhecia: a profundidade de um olhar, o rubor do enleio, a atenção à distância, detrás de uma esquina, a voz um nada enrouquecida, os pulos e a corrida após um encontro (MAKARENKO, 2012, p. 623).

Os jovens colonos eram marcados por uma vida de esquecimento, nas ruas viviam à margem da sociedade, na colônia pela primeira vez possuíam importância, eram pertencentes a um grupo. Ser comandante de um destacamento era uma honra inestimável, significava a confiabilidade do líder maior da colônia, o pedagogo Makarenko, e para ele todos eram capazes. Ao lermos *Poema Pedagógico*, percebemos que Makarenko depositava em cada jovem confiança, enxergava ali homens e mulheres capazes e não delinquentes. O princípio era o de [...] “exigir o máximo do educando e, ao mesmo tempo, tratá-lo com o maior respeito possível” (CAPRILES, 2007, p. 54). Tal organização incutiu nos educandos a perspectiva do amanhã, algo que muitos, havia tempos, já tinham perdido. O objetivo era formar dirigentes, homens capazes de conduzir os demais e de participar ativamente de qualquer tarefa necessária ao coletivo.

O coletivo não deveria ser apenas responsabilidade do grupo de educadores, mas sim de cada indivíduo pertencente a ele. Fazer parte do coletivo não significava esquecer suas individualidades, mas perceber que o seu bem-estar dependia diretamente do bem-estar do coletivo. O homem é um indivíduo, mas a vida social é coletiva, portanto, o indivíduo deve se submeter ao coletivo e este passa a ser o método de organização da vida social na colônia de trabalho e de ensino de Makarenko. Makarenko afirmava que, se um jovem realizasse uma atividade considerada desagradável de bom grado e se isso fosse para o bem geral, significaria que ele compreendeu a noção de coletivo; isso significava que o indivíduo era apto em cumprir as atividades conforme as precisões coletivas e, muitas vezes, em detrimento dos anseios e aspirações particulares. Makarenko afirma: “Eu exigia uma educação susceptível de formar um homem forte e de boa tempera, capaz de executar até um trabalho desagradável e aborrecido de este corresponder aos interesses da coletividade” (MAKARENKO, 2012, p. 141).

Um destacamento não era apenas um amontoado de indivíduos, mas sim um grupo coeso, que tinha em mente o mesmo objetivo e deveria zelar pelo bom andamento da coletividade geral. A formação de tais laços de coletividade não é natural, é ensinada e só é formada por meio de muito trabalho cotidiano e de condições objetivas que contribuam para a formação dos laços de coletividade. Makarenko escreve sobre a importância dos destacamentos para a constituição da coletividade: “O sistema de destacamentos mistos tornava a vida na colônia muito intensa e cheia de interesse, de alternância de funções de trabalho e de organização, de exercício de comando e de subordinação, e de movimentos coletivos e individuais” (MAKARENKO, 2012, p. 209).

Radice (1951) nos apresenta uma importante análise acerca da importância do coletivo na prática pedagógica de Makarenko. Ele expõe que

O coletivo está sempre no centro da experiência e do pensamento de Makarenko. O coletivo não é um conjunto de pessoas, mas um organismo complexo, que possui sua personalidade, sua tradição, sua história; que tem suas próprias leis de formação e de desenvolvimento. O objetivo imediato da ação educativa não é o indivíduo em particular, mas o coletivo, tenha este o nome de colônia ou de classe escolar. Cada indivíduo é educado com o coletivo e através dele. A relação entre o indivíduo e a coletividade, entre o coletivo e seu núcleo central – composto pelos elementos mais ativos, capazes e tenazes – a relação entre o coletivo e o adulto (professor, capataz, administrador, etc.): eis alguns dos problemas fundamentais que Makarenko enfrenta e resolve, expondo-os com maravilhosa vivacidade em suas narrativas pedagógicas e com clareza científica nos estudos e artigos dos seus últimos anos de vida. É matéria por demais rica para poder ser

comprimida em uma intervenção deste Encontro; limitar-nos-emos, portanto, a indicar dois únicos pontos: Um é a necessidade de perspectivas amplas e felizes para o coletivo e para todos os seus membros. O outro é a necessidade de caminhar sempre, de não se conformar com o que já se obteve, de fixar continuamente novas exigências: isto é, o perene movimento para frente, como lei fundamental do desenvolvimento do coletivo (RADICE, 1951, s/p).

Quando os laços coletivos internos já estavam bem estruturados, a ponto de que os novos colonos que chegavam, permeados de valores burgueses, em pouco tempo se rendiam às práticas coletivas da colônia, como nos narra Makarenko: “[...] tinham-se fundido num grupo extremamente unido que exercia a autoridade claramente e cuja vontade formava a cada passo e para cada recém-chegado uma armadura inflexível à qual era quase impossível não se submeter. Eu, aliás, quase não observava nenhuma tentativa de resistência” (MAKARENKO, 2012, p. 245).

Makarenko percebeu que era necessário ampliar a coletividade, incutir nos jovens a ideia de que eles faziam parte de um coletivo maior, o da sociedade soviética. O período após a revolução foi um tempo marcado por dificuldades. A revolução não garantiu uma completa adesão aos ideais socialistas, era necessário lutar a cada dia contra inimigos que se erguiam a todo o momento. Após a queda do czar, entre os próprios operários surgiram aqueles que queriam oprimir os demais. Na aldeia próxima à colônia Górkí, bandos de aproveitadores e ladrões lançavam mão de práticas ilegais para aproveitar-se da situação de transição e explorar os camponeses.

Para Makarenko, a colônia não era um organismo apartado da sociedade, era parte da mesma. Sendo assim, os problemas da sociedade soviética eram também da colônia Górkí, “segundo a concepção de Makarenko, não haveria desenvolvimento possível da escola como coletividade, isolada da sociedade soviética, pois era uma de suas células” (LUEDEMANN, 1994, p. 224).

Era necessário imprimir nos jovens o espírito revolucionário e de classe. Se os aldeões vizinhos sofriam com as mazelas das explorações de aproveitadores que se erguiam do meio do povo e de remanescentes da burguesia, essa luta era também dos colonos, pois faziam parte de um mesmo coletivo, que deveria estar integrado. Se o objetivo de Makarenko era formar um indivíduo para a nova sociedade soviética, cabia a ele também lutar para que essa sociedade se efetivasse. Com isso o pedagogo organizou a coletividade de jovens ex-delinquentes para com a população lutarem contra os espoliadores do povo. “A ação coletiva e enfrentamento da marginalidade e da exploração levou à criação de um sentimento de

solidariedade na coletividade em formação e junto aos camponeses” (LUEDEMANN, 2002, p. 135). Luedemann nos apresenta mais elementos acerca dessa temática:

Makarenko compreendeu que a vida do coletivo dependia de uma luta política mais geral. E, do período de organização inicial, interna, passou para a constituição de uma solidariedade mais forte entre os educandos, confrontando, na realidade social, os expoliadores da produção agrícola. Era necessário transformar os jovens delinquentes em revolucionários, destinando-lhes tarefas de proteção dos camponeses contra os bandos de ladrões e *kulaks*. A solidariedade de classe aparecia como uma nova experiência em que os educandos acompanhavam os aldeões, enfrentando os bandidos e mais tarde assumiam a tarefa de destacamentos revolucionários (LUEDEMANN, 1994, p. 112-113).

Em princípio, os camponeses vizinhos mostraram-se hostis aos jovens da colônia, estabelecendo com eles uma relação baseada no desprezo e medo, o que não ocorreu gratuitamente, considerando que nos primeiros meses dos jovens na colônia eram comuns as incursões dos jovens nos campos e despensas dos camponeses. Porém a formação do coletivo gorkiano alterou também o convívio com a comunidade vizinha. Na ocasião em que assaltantes rondavam as estradas, roubando os camponeses que por ali transitavam, passaram a recorrer aos jovens da colônia para colaborar na segurança da comunidade. Examinemos o seguinte excerto de *Poema Pedagógico* que ilustra a vinculação entre colonos e camponeses:

Um assalto desses, por assim dizer coletivo, quase nunca era caso “molhado”. Os campônios, refeitos do susto, e após permanecerem no lugar pelo tempo estipulado pelos assaltantes, vinham para a colônia e nos descreviam o acontecido em cores expressivas. Eu reunia o meu exército, armava-os com estacas, eu mesmo pegava o revólver, corríamos a toda para a estrada, e por longo esquadrinhávamos o mato (MAKARENKO, 2012, p. 41).

Tal empreitada era para os jovens uma aventura permeada de emoção, depois perceberam a importância da ligação com o campesinato para a efetivação da sociedade socialista. Makarenko tinha estabelecido tal elo desde o início da aproximação com a comunidade camponesa.

Outra ocasião em que se fez necessária a intervenção do coletivo da colônia na vida da sociedade em seu entorno foi quando Makarenko percebeu que a *samogôn* (vodca ilícita) estava causando mal à vida cotidiana da colônia e afetando também a comunidade do entorno. “Estávamos cercados por um mar de *samogôn*, vodca ilícita de destilarias clandestinas. Na própria colônia havia muitos bêbados – empregados e camponeses” (MAKARENKO, 2012,

p. 68). O consumo e a produção da *samogôn* eram ilegais, mas por uma questão cultural a comunidade continuava a consumir e produzir a vodca. Ao perceber o malefício desse vício, Makarenko conseguiu com as autoridades soviéticas um documento que permitia a ele, com os colonos, confiscar e destruir a bebida e os instrumentos para sua produção, bem como verificar e garantir que tal prática não faria mais parte da vida dos colonos e camponeses. Boleiz Júnior nos apresenta a importância dessa empreitada:

A luta como a *samogon* rendeu vitórias importantes. Primeiramente combateu o alcoolismo que se estabelecia há tempos pelos aldeamentos circundantes da colônia. Em segundo plano combateu o alcoolismo dentro da própria colônia. Em terceiro lugar, contribui para colocar fim ao desperdício de trigo que era utilizado na fabricação do *samogon*, numa região que passava por sérios problemas de pobreza e fome. Finalmente colaborou para com o sentimento de importância social dos colonistas, melhorando a auto-estima de todos e fortalecendo os laços de construção do coletivo (BOLEIZ JÚNIOR, 2008, p. 103).

Como preconizou Boleiz Júnior, as situações narradas anteriormente são exemplos importantes do fortalecimento da coletividade, em um primeiro plano dentro da colônia, pois os colonos e educadores reuniam-se e organizavam-se em prol de uma causa comum a todos; em segundo plano, os laços entre a colônia e a comunidade também se tornavam mais estreitos, esse era um importante fator, considerando que para Makarenko a coletividade interna só ganhava valor se estivesse relacionada com a comunidade e de maneira geral com todo o país. Para ele, esse era o objetivo das instituições escolares: formarem o indivíduo útil à construção da sociedade socialista.

A escola organizada por meio da coletividade não era um fim em si mesmo, estava totalmente relacionada aos objetivos do Estado socialista. Os jovens na colônia Górkki não eram apenas educados para viver coletivamente dentro daqueles espaços, mas para viverem assim em sociedade. Compreendemos que a escola não é um espaço isolado, uma ilha, ela é integrante da sociedade, o homem que se forma no espaço escolar é o mesmo que atua em outros meios sociais. Formar um homem coletivista significa ter planos para uma sociedade pautada nesse valor, como afiança Makarenko, ao afirmar que “[...] é preciso sempre despertar para a vida e alargar gradativamente as perspectivas de todo o coletivo, conduzi-lo até a perspectivas de toda a união” (MAKARENKO, 2012, p. 569). Em outro trecho, o pedagogo menciona a importância de os jovens, após deixarem a colônia, permanecerem firmes nos propósitos socialistas da URSS. Ele ressalta que “[...] devemos levar um vida correta, como autênticos proletários, e sair da colônia verdadeiros *komsomols*, a fim de,

mesmo depois da colônia, continuarmos a construir e fortalecer o Estado proletário” (MAKARENKO, 2012, p. 527).

Outra questão essencial que não podemos deixar de considerar, ao investigarmos a categoria coletividade na obra *Poema Pedagógico*, é a menção que Makarenko faz ao coletivo de educadores. Segundo o pedagogo, não pode haver um coletivo coeso de educandos se o grupo de educadores não apresentar tal característica. Ele afirma, referindo-se à formação do coletivo pedagógico: “Eu procurava “gente verdadeira” pacientemente e conseguia pescar alguma coisa dentre as reservas caóticas de quadros pedagógicos” (MAKARENKO, 2012, p. 270). Ao utilizar a expressão “gente verdadeira”, compreendemos que Makarenko referia-se à formação ideológica. Não era possível desenvolver a educação do novo homem socialista com educadores que comungavam de ideais contrários à organização socialista, e a classe pedagógica nesse contexto histórico ainda era muito escassa. A maioria dos russos fora alfabetizada após a revolução, o número de pedagogos era inexpressivo, e uma parcela ainda era contrarrevolucionária.

Como mencionamos, eram poucos os educadores que se aventuravam na epopeia de educar jovens delinquentes, e, como afirma o próprio Makarenko: “Estes não queriam vir trabalhar conosco: os vencimentos eram miseráveis e o trabalho difícil” (MAKARENKO, 2012, p. 226-227). Nesse período histórico, o trabalho docente estava fortemente relacionado a questões ideológicas; os que se aventuravam em educar o homem soviético o faziam por vislumbrarem uma nova sociedade, e não pelas remunerações financeiras. Por vezes, com os colonos, os educadores sofriam as mazelas da fome e da miséria, mas permaneciam ali, por acreditar na construção da sociedade socialista e do novo homem:

Na nossa inenarrável pobreza havia também um lado bom, que mais tarde nunca mais tivemos. Éramos igualmente famintos e pobres também nós educadores. Naquele tempo, não ganhávamos quase nada, nos satisfazíamos com o mesmo *condiór* e andávamos envoltos em quase idênticos farrapos. No decorrer de todo o inverno, eu andei de botas sem solas, com pedaço dos trapos que serviam de meias sempre pendurado para fora (MAKARENKO, 2012, p. 33).

Makarenko em *Poema Pedagógico* ressalta a importância de seus companheiros educadores para a formação da coletividade, destacando que só foram possíveis êxitos na educação dos jovens enviados à colônia pelo empenho e dedicação dos educadores com a causa socialista. A postura dos educadores inspirava respeito dos educandos. Desde os primórdios da formação da coletividade, Makarenko relata que o “trabalho dos nossos educadores, [era] tão desprezado e obviamente penoso, que de fato infundia respeito. Por isso os colonistas, com raras exceções, sempre estavam em boas relações com eles,

reconheciam a necessidade de trabalhar e de estudar na escola e compreendiam claramente que isso representava nossos interesses mútuos” (MAKARENKO, 2012, p. 63).

Um elemento essencial para a formação do coletivo de acordo com a proposta educacional de Makarenko era a importância de inculcar no grupo perspectivas. Para o pedagogo, ter perspectivas no futuro era essencial para manter o coletivo vivo, e, de maneira simplória, tais expectativas podem ser traduzidas como planos para o futuro da coletividade, que eram traçadas em longo, médio e curto prazos. O pedagogo exemplifica: “Pode-se começar com uma ida ao circo, ou pela limpeza da lagoa [...]” (MAKARENKO, 2012, p. 569). Como exemplo, observemos, no trecho a seguir, uma situação em que Makarenko mantém viva a perspectiva de futuro nos jovens, o excerto trata da mudança da colônia para uma área mais ampla, na qual seria possível, além de outras vantagens, ampliarem os trabalhos com a agricultura, o que significaria progresso para a colônia:

[...] no dormitório discutimos ruidosamente minúcias e detalhes da futura colônia. Antes de nos dispersarmos, Iekaterína Grigórievna disse:  
 -Sabem duma coisa, rapazes, isso não é bom – cair nesse tipo de sonhos impossíveis. Não é coisa de bolchevique.  
 Fez-se um silêncio constrangido no dormitório.  
 Cravei um olhar furibundo no rosto de Iekaterína Grigórievna, dei um murro na mesa e falei:  
 - Pois lhe digo: daqui um mês essa propriedade será nossa. Será isto coisa de bolchevique?  
 A rapaziada explodiu em gargalhadas e prorrompeu um “urras. Eu também e ri a própria Iekaterína Grigórievna.  
 Passei a noite redigindo um informe para o Comitê Executivo Provincial (MAKARENKO, 2012, p. 52).

Makarenko delimita em *Poema Pedagógico* a importância essencial da perspectiva futura para manter vivo o coletivo; para ele, o coletivo, após se constituir, não pode manter-se na inércia, realizando apenas atividades cotidianas, é necessário que, de tempos em tempos, todos se empenhem em uma grande atividade coletiva. Ele sistematiza esse elemento essencial ao coletivo ao escrever: “Fiquei contente como uma criança: que maravilha! Que bela e empolgante dialética! Um coletivo trabalhador livre não pode ficar parado no mesmo lugar. A lei universal do desenvolvimento geral só começa a mostrar suas verdadeiras forças. As formas de vida de um coletivo humano livre são o movimento para frente e a forma de morte é a parada” (MAKARENKO, 2012, p. 387).

A formação de um coletivo coeso não foi tarefa fácil para Makarenko e seu coletivo de educadores, a luta era diária, permeada de enfrentamentos internos e de acusações oriundas de fora. Foi difícil romper os velhos hábitos dos colonos, a exemplo, os pequenos roubos. Em certa ocasião, quando a situação de pauperismo já não era tão latente, dois colonos, que

aparentemente estavam integrados à coletividade, ainda permaneciam roubando as colheitas dos camponeses vizinhos. Diante dessa situação, após alertá-los, Makarenko tomou a decisão de expulsar os jovens da colônia, considerando que eles não se submeteram às regras que foram estabelecidas. Tal situação gerou desânimo e tristeza entre educandos e educadores:

Até mesmo Iekaterína Grigórievna traiu nosso otimismo, que antes fizera dela a minha principal colaboradora e amiga. Ela franzia o cenho em concentrada meditação e os resultados de sua mediação eram estranhos e para mim inesperados:

- Sabe duma coisa? E se de repente nós estamos cometendo um erro terrível: não existe coletivo algum, está entendendo, não há qualquer coletivo, mas nós ficamos aí falando de um coletivo, nós principalmente nos auto-hipnotizamos com o nosso próprio sono sobre um coletivo (MAKARENKO, 2012, p. 186).

A cada baixa na colônia, como a relatada anteriormente, e outras mais que permearam os anos de existência da instituição, era necessário reerguer-se, recuperar os objetivos e traçar novas perspectivas. Makarenko era um homem notavelmente persistente, em sua obra é evidente sua crença nos homens e na existência de um coletivo.

Quando a coletividade já se encontrava coesa, Makarenko avaliou que era possível avançar para um novo estágio. Dentre os colonos, existiam aqueles que eram mais experientes e integrados à vida coletiva e ocupavam ou já haviam ocupado papel de comandantes dos destacamentos de trabalho. Nessa nova etapa da coletividade esses(as) colonos(as), com Makarenko e o coletivo de educadores, tomariam as decisões mais importantes para a colônia e pouco a pouco esses educandos assumiriam o papel de gestores da instituição. Nesse novo estágio da coletividade, não era mais Makarenko que definia quem seriam os comandantes dos destacamentos, mas sim os próprios colonos por meios democráticos. Os colonos aprendiam a lidar com a interseção de funções, pois em alguns momentos assumiam o papel de comandante e em outras, de comandados. “Isto criava uma cadeia muito complexa de interdependências na colônia, e nesta cadeia um colunista individual não podia-se destacar do coletivo” (MAKARENKO, 2012, p. 209).

Os laços da coletividade iam tornando-se cada dia mais fortes e complexos, um dos fatores que contribuiu com isso foi a constituição de uma célula do *komsomol*<sup>24</sup>, que era um movimento da juventude comunista. Em um primeiro momento os jovens enfrentaram preconceitos, o fato de ex-delinquentes serem considerados parte integrante da juventude comunista não agradava a todos.

---

<sup>24</sup> União da Juventude Comunista Lenista (UJCL), conhecida popularmente na URSS como *Komsomol*.

Já a partir de 1922 nós batalhávamos pela organização na colônia de uma célula do Komsomol, mas as forças do Komsomol local levantavam-se frontalmente contra essa ideia: pois se a colônia é para delinquentes, que espécie de *komsomol* podem existir na colônia? Por mais que nós implorássemos, discutíssemos, brigássemos, recebíamos sempre a mesma resposta: o que vocês têm na colônia são delinquentes. Eles que saíam da colônia, que fique comprovado que eles estão recuperados, então se poderá falar da admissão no Komsomol de alguns de seus rapazes (MAKARENKO, 2012, p. 222).

Makarenko defendia a criação do *komsomol* na colônia, realizando uma importante alegação: “ Para nós é pouco “recuperar” uma pessoa, nós precisamos reeduca-la de uma nova maneira, isto é, educá-la para que se torne não somente um membro inofensivo e não perigoso da sociedade, mas para que se transforme num atividade atuante da nova era. E quem é, então, vai educa-lo, se ele anseia entrar no Komsomol, mas não o deixam ingressar lá, lembrando-lhe sempre não sei que velhos, e de certa forma até infantis, delitos?” (MAKARENKO, 2012, p. 223). Não se deixando abater com as críticas oriundas de quem se opunha à formação da célula do *komsomol*, Makarenko foi até as autoridades e garantiu o direito de os gorkianos pertencerem à juventude comunista soviética. A célula do *komsomol*, formada pelos jovens gorkianos, acrescentou importante valor simbólico para o coletivo, pois era mais um elo entre a colônia e a sociedade soviética.

A formação de um coletivo coeso e consciente garantiu a Makarenko despir-se da figura de ditador. Como relatamos anteriormente, o coletivo ganhava vida própria e os atos de coação tornaram-se desnecessários. Makarenko relata que nessa nova fase da instituição os próprios jovens desempenhavam a função de educadores do coletivo, educando por meio das relações pessoais; em relação aos novos jovens que eram encaminhados à colônia, o pedagogo afirma que eles “[...] se aglutinaram num grupo muito unido, e assumiram abertamente o comando da colônia, formando cada passo, para cada novo membro uma rija carapaça de vontade, à qual não se submeter era impossível” (MAKARENKO, 2012, p. 233). Essa narração de Makarenko demonstra que a educação do coletivo, desenvolvida na colônia Górkki, alcançou seu objetivo, o de formar homens novos, reeducados por meio de novos valores.

A formação do coletivo na instituição dirigida por Makarenko não foi obra do acaso, mas resultado de intenso trabalho pedagógico, desde o princípio ele tinha claros os objetivos de sua prática pedagógica, era consciente de qual homem queria formar e para qual sociedade, como podemos observar nas seguintes palavras do pedagogo:

A pedagogia, especialmente a teoria da educação, é antes de tudo uma ciência de utilidade prática. Não podemos dedicarmo-nos simplesmente a educar a pessoa, não temos o direito de realizar o trabalho de educação, sem planejar um fim político. O trabalho educativo que não está dotado de um fim claro, explanado, conhecido aos detalhes, será um trabalho de educação apolítica, o que nos confirmam as provas que a cada passo encontramos em nossa vida social soviética (MAKARENKO, 1977, p. 27)<sup>25</sup> (tradução da autora).

Os anos de estudo e a prática pedagógica, sobretudo na colônia Górkki, permitiram ao pedagogo compreender qual era a escola adequada para a formação do homem socialista. Ele afirma:

A educação soviética adequada deve ser organizada sobre a base de criar coletividades unificadas, fortes, influentes. A escola deve ser uma coletividade única, em que estão organizados todos os processos educativos e em que cada membro sinta sua dependência com ela, seja fiel aos interesses dela, defenda estes interesses e, os proteja” (MAKARENKO, 1977, p. 37)<sup>26</sup> (tradução da autora).

Quando formamos homens por meio do coletivo, vislumbramos a construção de uma sociedade sem classes e sem a existência do poder coercitivo do Estado. Luedemann nos apresenta elementos importantes para pensarmos esse processo de transição, no qual a escola da coletividade tem papel essencial:

A escola como coletividade era a organização social da nova geração preparada para dirigir o Estado durante a transição ao comunismo, em sua primeira fase. Nela o “direito burguês” não estava eliminado por completo, pois a propriedade *privada* dos meios de produção estava apenas transformada em propriedade *comum*, enquanto que persiste como regulador da distribuição dos produtos e da distribuição do trabalho entre os membros da sociedade, atribuindo igual quantidade de trabalho a igual quantidade de produtos, sob o princípio de “quem não trabalha não come”. Deste modo, o Estado se fazia necessário para manter a propriedade comum dos meios de produção, pela igualdade do trabalho e da distribuição dos produtos, mas sem uma direção de uma “maioria” de trabalhadores, segundo Lênin, seria impossível levar a sociedade para sua segunda fase, a sociedade sem classes e a extinção completa do Estado (LUEDEMANN, 1994, p. 225).

---

<sup>25</sup> *La pedagogia, especialmente la teoría de la educación, es ante todo una ciencia de utilidad práctica. No podemos dedicarnos a educar simplemente a la persona, no tenemos derecho a realizar un trabajo educador, sin platenarnos un determinado fin político. La labor educativa que no está dotada de un fin claro, explanado, conocido al detalle, será un trabajo de educación apolítica, lo que nos confirman las pruebas que a cada paso encontramos en nuestra vida social soviética* (MAKARENKO, 1977, p. 27).

<sup>26</sup> *La educación adecuada soviética debe ser organizada sobre a base de crear colectividades unificadas, fuertes, influentes. La escuela debe ser una colectividad única, en la que estén organizados todos los procesos educativos y en la que cada miembro sienta su dependencia de ella, sea fiel a los intereses de ésta, defienda esos intereses y, em primer término, los salvguarde* (MAKARENKO, 1977, p. 37).

Se no primeiro período da formação do coletivo gorkiano diversos dias foram marcados pelo confronto direto entre educandos e educadores, e entre os próprios educandos, a partir do momento em que a coletividade logrou seus primeiros êxitos, a beleza, interna e externa, passou a fazer parte do cotidiano da colônia. Makarenko delinea como se seguiam esses dias felizes no coletivo gorkiano, realizando analogias com elementos da natureza: “Os dias passavam, e eram agora dias felizes e maravilhosos. Nosso coletivo enfeitava-se, como flores, de trabalho e sorrisos, da nitidez dos nossos caminhos, da cálida palavra amiga. Do mesmo modo, como um arco-íris, pairavam sobre nós preocupações, e fincavam-se no firmamento os projetores do nosso sonho” (MAKARENKO, 2012, p. 636).

Quando Makarenko deixou a direção da colônia Górkki, fez isso convicto de que sua figura ali não era indispensável, pois o coletivo já estava formado, e dentro dele havia meninos e meninas que sabiam comandar e ser comandados, que compreendiam a importância da coletividade para a formação de uma sociedade socialista e eram militantes desses ideais. “O coletivo não só se recusava a morrer, ele não queria sequer pensar na morte. Ele vivia uma vida plena, rolava para frente sobre os trilhos lisos e precisos [...]” (MAKARENKO, 2012, p. 634). E, mostrando o que se formaria por meio de sua prática pedagógica, descreve: “Subitamente, eu vi na minha frente o modelo que até agora só enchia minha imaginação, que eu deduzia, lógica e artisticamente, de todos os eventos, de toda a filosofia da revolução, mas o que eu nunca vira e já perderá a esperança de ver algum dia” (MAKARENKO, 2012, p. 623).

Como mencionamos, é sobre a coletividade que se opera a educação preconizada por Makarenko.

Outra categoria que ganha especial valor na obra do pedagogo é a disciplina, sem a qual a coletividade, nos moldes socialistas, não se efetivaria. Acerca da disciplina trataremos com mais especificidade em nossa próxima unidade.

### 3.2.2 Disciplina

A disciplina rigorosa foi essencial para a efetivação da Revolução de Outubro de 1917, como afirma Lenine em “O esquerdismo, doença infantil do comunismo”:

Seguramente agora quase todos vêem que os bolcheviques não teriam se mantido no poder, não digo dois anos e meio, mas nem sequer dois meses e meio, sem a disciplina rigorosíssima, verdadeiramente férrea, no nosso partido, sem o apoio mais completo e abnegado a ele por toda a massa da classe operária, isto é, por tudo o que ela possui de consciente, honrado,

influyente, capaz de atrair as camadas atrasadas. [...] Mas como se mantém essa disciplina no partido revolucionário do proletariado? Primeiro, pela consciência da vanguarda proletária e pela sua dedicação à revolução, pela sua firmeza, pelo seu espírito de sacrifício, pelo seu heroísmo (LENINE, 1920, s/p).

A disciplina foi fundamental para a efetivação da revolução russa e para permanência dos bolcheviques no poder, bem como era um dos elementos principais da pedagogia Makarenkiana.

No dicionário Houaiss encontram-se como definição para o verbete disciplina os seguintes escritos: “Dis.ci.pli.na: 1. Obediência às regras e aos seus superiores. 2. Ordem, bom comportamento. 3. Método, regularidade” (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 253). O significado literal do termo relaciona-se fortemente ao que foi desenvolvido na colônia Górkí, mas, de acordo com Makarenko, no processo de formação do novo homem a disciplina deve elevar-se a novos estágios, deixando de ser a disciplina ditatorial e passando a ser consciente e em uma última etapa a autodisciplina. Nesse sentido o pedagogo afirma que

[...] do cidadão soviético exigimos uma disciplina muito mais ampla. Exigimos que não só compreenda por que e para que deve cumprir uma ordem, mas que sinta a necessidade e desejo de cumpri-la da melhor maneira possível. Exigimos dele, além disso, que esteja disposto a cumprir com o seu dever em cada minuto da sua vida sem esperar resoluções nem ordens, que possua iniciativa e vontade criadora (MAKARENKO, 1986, p. 37).

Em uma sociedade de classes como o feudalismo ou o capitalismo, os homens por vezes se relacionam por meio da coerção, geralmente marcada pela violência física e/ou ideológica, isso ocorre porque a sociedade de classes é caracterizada pelo individualismo; coagir o outro em busca de um objetivo próprio é comum nessa forma de organização social. “Todas as outras dimensões sociais (política, direito, ciência, educação, religião, etc.) serão, de alguma forma perpassadas por essa luta que se travará entre as classes” (TONET, 2012, p. 19).

Os homens, a exemplo da sociedade capitalista, submetem-se a outros homens, pois não possuem meios de produção e necessitam vender sua força de trabalho para garantir sua subsistência. Os possuidores dos meios de produção visam à mais-valia, e para isso os trabalhadores devem produzir sempre mais, sendo assim, essa relação entre homens é marcada pela subordinação e exploração. Relações essas, em sua maioria, desumanizadas. Tais relações não se produzem apenas entre exploradores e explorados, mas também no

interior das classes exploradoras e exploradas, é a máxima do individualismo, que se propaga por todos os meios sociais.

Na organização social socialista não deve existir mais o pensamento individualista, o que não significa dizer que cada pessoa não possuirá suas individualidades, a luta para a construção do socialismo passa por vencer o individualismo em prol do coletivo.

Quando a sociedade de classes for superada e no seu lugar se erguer hipoteticamente uma sociedade nos moldes comunistas, os meios de produção não pertencerão mais a um grupo de indivíduos, mas sim a todos os homens e mulheres. Nessa organização social, todos deverão trabalhar de acordo com suas capacidades para atender às necessidades do coletivo. Na sociedade comunista os indivíduos deverão aprender a se subordinar ao coletivo, bem como estar na condição de dirigentes, necessitarão aprender a dar ordens, recebê-las e cumpri-las para o bem do coletivo:

[...] qualidade puramente comunista, como a de saber subordinar-se ao camarada – não ao rico, não ao patrão, mas ao camarada- e a de saber dar ordens ao camarada. Somos camaradas, amigos, mas há momentos em que eu tenho o direito de dar ordens. Neste caso, eu devo saber ordenar e você deve saber obedecer, esquecendo que há um minuto éramos amigos. Esta qualidade do caráter só pode ser desenvolvida no nosso país, onde não há classes exploradoras, onde não há classes exploradas, onde não há o poder emanando da força econômica, da propriedade, da manipulação [...] (CAPRILES, 2007, p. 379).

Na tentativa soviética de transição para uma sociedade sem classes, a disciplina ganhou especial valor; os homens deveriam se submeter a uma disciplina severa, em que as necessidades do coletivo viessem antes de seus anseios pessoais, era necessário trabalhar disciplinadamente para a efetivação da nova sociedade.

Disciplina, em nossa análise, tem relação inerente com a exigência; exigência na proposta pedagógica de Makarenko relaciona-se com a crença nas potencialidades humanas; o pedagogo possuía uma postura, que, se analisada superficialmente e desconexa de seu contexto histórico, pode-se associar ao autoritarismo, mas compreendemos que sua postura é coerente com sua propositura de formação humana, pois, ao exigir a disciplina de seus educandos, estaria formando dirigentes, na perspectiva de que eles seriam personagens ativos na construção de uma nova organização social. Afirmamos que em Makarenko a disciplina rompe com a barreira do autoritarismo e pode ser compreendida como uma disciplina consciente e dirigida, tal consciência é resultante da vida social e das necessidades do coletivo, passando a ser uma das características essenciais para a inserção do indivíduo no

coletivo. Corroborando tal afirmativa, valemo-nos das palavras de Makarenko que afirma: “A simples obediência não é sinal de uma boa disciplina e não pode nos satisfazer, assim como a obediência cega que se exige habitualmente na velha escola” (MAKARENKO, 2012, p. 63).

Na colônia Górkí, a disciplina era palavra de ordem. Makarenko desenvolveu suas práticas pedagógicas no intuito de tornar o coletivo disciplinado; ele afirma que a disciplina não é um efeito de certas medidas “disciplinares”, mas de todo o sistema de educação, de todas as circunstâncias da vida, de todas as influências a que estão submetidas as crianças. Nesse sentido, a “disciplina não é a causa, não é o método, não é o meio de uma boa educação, mas o seu resultado” (MAKARENKO, 1977).

Se a coletividade era a principal tônica da proposta pedagógica desenvolvida por Makarenko, a constituição da mesma só foi possível pela categoria disciplina, primeiramente promovida por ele, na figura de diretor da colônia, e após em um estágio mais avançado a autodisciplina, exercida por cada membro do coletivo da colônia Górkí para com outros e sob si mesmo.

Em princípio não foi fácil obter a disciplina dos colonos; para tanto, Makarenko lançou mão de meios considerados, por alguns, autoritários. “E decidi firmemente que seria um ditador, se não conseguisse dominar outro método” (MAKARENKO, 2012, p. 25). Tal postura podemos observar no trecho que se segue:

Algum tempo depois tive um choque sério com Vólokhov que, estando de plantão, não arrumou o dormitório e se recusou a arrumá-lo depois da minha advertência. Olhei para ele com ar zangado e disse:

- Não me faça perder a paciência. Arrume, senão...

- Senão, o que! Vai fazer o que, me quebrar a cara? O senhor não tem direito! Peguei-o pelo colarinho, puxei para mim e sibilei-lhe na cara com toda a sinceridade:

- Escute! É meu último aviso: não vou te quebrar a cara, vou mas é te aleijar! Pode fazer queixa de mim depois, vou para a cadeia e não é de sua conta!

Vólokhov libertou-se das minhas mãos e disse, em lágrimas:

- Por causa de uma bobagem dessas não é o caso de ir para a cadeia. Vou arrumar, com que diabos!

Trovejei com ele:

- Como é que você fala comigo, hem?

- E como quer que eu fale com o senhor? Ora vá para o...

- Como é? Vamos, xingue-me!

Ele caiu na risada e fez um gesto de mão.

- Está bem, homem, tudo bem... Vou arrumar, vou arrumar, não grite (MAKARENKO, 2012, p. 26).

Se por um período Makarenko se valeu dos castigo para disciplinar o coletivo, encontramos em sua obra a percepção de que não são as punições que tornam o homem

disciplinado, mas sim todo o conjunto dos atos educativos, como encontramos nas palavras do pedagogo: “ a disciplina não se cria com algumas medidas disciplinares, mas com toda a vida, com a soma das influências que atuam sobre a criança” (MAKARENKO, 1981, s/p). Por isso para Makarenko aplicar castigos não era doloroso apenas para quem o recebia, mas também para o aplicador, pois infrações refletiam rupturas no coletivo.

Acerca das punições e castigos estabelecidos por Makarenko como medidas disciplinares, muitos educadores soviéticos o atacavam, afirmando que essa não era a educação adequada para se educar o novo homem socialista. Afirmavam que “a punição educa escravos, que era preciso dar liberdade a criatividade infantil, confiando o máximo na organização e na autodisciplina da criança (MAKARENKO, 2012, p. 132). Frente a tais pontos de vista, apoiado em seus estudos marxistas, mas sobretudo em sua prática cotidiana, o pedagogo permanecia firme na concepção de que, enquanto a coletividade não estava formada, as medidas de autoridade eram necessárias, pois, para ele, era ingênuo acreditar que as características do homem socialista surgiriam naturalmente aos indivíduos, sem a necessidade de um guia para esse processo. Ele externa sua posição no seguinte trecho: “Eu me permiti externar a minha profunda convicção de que, enquanto não estiverem criados o coletivo e os órgãos do coletivo, enquanto não existirem tradições e não forem criados hábitos elementares de trabalho e vida, o educador tem o direito, e não deve renunciar a ele, de usar a força e de obrigar” (MAKARENKO, 2012, p. 132).

No diálogo a seguir podemos verificar a importância da disciplina para a organização da colônia, no início foi necessário que Makarenko estipulasse regras que deveriam ser cumpridas:

- O dormitório tem de estar limpo! Vocês precisam ter monitores de plantão no dormitório. E quanto a ir para a cidade, só com minha licença. Quem sair sem ordem minha, não precisa voltar – não o receberei.

- Epa! – disse Vólokhov – Quem sabe dá para ser menos severo?

- Escolha, rapazes, o que é mais importante para vocês. Não pode ser de outro jeito. Deve existir disciplina na colônia. Se não lhes agrada, podem dispersar-se, cada um que vá para onde quiser. Mas quem continuar vivendo na colônia, terá de manter a disciplina. Como quiserem. Nada de “covil” aqui.

Zadórov estendeu-me a mão:

- Toque aqui. Tem razão! Você, Vólokhov, cale a boca. Nessas coisas você ainda é bobo. Temos de cumprir nosso tempo aqui, de qualquer jeito. Ou quer ir para a prisão preventiva?

- Mas como, vamos ser obrigados a ir para escola também?

-Positivamente.

-E se eu não quiser estudar? Pra que preciso disso?

-A escola é indispensável, obrigatória. Quer você queira, quer não, tanto faz. Está vendo, o Zadórov acaba de dizer que você é bobo. Precisa estudar, ficar esperto.

Vólokhov sacudiu a cabeça, brincalhão, e disse, repedindo as palavras de uma piada ucraniana:

-Quem dançou, dançou mesmo! ( MAKARENKO, 2012, p. 25).

A disciplina exercida por Makarenko com os comuneiros de Górkí era pautada no respeito ao indivíduo, mas, sobretudo ao coletivo. “Por isso, a disciplina defendida por Makarenko não era a disciplina da negação, mas da exigência para a afirmação de um novo caráter, de uma ação criativa” (LUEDEMANN, 1994, p. 230).

Radice apresenta elementos essenciais para compreendermos a importância da disciplina para a constituição da coletividade. Ele afirma que

Na colônia de Makarenko, a disciplina surge da necessidade vital de desenvolvimento da coletividade, do objetivo a que esta se propõe, objetivo que se torna próprio de cada membro, dia a dia, porque, dia a dia, compreende que seu futuro está intimamente ligado ao desenvolvimento da coletividade. É uma disciplina democrática, que também se torna enérgica, e não exclui nem a crítica nem os castigos (RADICE, 1951, s/p).

Em *Poema Pedagógico*, Makarenko pontua que a disciplina “ditatorial” só era necessária no período em que os educandos ainda não compreendiam sua importância. Quando o coletivo já se encontrava coeso e possuía consciência da importância da disciplina, os castigos e críticas oriundas da figura do diretor não eram mais necessários. Nesse sentido, Radice afirma que “[...] vemos que os castigos mais duros para o castigado e pedagogicamente mais eficazes são os decretados pelo próprio coletivo de colonos, reunidos em assembléias gerais, quando o coletivo em seu conjunto já é sólido e consciente e sua ‘opinião pública’ se tornou uma tradição. Trata-se de uma disciplina democrática que significa capacidade de obedecer e de dirigir, de ser organizado e organizador” (RADICE, 1951, s/p).

Os castigos definidos pela própria coletividade apresentavam um grau de legitimidade maior do que aqueles que eram atribuídos por Makarenko, na função de liderança. Quando a coletividade designava uma punição a algum membro, significava que a ação daquele membro prejudicava todo o grupo, e cabia ao coletivo decidir de que forma ele se redimiria de sua ação contra a organização coletiva.

Em certa ocasião um dos jovens da colônia realizou um furto de bens pertencentes a outro colono; o ocorrido gerou grande decepção do grupo em relação ao colega que cometeu o

delito, sobretudo pelo fato de ele aparentemente estar integrado ao grupo. Após muito discutir, o grupo chegou a uma conclusão e designou a pena ao jovem: ele não seria considerado membro da instituição durante um mês, ninguém deveria ter qualquer aproximação com ele, apenas seu comandante do destacamento de trabalho dirigiria a palavra ao jovem, e apenas para tratar de questões laborais, ele também comeria e dormiria sozinho. Em princípio o jovem se vangloriou da pena, nos primeiros dias andava pela colônia como um vitorioso, mas poucos dias depois a pose de vitória se esvaeceu, os colonistas continuaram suas vidas normalmente, mas, para o jovem que sofria a pena, os dias de solidão começaram a passar de forma vagarosa. “Ele começou a olhar longamente para a rapaziada, a ficar pensativo e a sonhar com alguma coisa. Todos perceberam uma incrível mudança no seu relacionamento com o trabalho” (MAKARENKO, 2012, p. 617). Aos poucos a mudança no comportamento do jovem passou a ser visível a todos, ele passou a ser pontual e dedicado ao trabalho e aos estudos. Quando o jovem já havia cumprido grande parte da pena, os demais colonos em assembleia geral resolveram absolvê-lo, considerando os avanços observados. Makarenko narra em *Poema Pedagógico* o momento de absolvição do jovem e a importância da medida para sua transformação verdadeira, pois o jovem por meio da pena compreendeu a gravidade de sua ação para a existência do coletivo.

- Pois então parece que é unânime. Árkádi, onde é que estás, ali? Parabéns estás livre!  
 Újikov saiu para a cena, olhou para a assembléia, abriu a boca – e... Chorou...  
 Emoção no salão. Alguém gritou:  
 - Ele vai dizer amanhã...  
 Mas Újikov passou a manga da camisa pelos olhos e, fitando-o, eu percebi que ele sofria. Arkádi falou, finalmente:  
 - Obrigado, rapazes... E meninas... E Natácha... Eu... Aquele... Eu compreendo tudo, vocês não pensem... Por favor...  
 - Esqueça – Disse Lápot, severo.  
 Újikov concordou com a cabeça, submisso. Lapót encerrou a reunião e a rapaziada precipitou-se para Újikov, na cena. Suas simpatias de hoje foram pagas em ouro. Eu dei um suspiro de alívio, como um médico após uma trepanação de crânio, aquele era um menino transformado (MAKARENKO, 2012, p. 619).

Em Makarenko, é impossível tratar de disciplina, sem relacioná-la à coletividade, pois na pedagogia Makarenkiana, uma é requisito para a existência da outra, a disciplina consciente só é possível em um coletivo coeso.

Isso denota que, para Makarenko, a disciplina não plaina no ar, como alguma coisa fora da realidade social que descreve a personalidade em formação da criança e do

adolescente, mas está presente em cada lugar social no qual esses jovens estão introduzidos, da família à escola, passando pelo trabalho. Para Makarenko, a disciplina era uma postura de vida para o homem soviético; na colônia Górkí ele afirma que “[...] a disciplina caminhava sobre patas severas e macias e colocava cautelosamente, pela mãozinha, nos seus devidos lugares os ocasionais infratores” (MAKARENKO, 2012, p. 327).

Makarenko incluiu elementos de disciplina militar no processo de educação dos jovens, e Luedemann narra essa inserção e seus desdobramentos na vida coletiva dos gorkianos:

Era preciso contar os laços primitivos dos garotos com a expressão do banditismo, da revolta cega, das lideranças sem compromisso com o coletivo. E por isso ficou ainda mais clara a idéia de aproximar os educandos da imagem de uma milícia revolucionária. Os educandos entusiasmaram-se com a admissão de fileiras do Departamento Geral da Instrução Militar, passando uma borracha no passado de ex-marginais. Com exercícios militares, os garotos e garotas haviam conquistado uma postura mais esbelta, elegante, firme, com a cabeça erguida, com as mãos ao longo do corpo (LUEDEMANN, 2002, p. 156).

Em *Poema Pedagógico*, é possível encontrar narrativas nas quais Makarenko faz referência aos desdobramentos da disciplina militar implantada no processo de reeducação dos jovens. No relato que se segue, os jovens colonistas exibem à comunidade a elegância da organização militar, apesar das pobres vestes, dos tempos de pobreza que permearam os dias da colônia. Ele expõe:

Por fora todos os colonistas, com raras exceções, eram igualmente apumados e ostentavam um garbo militar. Nós já tínhamos uma esplêndida formação em colunas, adornadas à frente por quatro corneteiros e oito tambores. Tínhamos também um estandarte, maravilhoso, de seda, bordado também com seda – presente do Comissariado do Povo para a Educação Pública da Ucrânia, no dia do nosso terceiro aniversário. Nos dias de festas proletárias, a colônia entrava na cidade com o estrépito dos seus tambores com sua severa harmonia, disciplina férrea e garbo elegante e original [...] a pobreza de nossa indumentária, nós a vencíamos facilmente graças à nossa inventividade e audácia (MAKARENKO, 2012, p. 239).

Em outro excerto do livro *Poema Pedagógico* Antón apresenta mais uma demonstração da ordem inserida no coletivo por meio da disciplina militar. Ele narra:

[...] era a hora da ginástica, Piótr Ivánovitch Goróvitch, de acordo com as regras de ordem-unida da colônia, deu a voz de comando:  
- Camaradas colonistas, sentido! Continência!

- Quatrocentas mãos ergueram-se num só movimento e se imobilizaram sobre as fileiras e os rostos sérios voltados para nós (MAKARENKO, 2012, p. 581).

Ao inserir a disciplina militar no dia a dia dos jovens, Makarenko intencionou facilitar a realização das atividades na colônia, pois tal como em um Exército os jovens deveriam atender com prontidão às ordens recebidas. A figura do Exército era importante para Makarenko, pois era contrária à imagem que os jovens tinham de si mesmos, que era a de contraventores da lei; o soldado, ao contrário, atuava na legalidade e em prol de um objetivo comum a todos. “Foi aí que junto com os exercícios militares, os educandos passaram a responder com respeito às perguntas e às ordens dadas, bem como uso da corneta para avisar a hora de acordar, de estudar, de trabalhar, de descansar e de recolher” (LUEDEMANN, 2002, p. 157). A disciplina militar trouxe ordem as atividades cotidianas da instituição. Além de educar a mente, contribuiu para disciplinar o corpo dos gorkianos, que passaram a ter nova postura, como narrado em *Poema Pedagógico*: “ O aspecto do colonista modificou-se inteiramente: ele ficou mais esbelto e magro, conseguia manter-se de pé tranquila e livremente, sem apoios. [...] e o andar dos rapazes ficou mas firme e elástico, e sua cabeça matinha-se aprumada, e eles esqueceram o costume de andar com as mãos metidas nos bolsos” (MAKARENKO, 2012, p. 188). Tais mudanças foram muito importantes para Makarenko, pois os jovens possuíam a função de comandantes, de homens soviéticos, era necessário ter uma nova postura, refletir no corpo o novo modo de vida.

A disciplina militar era uma aliada de Makarenko para educar o coletivo, mas, além disso, os jovens deveriam compreender a importância da disciplina na possibilidade de uma sociedade socialista. Em princípio era Makarenko e os outros educadores que estabeleciam as regras, mas, com o avanço da vida coletiva, a figura de um disciplinador não era mais necessária, e os próprios jovens eram capazes de seguir as regras, sem a necessidade de alguém que os cobrasse, e esse novo estágio passou pela compreensão dos princípios do socialismo. O pedagogo assegura que “ A disciplina deixou de ser uma preocupação minha. Elas se tornaram uma tradição do coletivo, na qual ele já se orienta melhor que eu [...]” (MAKARENKO, 2012, p. 622). A disciplina deixou de ser uma exigência e passou a ser uma característica dos jovens que ali moravam, aos educadores não era mais necessário apresentar suas exigências aos educandos e nem aplicar castigos. Os jovens passaram a ser conscientes de suas funções e das necessidades do coletivo, e, nesse cenário, ganhou espaço a autodisciplina. Makarenko apresenta seu entendimento acerca dessa temática:

Havia também conversas sobre a disciplina. A base da teoria nesta questão eram duas palavras, freqüentemente encontradas em Lênin: “Disciplina consciente”. Para qualquer pessoa de bom senso essas palavras encerram um pensamento simples, compreensível e praticamente indispensável: a disciplina deve ser acompanhada pela compreensão da sua necessidade indispensável, obrigatoriedade, utilidade, sua significação de classe. Na teoria pedagógica isso resultava diferente: a disciplina deve emergir, não da experiência social, não da ação prática, coletiva, de camaradagem, mas da consciência pura, da pura convicção intelectual, da emanção da alma, das idéias. Depois, os teóricos avançaram mais e decidiram que a “disciplina consciente” não vale nada, se ela surgiu em conseqüência da influência dos mais velhos. Isto já não seria uma disciplina verdadeiramente consciente, mas simples treino e, em última análise, uma violação dos vapores da alma. O que se faz necessário não é a disciplina consciente, mas a “autodisciplina”. E igualmente desnecessário e perigoso é qualquer tipo de organização das crianças - o que é necessário é a “auto-organização” (MAKARENKO, 1986, p. 167).

Para Makarenko a disciplina deveria vir atrelada à consciência; se no princípio ele lançou de meios coercitivos para que os jovens obedecessem, para avançar era necessário superar esse estágio, era necessário alcançar uma disciplina consciente, ou seja, a compreensão do que é a disciplina e de qual sua importância para alcançar o objetivo da efetivação de uma sociedade socialista. Afirmamos que a disciplina preconizada por Makarenko é a da exigência e não da subserviência; os jovens não obedeciam a Makarenko ou aos comandantes dos destacamentos pela coerção, mas sim por terem consciência da importância desse comportamento para o coletivo. Aos poucos a figura do comandante foi se tornando desnecessária; os jovens desenvolveram o autodomínio, a autodisciplina; não era necessário mais ordenar, ou aplicar castigos, eles já haviam internalizado a importância da disciplina para o coletivo gorkiano.

Nesse sentido para Makarenko, a disciplina não deve ser algo apenas exterior ao homem, relacionado apenas a cumprir ordens e seguir regras; a disciplina não deve ser apenas uma exigência de quem ocupa um cargo de coordenação do coletivo, mas sim uma prática consciente de todos os envolvidos no processo educativo, pois a disciplina é uma das condições basilares para a construção de uma sociedade mais igualitária. Nas palavras de Makarenko, a disciplina “deve ser acompanhada de compreensão de sua necessidade, da sua utilidade, da sua obrigação, do seu significado de classe”(MAKARENKO, 2012, p. 249). A disciplina para os jovens gorkianos foi essencial para que eles se compreendessem como construtores da nova sociedade.

Para o bom andamento do processo educativo é necessário estabelecer regras, seguir normas de conduta, sobretudo na percepção makarenkiana, que defende que o processo de

formação humana não é natural e nem ocorre por acaso, não deve esperar que a disciplina surja espontaneamente, é necessário exigí-la do aluno e dar-lhe exemplos de como proceder.

Acerca do processo educativo preconizado pela disciplina, Makarenko narra elementos essenciais que demonstram que na colônia Góki ser disciplinado deixou de ser uma exigência, e passou a ser uma característica do educandos: “Na colônia desaparecerá qualquer severidade ou seriedade desnecessária. Quando foi que tudo isso mudou e se ajeitou, ninguém teve tempo de reparar. Como antes, soavam em volta risos e pilhérias, como antes, todos eram inesgotáveis em humor e energia, só que agora tudo isso estava embelezado pela total ausência de qualquer desordem ou movimento incongruente ou displicente” (MAKARENKO, 2012, p. 192).

Apesar dos resultados narrados por Makarenko no processo de reeducação dos jovens, sua prática pedagógica foi considerada não soviética, sobretudo, por ser contrária à corrente pedagógica que ganhava adeptos na Rússia, a Escola Nova, que defendia a liberdade nas relações pedagógicas, a adoção dos princípios da mencionada teoria no processo de educação soviética. Para Makarenko, Seria um contrassenso e uma incompreensão do marxismo, apoiar a educação do novo homem nos princípios da escola nova (MAKARENKO, 2012). Ao contrário, para Makarenko, a liberdade só pode ser obtida quando o indivíduo alcança um nível de inserção ao coletivo e a suas convicções, até esse momento é necessário dirigir as ações dos educandos. Nesse contexto a disciplina “severa”, no sentido de rígida e rigorosa, é indispensável para se atingir os objetivos da educação e da sociedade socialista. Makarenko relembra as palavras de Lenin, defensor da disciplina rigorosa no processo de formação do verdadeiro homem soviético: “ A iniciativa deve consistir em recuar em ordem e manter uma disciplina severa”, no XI Congresso do Partido Comunista Russo, de 27 de março de 1922 (MAKARENKO, 2012, p. 634).

Como afirmou Makarenko, a disciplina é um dos resultados da educação do novo homem e não seu método; ele descobriu de forma empírica que o homem não se torna disciplinado de forma natural, é preciso formar nele essa característica, e só por meio dela que o indivíduo terá a capacidade de desempenhar as funções de comandante e a de comandado, e será possível que ele desenvolva a iniciativa de trabalhar em prol do coletivo, como o pedagogo defende:

Na sua opinião, por exemplo, a iniciativa é um espécie de intuição, ela provém não se sabe de onde, da mais pura e oca ociosidade. Eu lhe explico pela terceira vez que a iniciativa só virá quando houver uma tarefa e a responsabilidade pelo tempo perdido quando existe a exigência do coletivo. E o senhor continha a não me entendendo e insistindo em sei que iniciativa castrada e isenta do trabalho. Na sua opinião, para ter iniciativa basta olhar para o próprio umbigo (MAKARENKO, 2012, p. 634).

A disciplina é elemento basilar da pedagogia de Makarenko e isso se justifica ao considerarmos a importância de tal característica para a efetivação da sociedade socialista. Para ele só se conquista a disciplina consciente por meio de um trabalho empenhado e coletivo, que compreenda cada indivíduo como capaz e essencial para a sociedade: “[...] cada aluno deve, sobretudo estar convencido, de que a disciplina é a forma melhor de conseguir o fim visado pela coletividade” (MAKARENKO, 2012, p. 567). Em Makarenko, encontramos a concepção de que formar o homem disciplinado é formar um homem feliz, consciente de sua importância para a coletividade.

Em Makarenko a disciplina tem total interdependência com as demais categorias; é sua inserção no coletivo que é capaz de organizar o processo educativo de forma eficiente.

A seguir trataremos de outra categoria primordial na pedagogia makarenkiana, o trabalho. O coletivo gorkiano, organizado por meio do trabalho, possuía uma atividade essencial, o trabalho produtivo, que não era desenvolvido de forma mecânica. O ato de trabalhar na organização da colônia Górkki era educativo, pois, por meio de suas relações cotidianas, educava os jovens para um novo organismo social, como mencionamos demonstrar a seguir.

### 3.2.3 Trabalho

Iniciamos este item de nossa dissertação com as palavras de Górkki acerca do trabalho: “As coisas mais belas deste mundo são as coisas criadas pelo trabalho, feitas por habilidosas mãos humanas, e todos os nossos pensamentos, todas as nossas idéias, nascem do processo do trabalho, como o demonstra toda a história das artes, a ciência e a tecnologia”(GÓRKKI, 2000, p. 39-40).

Para compreendermos com mais propriedade a concepção de Makarenko sobre o trabalho, apresentamos, inicialmente, um conceito de trabalho. Tckeskiss apresenta a seguinte definição para a categoria trabalho:

Para existir, deve o homem desempenhar uma certa atividade em relação á natureza exterior. Ele deve adaptar-se á natureza para poder viver e não ser por ela aniquilado. E essa adaptação se realiza graças á atividade do homem. Mas só na adaptação não poderemos encontrar o conteúdo, o característico da vida social humana. Uma adaptação á natureza encontramos também nos seres inferiores. Na simples adaptação há, portanto, pouco de humano, menos ainda de social. Que é então o que distingue a adaptação humana á

natureza? Em primeiro lugar a forma social. Essa adaptação se realiza não em forma individual; o homem se adapta á natureza, socialmente. Duas formas de atividade humana estão ligadas á sua adaptação à natureza: 1º, uma atividade que serve diretamente à satisfação das necessidades de sua existência (nutrição, reprodução). Para satisfazer suas necessidades desta natureza precisa o homem exercer certa atividade (por exemplo, comer, beber, respirar, manter relações sexuais, etc.), mas essas atividades são provocadas diretamente pelas próprias necessidades de momento. 2º, há uma outra atividade que serve indiretamente á satisfação das necessidades (cozinhar para comer, puxar água para beber, colher frutas para comer, etc.). A atividade do homem na primeira forma, serve-lhe para satisfazer diretamente suas necessidades, só pode ser útil ao individuo que exerce essa atividade (não se pode comer por outros). A atividade da segunda forma (satisfazer indiretamente suas necessidades) pode ser também útil a outros (pode-se colher frutas para outros, pode-se trazer água não só para si, como também para que outros bebam). Essa atividade do homem, que serve diretamente a satisfazer suas necessidades, tem uma característica especial, que consiste na possibilidade de se tornar social. A essa atividade, em geral, denominamos: trabalho (TCKESKISS, 1934, p. 37-38).

Já dedicamos algumas linhas de nosso texto, em sua introdução, para tratar da importância da categoria trabalho no processo de humanização do homem. Reafirmamos que é por meio do trabalho que a espécie homem se tornou ser social; o trabalho é a categoria fundante da humanização, porém esse processo não se esgota nele, outras categorias também promovem a humanização. Nesta parte da dissertação, falaremos do trabalho sobre outra perspectiva, referimo-nos ao trabalho produtivo, que ganha diferentes moldes de acordo com a organização social na qual está inserido.

A forma de organização do trabalho é o principal elemento de qualquer estrutura social. No capitalismo, a forma de organização do trabalho é o assalariado, de compra e venda de força de trabalho. Essa forma de trabalho é marcada pela exploração entre homens, na qual uma minoria não trabalha e obtém lucro graças ao trabalho desumanizado da maior parte da população. “Ao comprar a força de trabalho, por sua própria natureza, gera necessariamente e sempre desigualdade social” (TONET, 2012, p. 21). Sendo assim, a desigualdade não é apenas uma característica do capital, é a sua própria essência, dada a forma como a produção está organizada. O capitalismo é alicerçado também na contradição, ao mesmo tempo em que produz riquezas que saciariam as necessidades de toda a humanidade, impede que quem as produz tenha acesso a elas, em prol de uma minoria; ao mesmo tempo em que avança cultural e cientificamente, forma indivíduos alienados.

O capitalismo já demonstra sua crise estrutural há décadas. “Sua tendência mais profunda, daqui para diante, será no sentido de agravamento das desigualdades, dos

problemas, das contradições, podendo chegar a por em perigo a sobrevivência da própria humanidade” (TONET, 2012, p. 23). Esse sistema social e de produção, em vias de colapso, demonstra que já é possível sua superação ou a humanidade caminhará para a barbárie. Ao contrário do cenário histórico da revolução russa, atualmente as condições estão dadas, mas o capitalismo tem-se mostrado tão eficiente ideologicamente, que poucos são os que ainda sonham com sua derrocada. A classe dominante tem-se mostrado eficaz em convencer homens e mulheres de que o capitalismo é a única organização social possível, como se esse fosse o fim da história, porém sabemos que a história é movimento e é feita pelos homens e é completamente possível almejar a queda do capitalismo.

No socialismo a organização do trabalho superaria as relações humanas existentes do capitalismo. Tonet (2012) nos explica que o socialismo não existe e nunca existiu, e não há como prever o futuro e afirmar com exatidão como será o socialismo e se de fato ele acontecerá, porém, a história da humanidade tem uma linha de continuidade, com isso é possível idealizar quais serão as linhas gerais do socialismo; tais linhas são extraídas do processo histórico e indicam que o socialismo será uma organização social que superará o capitalismo. Para que de fato haja essa transição, a forma de trabalho obrigatoriamente deverá ser alterada, pois ele

[...] será sempre a base a partir da qual se constrói a totalidade da realidade social. É o trabalho, em seus elementos essenciais, é um composto de teleologia (finalidade consciente) e causalidade (a natureza, com suas leis próprias). A articulação entre estes dois elementos, através da atividade prática, é que dá origem a uma realidade não mais natural, mas social. É pelo trabalho que os homens transformam a natureza, adequando-a às suas finalidades e é a partir dele que, ao mesmo tempo, se constroem a si mesmos como seres humanos. Disto decorre que tudo o que os homens são, inclusive sua natureza mais essencial, é resultado da atividade dos próprios homens (TONET, 2012, p. 16).

No socialismo, a forma de organização do trabalho não mais seria o assalariado, mas sim o associado. Tonet explica com riqueza de detalhes em seu livro “Sobre o socialismo”, em que se consiste o trabalho associado:

O trabalho associado é uma forma de trabalho em que os indivíduos põem em comum as suas forças e o resultado deste esforço coletivo é distribuído para todos, de acordo com as necessidades de cada um. Para além de qualquer outra marca, esta forma de trabalho tem como característica essencial o controle livre, consciente e coletivo dos produtores sobre o processo de produção. Deste modo, são os homens que regem o processo de produção e não os produtos, transformados em mercadoria pela compra e

venda da força de trabalho, que dominam a vida humana. É evidente que esta forma de trabalho é muito mais humana e digna porque neste caso são os próprios homens que decidem como, o que e de que forma será realizada a produção. Sob esta forma, então, o trabalho terá adquirido a sua forma mais digna, humana e livre possível. E é por isso mesmo que ele poderá ser a base de uma forma de sociabilidade onde os homens poderão ser não apenas formalmente, mas realmente livres e iguais (TONET, 2012, p. 25).

Não é possível prever como e se os processos de derrocada do capitalismo e ascensão do socialismo ocorrerão; na URSS a humanidade assistiu a uma tentativa de transição, que não se efetivou, pois as condições objetivas não eram as ideais. Porém analisar a tentativa russa de transformação social é um exercício riquíssimo para aqueles que almejam a superação do capitalismo e a efetivação do socialismo.

Makarenko tinha claro em suas concepções teóricas e práticas que a mudança da sociedade deveria passar obrigatoriamente pelo trabalho, nesse sentido em sua proposta de educação para o homem socialista, o trabalho possuía valor central. O desenvolvimento pedagógico para ele deveria ser embasado no trabalho como meio educativo, socializador e emancipador; o homem necessitaria produzir sua vida material pelo trabalho, posto que “o trabalho não tem apenas importância social e produtiva, tem grande importância também na vida individual” (MAKARENKO, 1956, p. 79).

Na colônia Górkki, Antón organizou a vida dos educandos de forma que trabalho fosse um dos elementos principais. Os jovens deveriam realizar o trabalho de forma consciente, por isso a importância de aliá-lo à instrução. Foi por meio do trabalho que o coletivo foi formado, e foi o trabalho que trouxe aos jovens os valores de disciplina; tal como na organização social geral, o trabalho, na educação do jovem socialista, proposta por Makarenko, também é elemento principal. No trecho a seguir, Makarenko expressa o sentido do trabalho criador no socialismo e, ao mesmo tempo, traz um discurso permeado de emulação, ao dizer que

O trabalho criador só é possível quando o homem trabalha com amor, quando o homem sente real prazer em seu trabalho e compreende a utilidade e a necessidade desse trabalho, quando este se torna para ele uma forma fundamental de expressão de sua personalidade e de seu talento. Somente quando se formou profundo hábito de esforço de trabalho é possível esta atitude relativamente ao trabalho; nesse caso, nenhuma tarefa se torna difícil quando possui um sentido (MAKARENKO, 1956, p. 78).

Na colônia Górkki, como é possível observar no livro *Poema Pedagógico*, Makarenko reservou um espaço privilegiado ao trabalho, relacionado ao estudo das bases das ciências e formação política e moral. Em Makarenko, encontramos a compreensão de que o trabalho

desenvolvido na colônia Górkí só ganha sentido aliado à instrução, ou seja, não é o mero realizar tarefas, mas passa pela compreensão teórica e prática da importância do trabalho para a constituição da sociedade socialista. Ele afirma:

Da mesma forma, se o trabalho não for acompanhada de ensino, se não está ligado à educação política e social, não vai beneficiar a educação, será um processo neutro. Nós podemos obrigar o homem a trabalhar, mas se você não o educa simultaneamente política e moralmente, se ele não participa da vida social e política, este trabalho será neutro, simplesmente não gera resultados positivos. Como meio educativo o trabalho é possível fazendo parte do sistema geral (MAKARENKO, 1977, p. 19).<sup>27</sup>

A instrução era elemento essencial para o progresso nos meios de trabalho. Após o período de alfabetização, nas estantes da biblioteca da colônia, entre os grandes clássicos da literatura, encontravam-se livros especializados em agricultura e em outras formas de trabalho (MAKARENKO, 2012).

Se em sua origem etimológica o termo trabalho tem sua origem no vocábulo latino TRIPALIUM: denominação de um instrumento de tortura formado por três (tri) paus (paliu), desse modo, originalmente, “trabalhar” significa ser torturado no tripaliu. Para Makarenko, o trabalho como um dos elementos da educação do novo homem socialista é motivo de alegria na vida dos indivíduos, pois não está mais baseado na exploração, é o meio de produção da vida e de construção de uma nova organização social. Em um diálogo com uma das jovens da colônia Górkí, o pedagogo demonstra que o trabalho também é fonte da felicidade humana:

- Tu sofres – dizia-lhe eu – porque és muito ávida. Necessitas de alegrias, divertimentos, prazeres, consolos. Pensas que a vida é uma festa gratuita. A pessoa chega na festa, todos a recebem, a servem, dançam com ela, tudo para o seu prazer e satisfação?
- E para sua opinião, a pessoa deve sempre viver em tormentos?
- Eu acho que a vida não é uma festa permanente. As festas acontecem de vez em quando, o que existe mais é o trabalho, o ser humano tem toda a sorte de preocupações, responsabilidades, assim vivem todos os que trabalham. E numa vida assim há mais alegria e sentido do que na tua festa. Antigamente sim, existia gente que não trabalhava e só festejava, só tinha toda a sorte de prazeres. E tu sabes: esta gente, nós simplesmente a escorraçamos.
- Sim – soluça Viera –, na sua ideia, aquele que trabalha, ele tem que estar sempre sofrendo.
- Para que ele deveria sofrer? O labor e a vida de trabalho também são alegrias (MAKARENKO, 2012, p. 602).

---

<sup>27</sup> De cualquier modo, si el trabajo no va acompañado de la enseñanza, si no va unido a la educación política y social, no dará provecho educativo, será un proceso neutral. podemos obligar al hombre a trabajar cuantos queramos, pero si simultáneamente no le educamos política e moralmente, se no participa em la vida social y política, este trabajo simplemente un proceso neutral sin resultados positivos. como medio educativo el trabajo solo es posible formando parte do sistema general (MAKARENKO, 1977, p. 19).

A maioria dos jovens não havia anteriormente realizado qualquer atividade laborial, o trabalho era algo alheio e visto como penoso, porém, com a obrigação do trabalho na colônia como uma das exigências para a permanência na colônia, os jovens, mesmo contrariados, foram disciplinados para desenvolver os afazeres aos quais eram designados. A sineta para o trabalho obrigava-os a se levantarem e se arrastarem com má vontade aos seus postos de trabalho; eles encontravam pretextos e possibilidades técnicas para virarem, vez ou outra, um flanco para qualquer sol.

Luedemann (1994) apresenta em sua dissertação as ideias centrais da proposta de educar pelo trabalho de Makarenko, que nos possibilitou elaborar os seguintes itens:

- 1) O trabalho só é útil à educação socialista quanto é parte da organização educativa e é relacionado à instrução, nesse sentido, todos os integrantes do coletivo devem trabalhar, desenvolvendo atividades que seja úteis ao coletivo e de acordo com sua capacidades;
- 2) as distintas formas de trabalho devem ser organizadas de acordo com as técnicas mais modernas disponíveis, bem como o trabalho deve possibilitar a criação humana;
- 3) cabe ao coletivo decidir como será organizado o trabalho e o que será feito com seus resultados.

No início os jovens realizavam trabalhos de manutenção na colônia, como retirar a neve, cortar lenha para o aquecimento e para a cozinha e outros labores necessários ao cotidiano. As terras da primeira sede da colônia Górkí não eram próprias para agricultura, e em sua função a instituição só possuía um animal de carga, já velho e sem condições para a realização de trabalhos pesados, as condições eram adversas, mas isso não impedia que na colônia educadores e educandos sonhassem com o desenvolvimento da agricultura. Ele narra:

Embora nosso cavalo Malích, com seus trinta anos, e a vetusta semeadeira nos dessem poucas esperanças de desenvolvimento da economia agrária, nossos sonhos tomaram um rumo exatamente agrário. Mas eram apenas sonhos, Malich representava um motor tão pouco adequado à agricultura, que somente na imaginação era possível pintar este quadro: Malích puxando um arado. Ademais, passavam fome na colônia não só os colonistas, mas também o Malích passava fome. Com grandes dificuldades conseguimos para ele alguma palha, às vezes um pouco de feno [...] Para terminar, o próprio solo da nossa colônia não prestava à agricultura. Era um terreno arenoso que qualquer sopro de vento deslocava, formando dunas (MAKARENKO, 2012, p, 48).

O trabalho produtivo na colônia Górkí só se desenvolveu quando as condições narradas anteriormente se alteraram, o elemento essencial foi mudança para um lugar mais amplo e com terras cultiváveis que viabilizou o início dos trabalhos com a terra e a maior integração dos jovens com as relações de trabalho e com o cotidiano do campesinato. Makarenko conta como foi o primeiro encontro com o local que posteriormente seria a nova sede da instituição. Ele afirma que era um local amplo, com grandes casarões em ruína, com uma enorme cocheira para cavalos, moinho e um grande pátio. A propriedade no período anterior à revolução pertencera a dois irmãos, que lutaram contra a revolução ao lado da Exército branco. O pedagogo destacava o elemento central que tornava a propriedade ideal a realização dos planos gorkianos: “o riacho rodeava a propriedade por três lados, circundando uma colina bastante elevada, inesperada na nossa planície. O pomar descia para o rio em três terraços: no primeiro, cerejas, no segundo, macieiras e pereiras e no terceiro, plantações inteiras de groselha-negra” (MAKARENKO, 2012, p. 49).

O pedagogo recebeu autorização do Comitê Executivo Provincial para transferir a colônia de local e, para obter tal concessão, ele alegou que a pobreza e a falta de perspectivas da atual sede da colônia não eram ideais para a evolução do coletivo que se formara na instituição. A mudança não foi imediata, foi necessário que, por algum tempo, os jovens trabalhassem nas duas colônias, pois a segunda sede exigia reformas para a mudança definitiva: “Os colonistas visitavam a segunda colônia todos os dias, boa parte do serviço eram eles que executavam” (MAKARENKO, 2012, p. 89). Makarenko narra quais os trabalhos realizados pelos jovens na segunda colônia, destacando que as atividades laboriais eram um exigência diária e que as alterações só ocorriam por meio da dedicação de todos ao trabalho coletivo. Observemos suas palavras:

Na colônia apareceu muita coisa nova para fazer. Iniciamos a construção de um estufa de plantas na segunda colônia, começamos a abrir picadas e nivelar pátios e quintais após a liquidação das ruínas de Trepke; levantávamos cercas e arcos, atacamos a construção de um ponte sobre o Lomomák no seu ponto mais estreito, na forja fazíamos camas de ferro para os colonistas e procedíamos ao concerto de nossos implementos agrícolas, e cuidávamos febrilmente de terminar a reforma das casas da segunda colônia, eu sobregarregava sem dó a colônia de novas e novas tarefas, e exigia de toda a sociedade colonista a antiga precisão de perfeição do trabalho (MAKARENKO, 2012, p. 187).

O trabalho dos jovens era dificultado pelos recursos escassos, mas isso não interrompeu o trabalho dos colonos, que sonhavam constantemente com a nova colônia. Nas palavras de Makarenko: “Cada vez mais, os nossos olhares se voltavam para a segunda colônia, lá nas

margens do Kolomák, onde na primavera os jardins floriam tão luxuriantes e o solo brilhava de gordurosa terra negra” (MAKARENKO, 2012, p. 89). A conquista da segunda colônia possibilitou que os colonistas transformassem os sonhos em realidade.

Com a mesma alegria que iniciaram os trabalhos na nova colônia, os gorkianos receberam do Departamento de Menores um cavalo, que [...] era de pelo ruivo, relativamente novo e bastante bem alimentado (MAKARENKO, 2012, p. 57). O cavalo havia sido furtado, o infrator apreendido, porém o dono do animal não havia sido encontrado, sendo assim, foi doado para os colonistas. Logo depois da chegada do cavalo, foi produzida na colônia uma espécie de arado, que possibilitou que os jovens começassem a preparar a terra para a plantação.

Ao referir-se aos primeiros passos dados no trabalho com relação à agricultura, assim comenta: “No outono, apesar de tudo, conseguimos semear centeio na segunda colônia. Todos eram agrônomos. Kaliná Ivanovitch pouco entendia de agricultura, os outros entendiam ainda menos, mas todos tinham disposição de trabalhar com o arado e a semeadeira” (MAKARENKO, 2012, p. 94).

Nesse período inicial, as aventuras na agricultura e as investidas no cultivo com a terra ora rendiam alegria e, em outras sofrimentos, eram um constante acerto e erro. Esse cenário sofreu alterações com a chegada de Shere ao quadro pedagógico da colônia Górkí. Muitos melhoramentos foram possibilitados quando ele, o que hoje poderia ser comparado a um professor de agronomia, mudou-se para a instituição. Ele dominava as melhores técnicas e tinha conhecimentos avançados acerca do trabalho com a terra. Por meio dos conhecimentos do agrônomo, o trabalho agrícola progrediu, possibilitando, inclusive, o início da criação de animais, como porcos para engorda e vaca leiteiras. Shere era um homem incansável, sempre disposto a compartilhar seus conhecimentos, como afirma Makarenko: “A agricultura recebeu um poderoso reforço” (MAKARENKO, 2012, p. 189) e acrescenta “ Shere conduzia as coisas energicamente” (MAKARENKO, 2012, p. 195).

O avanço do trabalho atribuía vida ao coletivo que se desenvolvia no solo da colônia Górkí. O trabalho era a atividade principal de toda a coletividade, e por meio dele os laços de camaradagem tornavam-se mais fortes, o que revigorava o coletivo. “ O dia comum da colônia, naquele tempo era um dia ótimo, cheio de trabalho, de confiança, de sentimento, de camaradagem humana, e sempre cheio de riso, brincadeira, disposição e um ambiente geral animado e muito bom” (MAKARENKO, 2012, p. 104).

Por muito tempo a fome impediu que o coletivo gorkiano atingisse os avanços planejados por Makarenko. O trabalho possibilitou que os jovens saciassem a primeira

necessidade humana, como descreve o pedagogo: “[...] durante algum tempo os colonistas interessavam exclusivamente pela satisfação da mais primária necessidade humana – o alimento” (MAKARENKO, 2012, p. 140). O início da economia rural garantiu a sobrevivência digna de educandos e educadores e permitiu que a vida coletiva gorkiana progredisse a passos largos, e, apesar das dificuldades cotidianas, a vida na instituição diferenciava-se muito da vivenciada nos primeiros meses de sua existência: “[...] nossos lucros atuais eram despendidos na luta com os pegajosos remanescente da nova pobreza, voltar à qual seria para nós insuportável” (MAKARENKO, 2012, p. 247).

Passaram a compor o quadro pedagógico da colônia Górkki um professor de carpintaria e um instrutor do ofício de soldador. Na carpintaria produziam portas, janelas e bancos para a nova colônia. Makarenko narra como acontecia na oficina a aprendizagem do novo ofício pelos gorkianos na ferraria: “Nós ferrávamos os cavalos dos aldeões, colocávamos aros nas rodas de suas carroças, reformávamos seus arados (MAKARENKO, 2012, p. 59). As produções com a madeira e ferro eram ainda muito iniciais, mas já ampliavam a rede de trabalhos desenvolvidos na colônia: “ Junto comigo, todos ficaram empolgados pelo trabalho subidamente desenvolvido, dentre a rapaziada já se destacavam carpinteiros e ferreiros, nos nossos bolsos começou a tilintar um dinheirinho” (MAKARENKO, 2012, p. 59).

O trabalho agrícola era o principal na colônia, ele era visto como o meio de subsistência e da melhoria da vida financeira da colônia. Os trabalhos nas oficinas também eram essenciais, não rendiam tantos frutos quanto o agrícola, mas eram vistos por muitos jovens como o aprendizado de uma futura profissão, considerando que a prioridade era dada para setores em que os colonos pudessem desenvolver habilidades profissionais. Nos meses mais quentes os jovens permaneciam trabalhando com a terra, no inverno lotavam as oficinas. (MAKARENKO, 2012).

Com o avanço do trabalho produtivo na colônia, a pobreza dos anos iniciais deu lugar a um progresso nunca antes vivenciado na colônia, como narra Makarenko em *Poema Pedagógico*; a vida na colônia melhorava sensivelmente, o que era notado na aparência dos jovens e progressos constantes na produção: “A nossa investida já liquidará os velhos farrapos, os bonés estralçados, as camas de dobrar, os cobertores de algodão dos tempos dos últimos *Románoffs* e os pés enrolados em trapos (MAKARENKO, 2012, p. 254).

Demonstrando a intrínseca relação entre trabalho e instrução, os avanços dos meios produtivos garantiram à colônia lucros financeiros, e tais lucros, além de serem investidos em instrumentos que permitiam novos avanços no trabalho, como novos cavalos, moinhos, animais de engorda, eram também utilizados na compra de livros. Makarenko relata:

“Começamos a gastar muito dinheiro em livros. No praticável do altar já não sobrava espaço para as estantes, nem no salão da leitura, para os leitores” (MAKARENKO, 2012, p. 594). Posteriormente, o dinheiro também era gasto na montagem de peças de teatro, na criação de uma orquestra e na tímida inserção dos colonistas na arte do cinema. Ele afirma que “O trabalho cultural aprofundou-se” (MAKARENKO, 2012, p. 594). A colônia começou a ficar rica, não só economicamente, mas também em cultura e ordem.

Na percepção de Makarenko, não existia hierarquia entre as várias formas de trabalho, dos mais elementares aos mais complexos, todos possuíam seu grau de importância na vida cotidiana da coletividade e em seu crescimento, era por isso que os jovens desenvolviam as mais variadas funções; o mais importante era realizar cada uma delas com empenho e buscando a excelência. Nesse sentido, os destacamentos mistos constantemente alteravam os jovens entre as mais diversificadas tarefas. Makarenko afirma: “A faina agrícola era acompanhada de constantes mudanças de local e de caráter de trabalho, e em consequência levavam o coletivo a uma variedade de divisões de toda sorte de tarefas” (MAKARENKO, 2012, p. 207). Nem sempre os trabalhos realizados eram agradáveis, muitos eram penosos e desagradáveis, mas a realização de tais trabalhos era essencial para formação do novo homem.

Os dias seguiam, como narra Makarenko:

[...] um após o outros os severos dias de trabalho, dias cheios de alegria e cheios de preocupações, pequenas vitórias e fracassos, por detrás dos quais não percebemos, muitas vezes, grandes degraus e descobertas importantes, que determinam a nossa vida futura muito antecipadamente (MAKARENKO, 2012, p. 593).

E foram as pequenas vitórias cotidianas que possibilitaram ao coletivo gorkiano desenvolver na colônia algo muito semelhante a uma indústria; possuíam um oficina de marcenaria, com as mais variadas máquinas, o que possibilitou que produzissem encomendas de móveis, caixas de madeira e outros produtos. Logo após aventuraram-se no ramo da metalurgia. Os melhoramentos oriundos do trabalho realizado coletivamente eram visíveis, a vivacidade e a disciplina do coletivo eram refletidas em todos os cantos da colônia, como narra Makarenko:

Hoje se pode ver, com confiante alegria, como cresceu e melhorou a colônia. No parque, picadas largas cobertas de areia sublinham a verde riqueza dos três terraços, nos quais cada árvore, cada grupo de arbustos, cada linha do canteiro foram planejados em pensamentos noturnos, regados pelo suor laborioso dos destacamentos mistos, como com pedras preciosas, e enfeitadas pelos cuidados e pelo amor do coletivo (MAKARENKO, 2012, p. 343).

Um dos passos mais importantes dados pelo coletivo gorkiano, fruto do trabalho produtivo, foi o início da autogestão; os lucros aos poucos possibilitavam a independência financeira da colônia, tornando-a autônoma em relações aos recursos providos pelo Departamento de Instrução Pública.

A autogestão possibilitou a instituição de salários aos educandos, a medida gerou muita polêmica entre os meios pedagógicos, muitos afirmavam que instituir salários era o retorno total às relações capitalistas, pois o homem não trabalharia mais para o coletivo, mas sim para receber um ordenado. Para Makarenko, a instauração do salário não era uma ação incoerente com os objetivos da sociedade socialista, isso porque o salário foi instituído em um coletivo coeso e consciente e ajudaria os jovens a organizarem suas vidas, ordenando os interesses individuais e coletivos, e contribuiria para a preparação da vida futura, após deixarem a colônia. Nesse sentido, o pedagogo afirma: “[...] ele aprende e se acostuma a valorizar simplesmente o ordenado, e já não sairá do abrigo infantil à imagem de uma senhorita de internato que não sabe viver e só possui “ideais”” (MAKARENKO, 2012, p. 596).

O avanço alcançado no trabalho produtivo da colônia e os ganhos materiais possibilitaram aos jovens o sonho de construir na colônia uma verdadeira fábrica, reuniam-se em grupos e planejavam todos os detalhes. Esse objetivo foi alcançado em 1931, não na colônia Górkí, mas na Comuna Dzerjinski, era uma fábrica de instrumentos elétricos: “ Num salão alto e claro, decorado com flores e retratos, foram colocados dezenas de mais intrincadas máquinas, das mais diversas procedências [...] Não mais calções de banho saiam das mãos dos comunardos, mas aparelhos e máquinas complexos e elegantes, com centenas de detalhes, e cheirando a calculo integral” (MAKARENKO, 2012, p. 640).

Makarenko justifica a centralidade do trabalho produtivo em sua proposta de formação humana, ao estabelecer o objetivo de sua educação, que era o de formar o homem necessário à sociedade socialista, um indivíduo ativo e consciente. Ele compreendia a centralidade do trabalho para a alteração da sociedade, como podemos constatar em sua afirmação: “[...] ao mudarem as relações de trabalho dos homens, suas relações sociais, sua existência social, mudam também suas representações, suas opiniões e suas idéias, em suma, sua consciência [...]” (MAKARENKO, 2012, p. 651). Para ele, a educação do novo homem, obrigatoriamente, deveria passar pelo binômio trabalho/instrução.

Em Makarenko, o trabalho não é um simples ato mecânico, é elemento de crescimento do coletivo e o meio de transformação da sociedade. As relações de trabalho desenvolvidas na colônia estavam em consonância com a proposta de organização do trabalho em uma possível sociedade socialista; o trabalho era coletivo e não baseado na exploração, todos trabalhavam,

e o fruto do trabalho pertencia a todos; o trabalho nessa perspectiva é elemento de educação do indivíduo, humaniza-o. Da colônia saíram jovens que se dedicaram às mais diversas profissões e que contribuíram com o crescimento econômico da URSS. O trabalho na proposta pedagógica de Makarenko não estava voltado apenas para o mercado de trabalho; a profissionalização dos jovens foi uma consequência, e, em primeira instância, o objetivo do trabalho na colônia Górkki era o de contribuir com a efetivação de uma sociedade igualitária.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos analisar, no presente trabalho, a obra *Poema Pedagógico*, de Antón Makarenko. Nossa análise teve como intuito investigar qual a relevância das categorias coletividade, disciplina e trabalho na proposta educacional makarenkiana, desenvolvida na colônia Górkí e, posteriormente, divulgada como uma possibilidade de se educar os indivíduos no e para o socialismo. Para tanto, o trabalho teve seu conteúdo organizado da seguinte forma: na introdução do trabalho tecemos algumas considerações essenciais para a nossa análise, que abordavam o método de pesquisa utilizado e estabeleciam nossos objetivos e percurso; posteriormente apresentamos ao leitor a vida de Makarenko, atrelada ao seu contexto histórico; por fim tratamos especificamente da proposta pedagógica de Makarenko para a formação do novo homem, baseando nossa análise nas seguintes categorias: coletivo, disciplina e trabalho e tendo como fonte de pesquisa sua obra principal *Poema Pedagógico*. Toda a dissertação visou responder a seguinte questão: Qual a proposta pedagógica de Makarenko para a formação dos indivíduos na perspectiva de uma sociedade socialista e qual a relação de sua proposição com o contexto histórico em que o pedagogo estava inserido?

A proposta pedagógica desenvolvida por Makarenko se baseia em sua experiência profissional, desenvolvida na colônia Górkí; é uma proposta extremamente revolucionária e se propõe a contribuir com a transição para a sociedade socialista.

Como já mencionamos, na URSS, a Revolução de Outubro de 1917 não resultou na sociedade socialista, e a forma de governo instituída após a morte de Lenine levou o nome de comunista, mas de fato se aproxima em todos os aspectos do capitalismo. Acreditamos que pelos desdobramentos históricos, após a insurreição do proletariado, a proposta pedagógica de Makarenko não tenha alcançado destaque e, apesar de sua legitimidade, foi apenas desenvolvida por ele e alguns seguidores, sem muita representatividade, em termos numéricos.

Nos anos finais de sua vida, Makarenko percorreu grande parte da URSS, falando com todo o tipo de gente e divulgando seu método pedagógico, consciente da importância da transformação social e preocupado com o rumo que a sociedade soviética havia tomado. Górkí, ao perceber qual o destino da instrução pública na URSS, foi grande incentivador de Makarenko para que sistematizasse de forma escrita suas experiências na colônia Górkí, a fim de que a epopeia makarenkiana não se perdesse ao longo da história.

Os temas encontrados em *Poema Pedagógico* são uma possibilidade de leitura para educadores comprometidos com o processo de emancipação política dos indivíduos; trata-se

de um exemplo glorioso de educação que rompe com os valores e práticas do capitalismo que foi capaz de integrar jovens à sociedade. Infelizmente, a luta de classes, mesmo que velada, ocorre incessantemente, e propostas como a de Makarenko permanecem, por que não dizer, na clandestinidade ou são interpretadas de modo a favorecer o capital.

A obra de Makarenko tem muito a contribuir com a educação da atualidade, considerando que vivemos em tempos alheios ao processo de humanização. A escola ao longo dos séculos vem sendo usada como arma do capital na alienação dos indivíduos. Brotam teorias pedagógicas que valorizam a realidade do indivíduo e ali querem permanecer, mesmo quando essa realidade é marcada por pobreza e contradição. A escola aos poucos perde sua especificidade, assim como o professor. Grande parte das novas gerações não tem mais acesso ao conhecimento científico nos bancos escolares; são educadas para a subserviência e alienadas; por vezes colaboram com sua própria exploração, como imortalizou Brecht: “Como é natural nessas grandes caixas também haveria escolas. E nessas escolas os peixinhos aprenderiam como se nada na goela dos tubarões” (BRECHT, 1993, s/p).

Nesse contexto, na busca de propostas educacionais que humanizem e promovam a emancipação dos homens, ainda que politicamente, a obra de Makarenko e sua análise ganham especial valor.

Compreender, atrelada ao seu tempo histórico, a proposta de Makarenko para a educação dos homens é de suma importância; e foi o que buscamos apresentar em nossa dissertação.

Entendendo que a materialidade determina os homens, nosso texto buscou seguir a lógica do materialismo histórico-dialético, compreendendo Makarenko como um sujeito histórico, fruto das relações estabelecidas com outros homens. Essa postura justifica a organização de nossa dissertação, pois a retomada histórica empreendida neste texto buscou compreender quem foi Makarenko e sua proposta pedagógica dentro de seu contexto histórico específico.

A instituição escolar é o que podemos denominar de célula da sociedade, por isso é condicionada pela organização social em que está inserida. Isso justifica o fato de que, ao retornarmos às experiências pedagógicas vivenciadas por Makarenko, encontramos algo totalmente diferente do que existe hoje ao percorrermos as escolas contemporâneas. Afinal, a história é movimento, e cada período histórico tem suas características únicas. A história pode ser estudada, analisada, servir de exemplo, fornecer elementos para reflexão, envergonhar, mas não pode ser transposta do passado para o presente ou para o futuro. A escola, como elemento histórico, está sempre em consonância com seu meio social, seja reafirmando-o ou

tentando negá-lo, mas sempre está relacionada a esse meio. Por isso, afirmamos que a obra de Makarenko não pode ser encarada como um modelo, mas talvez um exemplo, uma inspiração, pois, como afirmamos, para nós esse é um autor clássico, que, apesar de ter produzido sua obra no início do século XX, apresenta elementos importantes para refletirmos a educação da contemporaneidade e aquela que almejamos para o futuro.

Toda organização social preocupa-se em formar homens necessários para a sua época e na perspectiva do futuro. Hoje, vivemos em uma sociedade capitalista, que, em termos gerais, em sua constituição, comporta duas classes, os capitalistas (donos do capital e dos meios de produção) e os proletários (todos aqueles que vendem sua força de trabalho física ou intelectual para garantir sua sobrevivência). Nesse modo de produção, a escola contribui para a formação dessas duas classes de indivíduos. Isso se torna claro quando pensamos nas inúmeras discussões acerca da qualidade da escola pública atual em vista da transformação social, mas o que observamos, na prática, é que grande número de escolas não se preocupa muito que o conteúdo científico nelas ministrado se torne um instrumento de mudança das estruturas capitalistas. Cabem aqui algumas perguntas: Será que de fato se almeja a tão proclamada qualidade na educação para a mudança? Será que é interessante ao grupo dominante formar indivíduos cultos e críticos, independente de sua classe social?

Constatamos que a escola é instituição essencial para a formação do homem necessário para cada momento histórico. Nosso foco foi a obra *Poema Pedagógico*, ambientada na URSS pós-revolução que almejava a constituição de uma sociedade socialista. Naquele momento nos deparamos com uma forma de instituição escolar que objetivava formar o novo homem socialista. Para isso era necessário romper com o capitalismo, formando um homem diferente por meio de uma nova educação e uma nova escola.

Nesse sentido, destacamos a educação como elemento principal em qualquer organização social. Paro nos diz que “[...] a educação constitui a mediação pela qual os seres humanos garantem a perpetuação de seu caráter histórico (PARO, 2001, p. 21). Quando nos referimos à educação, neste trabalho, nós a entendemos em sentido amplo, como já explicamos ao leitor. Conforme Boleiz Júnior, a educação “[...] realiza-se em todos os contextos sociais em que cada pessoa vive e convive” (BOLEIZ JÚNIOR, 2008, p. 155).

Makarenko compreendeu que a reeducação dos jovens delinquentes da colônia Górkí deveria estar atrelada aos objetivos da sociedade socialista, pois eles seriam também responsáveis pela construção do novo sistema social; nesse sentido, apoiou suas práticas no aporte teórico marxista. Ele apreendeu a centralidade do trabalho nas relações humanas e foi por meio do trabalho coletivo que organizou sua proposta pedagógica, valendo-se da

disciplina como meio de organizar os jovens que não estavam habituados com convivências sociais, pautadas na ordem.

Para o pedagogo, instruir era essencial, era direito das novas gerações ter acesso a tudo que havia sido produzido, em termos científicos, pela humanidade ao longo da história. Mas, além de instruir, os jovens deveriam ser educados e tal ação não era papel apenas da escola, mas da sociedade como um todo. Nas palavras de Prestes encontramos a concepção da diferença entre educação e instrução defendida por Makarenko: “[...] três dias antes de morrer, Makarenko reafirmou em sua última palestra pública, realizada num fórum de professores da Estrada de Ferro Iaroslavskai ‘eu insisto, a questão da educação e da metodologia da educação devem ser separadas do ensino. Devem ser separadas principalmente, porque o processo educacional não acontece somente dentro da escola’” (MAKARENKO, 2012, p. 651).

Nesse sentido, o que encontramos na obra de Makarenko é uma proposta de formação integral do homem soviético, que não está centrada na escola, mas que tem nela um *locus* privilegiado de transmissão de elementos essenciais para o novo homem que aspirava constituir. Porém a educação dos jovens colonos não se resumia aos bancos escolares, todas as ações cotidianas eram educativas, sendo elas planejadas ou não.

Na construção da URSS, o trabalho ganhou novo sentido, não era mais o trabalho penoso, que beirava a escravidão. Na intenção de se alcançar o socialismo, o trabalho produtivo não poderia estar mais centrado na relação de exploração entre homens, e, apesar das condições adversas enfrentadas, almejava-se o trabalho associado. Makarenko em sua ação pedagógica percebeu a centralidade do trabalho na vida dos homens e organizou, partindo da práxis, uma proposta educacional que rompia os muros escolares e encontrava no trabalho coletivo seu principal meio de organização não só da educação, mas de toda a vida.

Apesar de constatarmos a convicção de Makarenko em estar de fato educando homens necessários ao socialismo em seu período histórico, a proposta pedagógica do pedagogo não foi totalmente compreendida, as práticas disciplinares, os elementos militares não eram bem vistos por todos, que afirmavam que uma formação tão rígida não formaria um homem emancipado, necessário à nova organização social. A pedagogia makarenkiana foi considerada por superiores não soviética, pelas alegações que se seguem:

- O camarada Makarenko quer construir um processo pedagógico sobre a idéia do dever. É verdade que ele acrescenta a palavra “proletário”, mas isto não pode, camaradas, ocultar de nós a verdadeira essência da idéia. Aconselhamos o camarada Makarenko a examinar atentamente a gênese histórica da idéia do dever. Ele é uma idéia das relações burguesas, uma idéia de ordem profundamente mercantilista. A pedagogia soviética procura

educar o indivíduo a manifestação livre das forças e inclinações criativas, a iniciativa, mas de maneira alguma a categoria burguesa do dever.

- Com profunda tristeza e espanto nós ouvimos hoje do respeitável diretor de duas instituições modelares um apelo à educação do sentimento de honra. Não podemos deixar de externar nosso protesto contra esse apelo. A opinião pública soviética também junta a sua voz à da ciência, também ela não pode se reconciliar com o retorno desta noção, que nos lembra tão gritantemente os privilégios militares, fardas de oficiais e divisas.

-Não podemos nos aprofundar no exame de todas as declarações do autor, referente à produção industrial. Pode ser que, do ponto de vista do enriquecimento material da colona, isto seja até um negócio proveitoso, mas para ciência pedagógica não pode incluir entre os fatores da influência pedagógica a análise da produção, e muito menos pode aprova teses do autor tais como a de que o “plano industrial-financeiro é o melhor educador”. Semelhantes colocações não são outra coisa senão vulgarização da ideia de educação do trabalho (MAKARENKO, 2012, p. 633).

Contrariando seus superiores e um grupo forte de educadores soviéticos que defendia que a educação deveria ser centrada no indivíduo, Makarenko elaborou uma pedagogia em que o objeto de ação era o coletivo e a centralidade estava no trabalho produtivo coletivo. Enquanto um grupo de educadores defendia que a educação do homem socialista deveria ser pautada na liberdade e na autonomia individual. Para Makarenko, “[...] a iniciativa só virá quando houver uma tarefa, e a responsabilidade quando existe uma exigência do coletivo” (MAKARENKO, 2012, p. 634). Podemos afirmar que as características necessárias ao homem socialista, para Makarenko, não “surgiriam” apenas com o convívio dos indivíduos como uma nova organização dos homens; para ele, era necessário ter intencionalidade e dar direção na formação dos homens. A defesa de Makarenko centrava-se na educação do indivíduo dentro do coletivo, dando a ele responsabilidades, deveres, exigências e exemplos, apenas em um estágio superior, em que as relações coletivas, sua necessidade e importância já estivessem internalizadas, e se livrasse do individualismo egocêntrico, característico das sociedades organizadas em classes. Então se poderia de fato vivenciar a verdadeira liberdade e autonomia humana.

Por seu caráter extremamente prático, Makarenko foi, por vezes, acusado de manter uma pedagogia ditatorial, que desconsiderava as individualidades e que se valia de valores burgueses, como, por exemplo, a meritocracia. Ele se defendia de tais acusações, afirmando que a pedagogia desenvolvida e aplicada por ele era “real” e não idealizada como a de seus acusadores. Para ele, o mais importante não era o interesse do indivíduo, mas sim os da coletividade, e, mesmo que estes estivessem em contradição, deveriam prevalecer. O pedagogo se colocava veemente contrário à pedagogia do espontaneísmo; para ele, os educandos deviam ser educados em função da sociedade. A organização para o coletivo

exigia uma nova educação da natureza humana. Boleiz Júnior afirma que, na compreensão de Makarenko, “[...] a felicidade se ligava à participação em atividades sociais e interconectava-se, em primeiro plano, aos cumprimentos dos deveres e responsabilidades delas decorrentes (BOLEIZ JÚNIOR, 2008, p. 88).

A proposta pedagógica de Makarenko é um exemplo bem sucedido de reeducação de jovens que se encontravam à margem da lei e eram considerados um problema social, pois foi capaz de alterar as vidas embrutecidas dos jovens e transformá-los em jovens instruídos e trabalhadores, pertencentes ao coletivo que se formou na colônia Górkí. Como ele mesmo define, os jovens passaram por um processo de transfiguração.

Muitas das questões encontradas em *Poema Pedagógico* se apresentam em nossa realidade com uma nova roupagem histórica. Por isso, afirmamos que a obra *Poema Pedagógico* apresenta subsídios para a reflexão de problemas contemporâneos, sobretudo em nosso país, em que a reeducação de jovens delinquentes e a educação das crianças e jovens considerados “normais” é perpassada por problemas de todas as ordens.

Particularmente a obra de Makarenko suscita em nós a defesa de uma educação que forme indivíduos no e pelo coletivo, e para que, nas palavras de Makarenko, seja um “ser humano verdadeiro” e contribua com a superação do capitalismo.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- AMBONI, V.; BEZERRA NETO, L.; BEZERRA, M. C. S. Antón Semionovith Makarenko: a razão materialista na construção da escola socialista do trabalho. **Revista Estudos do Trabalho**, São Paulo, ano 6, n. 12, 2013. Disponível em: <<http://www.estudosdotrabalho.org>>. Acesso em: 13 jun. 2014.
- BELINKY, Tatiana. Apresentação. In: MAKARENKO, A. S. **Poema Pedagógico**. São Paulo: Editoria 34, 2012.
- BERTONHA, João Fábio. **Rússia, ascensão e queda de um Império: uma história Geopolítica de Militar da Rússia, dos Czares ao Século XXI**. Curitiba: Juruá Editora, 2011.
- BITTAR, Marisa; FERREIRA JÚNIOR, Amarílio. A educação na Rússia de Lênin. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, Número Especial, p. 377-396, abr. 2011.
- BRECHT, B. A mãe. In: \_\_\_\_\_. **Teatro completo em 12 volumes**. Tradução de Roberto Schwarz *et al.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p. 161-236 (Col. Teatro, v. 12).
- \_\_\_\_\_. **Histórias do Senhor Keuner**. Lisboa: Hiena Editora, 1993.
- BOLEIZ JÚNIOR, Flávio. **Pistrak e Makarenko: pedagogia social e educação do trabalho**. 2008. 168 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- CAPRILES, R. O caminho de um pedagogo soviético: centenário do nascimento de Makarenko. **Caderno Rio Arte**, Rio de Janeiro, a. 1, n. 1, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Pensamento e ação no magistério: Makarenko, o nascimento da pedagogia socialista**. São Paulo: Scipione, 2007.
- COURTOIS, S.; WERTH, N.; PANNÉ, J. L.; PACKWOWSKI, A.; BARTOSEK, K.; MARLOLINI, J. L. **O livro negro do comunismo: crimes, terror e repressão**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- DAL RI, N. M.; VIEITEZ, C. G. **Educação democrática e trabalho associado no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e nas fábricas de autogestão**. São Paulo: Ícone: FAPESP, 2008.
- DUARTE, Pedro. O que faz uma obra um clássico? **Revista Poiesis**, Florianópolis, n. 11, p. 191-213, nov. 2008.
- CAPES. Pibid. **Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência**. Publicado em 3 setembro 2008. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid>>. Acesso em: 2 mar. 2014.

CAMBI, F. **História da Pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999.

COMISSÃO do Comitê Central do PC (b) da URSS. **História do Partido Comunista (Bolchevique) da URSS**. Pernambuco: Edições Centro Cultural Manoel Lisboa, 1999.

EMÉLIANOV, A. **A aldeia soviética**. São Paulo: Estampa, 1976.

ENGELS, Friedrich. Engels to C. Schmidt in Stuttgart. London, August 5, 1890. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Selected correspondence**. Translated by the Late I. Lasker. Moscow: Progress Publishers, 1965. p. 415-416.

FIGES, Orlando. **Tragédia de um povo: a Revolução Russa, 1891-1924**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

FREITAS, Caio de. **A revolução Russa**. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1967.

GOGOL, Nikolai. **Almas mortas**. Tradução de Tatiana Belinky. São Paulo: Nova Cultural, 2003.

GOLDMAN, E. **Dois anos na Rússia: dez artigos publicados no The World**. Campinas, SP: Barricada Libertária, 2012.

GOLDMAN, E. **O indivíduo, a sociedade e o Estado, e outros ensaios**. São Paulo: Hedra, 2007.

GÓRKI, Máximo. **A Mãe**. São Paulo: Expressão Popular, 2000.

HOBBSAWM, E. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. Tradução de Marcos Santarrita; Revisão Técnica de Maria Célia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. O que os historiadores devem Karl Marx? In: \_\_\_\_\_. **Sobre história: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 155-170.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro Salles. **Minidicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KUMARIN, V. **Anton Makarenko: su vida y labor pedagógica**. Moscou: Progreso, 1975.

LENINE, V. I. **Esquerdismo: doença infantil do comunismo**. Publicado em 1920. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/lenin/1920/esquerdismo/>>. Acesso em: 23 jul. 2014.

\_\_\_\_\_. Uma grande iniciativa. In: \_\_\_\_\_. **Obras Escolhidas**. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1980a. t. 3. p. 143-160.

\_\_\_\_\_. As tarefas das uniões da juventude. In: \_\_\_\_\_. **Obras Escolhidas**. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1980b. t. 3. p. 386-397.

LENINE, V. I. **Carta ao Congresso**: Testamento Político de Lenin. Publicado em 1923. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/lenin/1923/01/04.htm>>. Acesso em: 12 abr. 2014.

\_\_\_\_\_. **Oueuvres**. Tradução de José André Lopes Gonçalez. Éditions Du Progrès, Moscovo, 1974. t. 23. p. 259-277.

\_\_\_\_\_. **O Estado e a Revolução**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

LESSA, Sérgio. Lukács: momento predominante e transição ao comunismo. **Revista Novos Temas 05/06**, Salvador: Ed. Quarteto. 2012a. Disponível em: <[http://www.sergiolessa.com/files/MomtPredo\\_enviado.pdf](http://www.sergiolessa.com/files/MomtPredo_enviado.pdf)>. Acesso em: 16 ago. 2014.

\_\_\_\_\_. **Proletariado e sujeito revolucionário**. São Paulo: Instituto Lukács, 2012b.

\_\_\_\_\_. **Cadê os operários?** São Paulo: Instituto Lakács, 2014a.

\_\_\_\_\_. **O revolucionário e o estudo**: Por que não estudamos? São Paulo: Instituto Kukacs, 2014b.

LINDENBERG, D. **A Internacional Comunista e a escola de classes**. Coimbra: Centelha, 1977.

LUDWIG, Emil. **Stalin (1942)**. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/stalin/biografia/ludwig/index.htm>>. Acesso em: 21 fev. 2014.

LUEDEMANN, Cecília da Silveira. **Anton Makarenko**: vida e obra: a pedagogia na revolução. São Paulo: Expressão Popular, 2002.

\_\_\_\_\_. **Makarenko**: a escola como coletividade. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1994.

LUKACS, G. **História e Consciência de Classe**. Lisboa: Escorpião, 1974.

LUNATCHARSKI, A. V. **Sobre a instrução escolar**. Moscou: Edições Progresso. 1988.

MAKARENKO, Anton Semionovich. **O Socialismo e a educação dos filhos**. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1956.

\_\_\_\_\_. **La colectividad y la educacion de la personalidad**. Tradução de V. Kumarin. Moscú: Editora Progreso. 1977.

\_\_\_\_\_. **Conferências sobre Educação Infantil**. São Paulo: Moraes, 1981.

\_\_\_\_\_. **Problemas da educação escolar**. Moscovo: Progresso, 1986.

\_\_\_\_\_. **Poema Pedagógico**. Tradução do original russo de Tatiana Belinky; posfácio de Zóia Prestes. São Paulo: Ed.34, 2012. 656 p. (coleção leste).

MAKARENKO, Anton Semionovich. **Problemas de la educacional escolar soviética**. Moscú: Editorial Progreso: s/d

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: 1963-1964.

\_\_\_\_\_. Instruções para os delegados do Conselho Geral Provisório: as diferentes questões. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Obras escolhidas em três tomos**. Tradução de José Barta Moura. Moscou: Edições Progreso; Lisboa: Edições “Avante!”. 1982. t. 2, p. 79-89.

\_\_\_\_\_. **Introdução a crítica da economia política**. 2. ed. Tradução de Maria Helena Barreiro de Alves. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

\_\_\_\_\_. **A miséria da filosofia**. Tradução de José Paulo Netto. São Paulo: Global, 1985. (A Metafísica da Economia Política).

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. 5. ed. Tradução de José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Hucitec, 1986.

\_\_\_\_\_. **O Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Cortez, 1998.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. Trabalho, sociedade e valor. In: \_\_\_\_\_. **Economia política: uma introdução**. São Paulo. Cortez, 2006. p. 29-53.

OLIVEIRA, C. M. **A formação do homem novo na pedagogia de Anton S. Makarenko: um estudo introdutório na perspectiva da ontologia marxiana-kukacsiana**. 2012. 115 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2012.

OLIVEIRA, Márcia Gardencia Monteiro; QUINTANEIRO, Tânia. Karl Marx. In: QUINTANEIRO, Tânia; BARBOSA, Márcia Lígia de Oliveira; OLIVEIRA, Márcia Gardencia Monteiro. **Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber**. 2. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Editora da UFMG. 2002. p. 27-66.

PALACIOS, Jesús. **A questão escolar: críticas e alternativas**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 1989.

PARO, Vitor Henrique. **Escritos sobre a educação**. São Paulo: Xamã, 2001.

PAVÃO, R. M. **Educação Revolucionária: pedagogia que fracassou?** 2009. 145 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2009.

TCKESKISS, L. A. **O materialismo histórico em 14 lições**. Editora Calvino Filho, 1934. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/tematica/1922/materia/cap07.htm>>. Acesso em: 15 jul. 2014.

TONET, I. **Educação, cidadania e emancipação**. Ijuí: Unijuí, 2005.

\_\_\_\_\_. **Educação contra o capital**. Maceió: Edufal, 2007.

\_\_\_\_\_. **Sobre o socialismo**. São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

RADICE, L. L. **Palestra pronunciada em dezembro de 1951 no Encontro Sobre a Escola e Pedagogia Soviéticas**. Publicado no volume *Seugla e Pedagogia nell'URSS*, ed. de Itália - URSS. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/makarenko/educa/nota.htm>>. Acesso em: 11 maio 2014.

REED, J. **Dez dias que abalaram o mundo**. São Paulo: Global Editora, 1978.

REIS FILHO, D. A. **URSS: o socialismo real (1921-1964)**. São Paulo: Brasiliense, 1983 (Tudo é História).

\_\_\_\_\_. **A Revolução Russa: 1917-1921**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.

RODRIGUES, Leôncio Martins; DE FIORE, Ottaviano. **Lenin: Capitalismo de Estado e Burocracia**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

RODRIGUES, Margarita Victoria. Para uma releitura do mestre Makarenko: notas de uma pedagogia concreta. **Educação e Filosofia**, São Paulo, v. 18, n. 35-36, p. 311-340, jan./dez. 2004.

ROSEN, Seymour M. **Education and Modernization in the USSR**. Addisonwesley Publishing Company, 1971.

RUMIÁNTSEV, A. **Dicionário do Comunismo Científico**. São Paulo: Progresso, 1981.

RUIZ, M. J. F. Trabalho coletivo na escola pública: contribuições pedagógicas de Anton Semionovitch Makarenko. **Revista ORG & DEMO**, Marília, v. 9, n.1/2, p. 223-240, jan./dez. 2008.

SERGE, V. **A verdadeira personalidade de Lenine (1937)**. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/serge/1937/mes/personalidade-ga.htm>>. Acesso em: 21 fev. 2014.

VOLINE. **The Unknown Revolution**. Montreal: Black Rose Books, 1975.

WOOD, A. **As origens da Revolução Russa de 1861 a 1917**. Tradução de Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Ed. Ática, 1991.